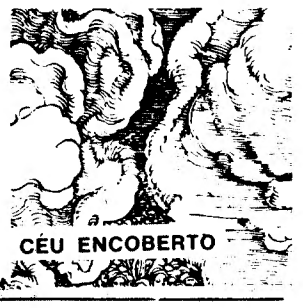
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1974 N.º 018401 ANO 53.º PREÇO 2$50



ESCOLAS DE BELAS ARTES DE LISBOA

A ARTE DE FUNCIONAR SEM SOBRESSALTOS

A Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa mais parece não existir. Sejamos realistas. Com a vida delimitada pelo espaço interior (narcísico, cheio de nus, as celas, todo voltado para o grande pátio) o velho mosteiro da confraria de S. Lucas ainda é habitado pelos espíritos dos que já partiram. E nisso se comprazem os que o povoam agora!

Os alunos acorreram a inscrever-se em número de 1613. Novecentos em arquitectura, mais um terço em escultura e outro terço em pintura. A partir do 2.º e 3.º anos, matriculam-se na Escola, evitam perder o ano por faltas e vão, todos, praticar para ateliers particulares. Os outros partem para Bruxelas, Estocolmo, Londres, Munique, Lausanne (os regressados são muito considerados e ganham muito dinheiro), os outros vão para o ARCO, para o IADE, para CASA.

A Escola tem sempre funcionado, ao contrário de todas as outras escolas superiores de Lisboa e da sua congénere do Porto. O ciclo das Reformas do Ensino Superior não se manifestou em Belas-Artes e mesmo o director, o escultor Joaquim Correia, não sabe nada sobre uma sempre possível Reforma:

O que lhe posso dizer é que não sei nada — respondeu-nos. Insistimos e a resposta voltou: — **Sei tanto como você!**. O jornalista também não sabia nada e entrou em contacto com o arq.º Frederico George:

— **Sim, é verdade que elaborei um projecto de ensino da Arquitectura em Portugal. Mas**

Continua na pág. 20

A crise da Aliança Atlântica atinge segundo o "Times" proporções muito sérias

LONDRES, 18 — (R.) — «A crise da Aliança Atlântica atingiu agora proporções muito sérias», escreve hoje em editorial o «Times» de Londres, comentando as recentes declarações públicas do presidente Nixon e de Henry Kissinger.

«Resta, porém, saber se os americanos estão a manifestar uma irritação espontânea ou se tudo não passa de uma tentativa deliberada e cuidadosamente planeada para obrigar oito dos membros da comunidade europeia a coligarem-se contra a França».

Noutro ponto o editorial prossegue: «A situação da Europa e as suas relações com a América parecem estar numa fase demasiado delicada e complexa para reagirem bem perante esse tratamento de choque.

«O problema básico na Europa é o de ter personalidade a menos e não a mais e esse problema agrava-se ainda mais com a tendência da França para utilizar os Estados Unidos como pedra de toque contra a qual a Europa deve afirmar a sua identidade. Isso é mais ou menos o que acontece com a criança que diz «não» aos pais para assim se afirmar».

Por seu turno o «Daily Telegraph», jornal das direitas, escreve:

«Ter dito, como disse Jobert na semana passada, que a presença das tropas americanas na Europa não é indispensável constitui uma flagrante estupidez. Uma estupidez tão grande como seria a de Wilson se interferisse nas bases navais nucleares dos Estados Unidos na Grã-Bretanha apenas para agradar à ala esquerda do seu partido».

Dirigentes sindicalistas acorrem a salvar o governo de Wilson

LONDRES, 18 (R.) — Tudo indica que o Gabinete minoritário trabalhista da Grã-Bretanha, no Poder há duas semanas, poderia passar hoje a sua primeira prova difícil em virtude da oposição parecer pouco disposta a reagir antes da votação crucial de hoje, à noite, no Parlamento sobre a política do Governo.

Havia mesmo indicações de que a votação, sobre uma proposta emenda ao discurso do trono apresentando o programa trabalhista, poderia não se realizar visto tanto o Governo como a oposição compreenderem que ela poderia mergulhar o país num caos constitucional.

A pressão oposicionista para aprovação da emenda, acrescentando uma política obrigatória de salários e preços ao programa trabalhista, pareceu ter diminuido, após dirigentes sindicais acorrerem em salvamento do primeiro-ministro Harold Wilson. Esses dirigentes prometeram tolerar as actuais restricções legais quanto a salários e preços impostos pelo anterior Governo Conservador, mas apenas até um novo sistema de livre regateio poder ser estabelecido.

Além disso, vários deputados conservadores deveriam abster-se provavelmente na votação de hoje, à noite, segundo se pensava, deixando o Governo, com o aguardado auxílio de uma dezena de nacionalistas escoceses e galeses, como o provável vencedor.

FIM DO EMBARGO

O PETRÓLEO ÁRABE SEGUE DE NOVO PARA A AMÉRICA

VIENA, 18 (R.) — Os Governos árabes permitirão hoje que o seu petróleo siga de novo para os Estados Unidos, após cinco meses de embargo, segundo afirmou o ministro do Petróleo da Arábia Saudita, xeque Ahmed Zaki Yamani.

O ministro declarou a noite passada que os Estados Árabes chegaram a pleno acordo para acabar com o embargo, imposto durante a guerra de Outubro no Médio Oriente por causa do apoio norte-americano a Israel. Contudo, o xeque Yamani nada disse acerca do termo do embargo contra a Holanda.

As restrições «serão levantadas amanhã», disse a jornalista, após uma tarde de sessões com ministros de oito outros Estados árabes, que voltarão a reunir-se hoje, às 16 horas, presumivelmente para anunciar a decisão.

O sinal há muito aguardado para o petróleo árabe começar a seguir de novo para os Estados Unidos registou-se após os Estados árabes concordarem com outros dos principais países exportadores do precioso líquido para manterem os seus preços congelados — a altas médias «record» — por mais três meses.

Essa decisão, descrita como um gesto de boa vontade pelo ministro persa das Finanças, Jamshid Amouzegar, foi tomada pela Organização dos países Exportadores de Petróleo (OPEP), formada por 12 nações.

O egipto e a Arábia Saudita insistiram energicamente com o fim do embargo aos Estados Unidos como um prémio pelas diligências de Washington para conseguir a paz no Médio Oriente.

O ministro egípcio do Petróleo, Ahmed Hallal e o ministro saudita, xeque Ahmed Zaki Yamani beijam-se durante a reunião crucial da OPEP, ontem, em Viena (Telefoto UPI-Telimprensa-«DL»)

Investimento em Angola no Sector das Pescas

LUANDA, 17 — (L.) — Ascende a 700 mil contos o investimento de uma grande empresa de pescas que vai ser constituída pelo Grupo Quina e seus associados, designadamente o Banco de Crédito e Comercial de Angola, a Companhia Portuguesa de Pesca e a Sociedade dos Armadores de Pescas de Moçambique.

Os estudos já realizados vão agora entrar em fase de maior desenvolvimento, com vista à rápida concretização da iniciativa. Para o efeito, encontra-se em Luanda uma equipa de engenheiros, economistas e outros técnicos, que apreciarão localmente as implicações que um projecto desta envergadura acarreta.

A empresa fará incidir a sua actividade na captura, processamento e comercialização de crustáceos e outras espécies que abundam nas águas territoriais de Angola.

Associação do Teatro de amadores

Ao mesmo tempo que se comemora o Dia do Teatro Amador Português, realiza-se no dia 21 de Março, às 21 e 30, na sede do Campolide Atlético Clube, uma reunião para decidir sobre a constituição da Associação Portuguesa do Teatro de Amadores, cujos estatutos foram entregues em 1969 ao ministro da Educação Nacional.

Edição de 28 páginas incluindo "Exclusivo"

DL/NACIONAL

ORA DIGA-NOS...

Acredita em golpes do destino?

— Cá por mim acredito! Nasci pobre e agora com esta idade pobre continuo. Uma pessoa quando nasce, não restam dúvidas, traz mesmo o destino traçado e, por mais que se labute, não existe forma de endireitar o que, desde logo, veio torto à nascença. É a isto que eu chamo um golpe sem remédio do destino — E a peixeira Maria Augusta, 65 anos envoltos num extenso xaile negro, depois de responder com ar descontraído furtou-se à objectiva fotográfica, porque, segundo a sua expressão, **«uma mulher viúva não deve andar p'raí a fazer espalhafato com a cara espetada nos jornais»**.

Vicente Coelho, paquete; «Qual golpe nem meio golpe! Isso é uma boa desculpa para os fracos».

Abordámos depois o motorista particular José Gouveia, de 50 anos, que já sobre o assunto tem uma opinião diferente: **— Não vou muito nessas coisas de golpes, até porque isso do destino não tem nenhuma razão de ser, pois é o homem com os seus actos e impulsos quem vai delineando o seu próprio futuro. Senão caíamos no «não te rales» e «no Maria vai com as outras» e ninguém passava da cepa torta.**

Após um longo silêncio e utilizando palavras lentas e profundamente meditadas, o jovem paquete Vicente Coelho, afirmou-nos: **— Qual golpe nem meio golpe. Quanto a mim o destino é uma boa desculpa para os fracos e preguiçosos. Como não se querem ralar, preferem esperar que as coisas vão acontecendo à sorte, sem fazerem qualquer esforço para as modificar. Se todos procedessem assim, o Mundo ainda não teria passado da Era da Pedra Lascada.**

A finalizar este breve inquérito escutámos a florista Ana Paula, que nos respondeu a propósito: **— Tretas é o que é! Pessoalmente penso que nada está determinado com antecedência e as coisas não vão acontecendo por acaso nem a vida das pessoas está desde logo decidida a partir da nascença. Isso seria como acabar antes de começar. Assim vou eu própria dando golpes para tentar melhorar a minha situação futura.**

José Gouveia, motorista particular: «Não vou muito nessas coisas de golpes!»

Ana Paula, florista: «Tretas, é o que é isso de golpes!»

Homenagem ao dr. Óscar Lopes

Diversas individualidades portuguesas vão prestar significativa homenagem, no próximo dia 20 de Abril (em local ainda a determinar), ao sr. dr. Óscar Lopes, homenagem que se filia na grandeza excepcional e multifacetada do ilustre crítico literário, insaísta, escritor, investigador de problemas da linguagem e ainda professor liceal.

Deram já a sua adesão o advogado dr. Raúl de Castro, o poeta Egito Gonçalves, dr. Armando Castro, Dr. Vitor Sá, o ensaísta dr. **Santos Simões**, os jornalistas César Príncipe e Nuno Teixeira Neves; os pintores Armando Alves e José Rodrigues, o escritor António Cabral, o ensaísta dr. **Ilídio Sardoeira**, editor José da Cruz Santos, dr. Arnaldo Saraiva, assistente da Faculdade de Letras do Porto, e os escritores Papiniano Carlos e Alexandre Cabral.

Outros nomes da cena política e intelectual portuguesa deram também a sua adesão àquela homenagem, nomeadamente o escritor Ferreira de Castro.

ARTES PLÁSTICAS

ISABEL LAGINHAS NA S. FRANCISCO

Hoje, pelas 22 horas, é inaugurada na Galeria S. Francisco (Rua Ivens, 40), uma exposição de trabalhos de pintura-desenho da artista lisboeta Isabel Laginhas.

PUBLICAÇÕES

BROTÉRIA — Está publicado o numero de Março desta revista. Do sumário destacamos os artigos referentes ao 7.º centenário da morte de S. Tomás de Aquino, por Paulo Durão; às utopias socialistas, por Ana Luísa Janeira; à atribuição do Prémio Nobel da Literatura de 1973 a Patrick White, por Ribeiro da Silva; ao caso Solijenitsjne, por I. Ribeiro, etc.

ALÉM-MAR — Saiu o número de Março desta publicação missionária. Inclui o texto da conferência feita por D. Helder Câmara aos jovens da cidade inglesa de Manchester, por ocasião da atribuição que lhe foi feita do Prémio Popular da Paz Norueguês.

BOLETIM INEF — Recebemos o número referente ao terceiro trimestre de 1973 desta publicação do Instituto Nacional de Educação Física. Insere artigos de Vítor da Fonseca, Carlos Vera Guardia, Albano Estrela, Paulo Governali e José Cordovil.

ACTIVIDADES ECONÓMICAS — Saiu o número 108 desta revista bimestral. Do sumário destacamos um estudo do prof. Guilherme Rosa sobre ciências empresariais.

BOLETIM DA SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS — Recebemos o n.º 1 de 1974.

Actualização de conhecimentos médicos

COIMBRA, 17 — Por iniciativa da Direcção-Geral dos Hospitais, a Comissão Inter-Hospitalar de Coimbra, está a realizar o programa de actualização de conhecimentos para médicos que exerçam a sua actividade em locais afastados dos grandes centros, o qual consta de prelecções seguidas de colóquio, a proferir nos hospitais distritais.

Assim, no decurso deste programa, efectuaram-se já sessões no Hospital Distrital de Viseu e Covilhã, com intervenções dos prof. dr. Vaz Serra e Freitas Tavares, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Temas versados: «O clínico e o coma diabético». O problema da úlcera gástrica» e «Clínicas terapêuticas das leucemias agudas».

Inquérito de conjuntura ao comércio

Promovida pelo Centro de Estudos de Planeamento, com a colaboração do Instituto Nacional de Estatística, realiza-se, no dia 27, às 10.30, no auditório da Feira Internacional de Lisboa, uma reunião com os empresários que participaram no inquérito de conjuntura ao comércio, para esclarecimentos, trocas de impressões e eventuais ajustamentos.

Este inquérito, realizado em 1973 com carácter experimental, destina-se a dar a «conhecer de forma permanente e com oportunidade a evolução da vida económica».

Dizem os Leitores

POR "ESTRADINHAS" O ALGARVE NÃO AVANÇA

A presente etapa da construção de novas auto-estradas não passa pelo Algarve. Os acessos ao sul, objecto de recentes declarações da autoridade competente, continuam porém na ordem do dia. As considerações de teor turístico costumam dominar as discussões. O nosso leitor Mário Ribas Franco, considerando que as vias de comunicação são condição prioritária do desenvolvimento económico, oferece outra perspectiva na **Carta Aberta ao Ex.º senhor presidente da Junta Autónoma das Estradas** que nos envia para publicação.

Começa por afirmar o sr. Ribas Franco:

Li na imprensa diária de Lisboa que a auto-estrada do sul, Lisboa-Algarve, não se justificava por enquanto, por não haver tráfego suficiente entre o Tejo e o distrito de Faro.

As minhas desculpas, por tão abalizado parecer, com o qual (embora leigo) discordo em absoluto. Ainda hoje se discute (e discutirá sempre), o «Ovo e a Galinha». Não se sabe se o «tráfego é que faz a estrada ou se é a estrada que faz o movimento (tráfego)».

Há um provérbio francês, que reza assim: «la route fait le commerce» e não me dou conta que o comércio fizesse a estrada, nem de ver «carros adiante dos bois».

Todos nós, que vamos ao Algarve, «pensamos três vezes», por qual das péssimas estradas que lhe dão acesso do norte, devemos optar, no sentido de poupar o físico, ganhar tempo, poupar carros e combustível, e não sofrer os «tratos de polé» a que se sujeitam os utentes das «estradinhas» do Algarve.

Tratando-se da maior estância turística do país, tenho de lamentar profundamente o douto parecer de V. Ex.ª.

Se temos de esperar, neste país, que o tráfego ande adiante das estradas e as justifique, nunca mais saímos da «cepa torta».

Prossegue o sr. Ribas Franco: **As «Avenidas Novas», Avenida da Liberdade, Baixa Pombalina, ao tempo que foram traçadas, não tinham nem de perto nem de longe, movimento que as justificasse tão «anchas», e são hoje o nosso salvatério para descongestionar o trânsito, enquanto que a maioria das ruelas novas que infesta Lisboa, sem esquecer o Metro, só serve para o complicar. Porém, o Algarve, tem movimento que sobre para as «estradinhas» que o servem, como recurso a quem não quer ir de avião! E cá estamos: o Aeroporto de Faro, contruído há dois dias... está a ser aumentado aos bochechos: ficará assim mais económico e servirá melhor o país?**

E mais adiante: **Sou já entradote nos anos e descobri o Algarve turístico há 30 anos,** quando havia um hotelzinho **na praia da Rocha. Pensei investir no «Garve» as minhas poucas economias... olhei para as estradas que lhe dão acesso e desisti.**

Depois de referir experiência de países estrangeiros que pensaram para o futuro, dando prioridade às grandes auto-estradas para criarem as comunicações, em vez de conceberem vias à medida do tráfego do presente, o nosso leitor conclui: **bem sei que «em Roma sê Romano», mas as vias de comunicação produzem o mesmo efeito em todo o mundo!**

Contradança aos 58 anos da Sociedade Musical de Minde

Vive em «dissonância» a Sociedade Musical Mindense, como muitas outras colectividades populares do país: mas a despeito da alegação do Padre Anjos, que adiante veremos, não parece que o problema seja de músicas. Há «os indivíduos que não interessam à Música» e há «os que se dizem da Direcção». Pois para expulsar os primeiros, um dos segundos pôs os sócios na rua e fechou a colectividade. Conta-nos como foi o nosso leitor Cid Manata Pires, da rua do Casal, em Minde.

Em Minde, na Sociedade Musical Mindense, no passado domingo, procedeu-se a uma reunião para analisar e discutir assuntos de interesse para o desenvolvimento e progresso da colectividade e seus associados através da criação de actividades recreativas e culturais, nomeadamente a criação de um grupo de Teatro, promovida pelas Comissões de Trabalho há muito formadas e autorizadas.

Interveio o rev. padre Mário dos Anjos, que se diz Director da colectividade, com a finalidade de impedir que de futuro se promovam quaisquer iniciativas ou actividades de carácter recreativo ou cultural, pediu as chaves aos responsáveis das Comissões, convidou os sócios a sair e fechou a colectividade.

Alegou que tinha sido pressionado, que na colectividade trabalhavam indivíduos que não interessavam à música mas não disse quem eram.

Em face disto, conclui-se que provavelmente serão alguns indivíduos que se dizem da Direcção e que tudo têm feito para que a colectividade não progrida, criando dificuldades e obstáculos e afastando os sócios da sua colaboração e participação.

Nesta colectividade muita coisa está mal, nomeadamente: não tem direcção eleita, nem estatutos. Tem edifício próprio, feito através de peditórios à população, e tem 58 anos de existência.

Como não tem ainda estatutos, o edifício ainda não está em nome da colectividade, e alguns dos responsáveis não estão nada interessados nisso, pois colocam os seus interesses pessoais acima dos da colectividade.

É urgente que se mandem os estatutos para aprovação, para que o edifício possa ser posto em nome da colectividade.

Em Minde há muitas pessoas desejosas do progresso e desenvolvimento da colectividade mas em contrapartida há outros que nada fazem nem deixam os outros fazer.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Jeremy Thorpe, um árbitro?

Jeremy Thorpe é, sem dúvida, um dos mais dinâmicos e, também, um dos mais irrequietos dos homens políticos britânicos. Tem quase o físico desses políticos meridionais — porte modesto, olhos de azeviche — bons faladores e cuja energia parece inesgotável. E, ao mesmo tempo, de uma elegância muito britânica, clássica mesmo, e não é raro vê-lo nos bancos de Westminster, de jaquetão preto e calças de fantasia, segundo as mais estritas tradições dos membros do foro londrino, de que ele próprio faz parte.

A educação explica esta fidelidade às tradições? Filho e neto de parlamentares conservadores, Jeremy Thorpe passou por Eton e por Oxford. E assim, não somente um dos mais puros produtos do **establishment** britânico, mas não se esconde que, diferentemente de muitos dos seus contemporâneos, alguma vez tenha experimentado a tentação socialista. Ligado ao Partido Liberal desde os seus anos da universidade, é eleito pela primeira vez em Westminster em 1959 e sucede a Jo Grimond na chefia do seu partido no mês de Janeiro de 1967, com a idade de trinta e oito anos.

O novo chefe liberal quer, então, ser o homem do renascimento do seu partido. No congresso liberal que se reune alguns meses após a sua nomeação, ele denuncia a sensação de **desolação** que faz nascer na opinião pública o estilo dos políticos tanto por parte dos trabalhistas como por parte dos conservadores. Quer opor um novo tipo de **radicalismo**, uma **filosofia da vida** a este estado de coisas que, acima de tudo, corresponda melhor, na sua maneira de sentir, às aspirações das camadas mais jovens da população. E um apelo lançado a uma nova multidão de eleitores de cabelos compridos, amadores da música «pop» e das cores psicadélicas que a sua turbulência contestadora e as recordações da revolução cultural chinesa terão ironicamente baptizado **guardas rosas** pela Imprensa britânica. As audácias de Thorpe valem-lhe, na ocasião, interessantes alcunhas: **Bombardeiro Thorpe**, é uma alusão à sua sugestão de fazer intervir a RAF contra as vias férreas da Rodésia.

Há um pouco de paradoxo, por parte do chefe liberal, ao contestar algumas das bases da vida política britânica e ao inscrever-se nelas tão perfeitamente. Excelente **debater**, é um dos oradores mais apreciados da Câmara dos Comuns; a ausência de responsabilidades directas, quer no Governo, quer na oposição oficial, autoriza-o a excepcionais liberdades de pensamento e de expressão. Assim, ele veio incarnar uma personagem jovial, viva de ideias como de palavras e de movimentos, que não estorvam as prudências oratórias de regra no caso dos porta-vozes dos trabalhistas ou dos conservadores. Há ali muito com que seduzir os eleitores, sem, no entanto, convencer uma maioria da opinião de que este estilo políticopodeoferecerumaverdadeira alternativa ao poder dos dois grandes partidos de governo.

Aliás, Thorpe, por si mesmo, viu claramente este problema quando tomou a chefia do seu partido, há sete anos, e evocou o **muro da credibilidade** que os liberais teriam de franquear antes de se encontrar, sempre segundo a sua própria expressão, **no limiar do poder**. Nem sequer ainda aparentemente ali estão, embora o chefe liberal — graças ao seu próprio mérito mas, também, à carência dos seus rivais — tenha a possibilidade de se encontrar amanhã, em Westminter, na posição de árbitro.

FILARMÓNICA EM ESTEREOFONIA

Por cedência da Sender Freies Berlin, a Emissora Nacional incluiu nas sua emissão estereofónica do dia 29 de Março, às 22 horas, mais uma actuação da Filarmónica de Berlim, integrada no Festival daquela cidade. Dirige a orquestra o maestro japonês Seiji Ozawa que, além da estreia da nova versão de «Polaridades» do seu compatriota Maki Ishii, nos dá a música completa do bailado «Dphnis et Chloé» de Ravel e ainda a Sinfonia n.º 73, «A Caça», de Haydn. Claboram o Coro da Catedral de Santa Edviges e, na peça de Ishii, solistas em instrumentos clássicos do Japão.

Cancro

Foi assinado em Moscovo um acordo sobre a intensificação das trocas de medicamentos anticancerosos e dos meios de tratamento do cancro do pulmão por representantes dos cancerólogos americanos e soviéticos — anunciaram nos meios informados da capital soviética.

Segundo estes meios, o acordo visa, de início, estabelecer uma troca de medicamentos anticancerosos entre os Estados Unidos e a URSS. As investigações realizadas em comum acerca das origens do cancro no pulmão e do seu desenvolvimento são qualificadas de «passo importante», em virtude do elevado número de vítimas desta forma de cancro entre a população masculina americana e soviética.

O referido acordo inscreve-se no programa de cooperação Estados Unidos-URSS assinado em Moscovo quando da visita do presidente Nixon à capital soviética, em 1972.

Sondagem

Uma sondagem promovida pelo Instituto Francês da opinião pública publicada no «France Soir» indica que a popularidade do presidente Georges Pompidou e do primeiro-ministro Pierre Messmer declinou nas últimas semanas.

Segundo os resultados anunciados, 54 por cento dos inquiridos manifestaram-se satisfeitos com Pompidou, contra 56 por cento há um mês atrás. O número hostil ao presidente subiu de 35 para 37 por cento.

Quanto a Messmer, teve agora a seu favor 42 por cento das respostas em comparação com 43 por cento. O número dos seus opositores subiu de 46 para 47 por cento.

Fotografia

Os residentes estrangeiros em Pequim começam a não saber o que se pode ou não fotografar na capital chinesa e na China. Deram-se já diversos casos em que os filmes entregues para revelar nos laboratórios de Pequim por diplomatas ou jornalistas foram devolvidos parcial ou totalmente apagados.

As fotografias apagadas são geralmente as de ruas, de pessoas que passam ou então as de grupos de chineses.

Por vezes, no momento da entrega do filme os empregados do laboratório criticam o seu conteúdo que afirmam «insultuoso para as massas revolucionárias chinesas». Esta atitude nova, surge na sequência dos ataques violentos feitos contra o filme «Alaina» de Antonioni.

No entanto, os estrangeiros de passagem continuam a ser informados que, à excepção dos objectivos militares, podem fotografar tudo.

Direito

O Mediterrâneo é um «mar de civilização», que deve beneficiar de um estatuto de protecção especial.

Foi essa a ideia que se destacou da terceira conferência mediterrânica sobre o direito do mar, que terminou em Atenas.

Estavam representados treze países nessa conferência preparatória da conferência mundial, convocada sob a égide da ONU para Junho próximo em Caracas.

No plano regional, os contactos entre países ribeirinhos do Mediterrâneo serão retomados na Primavera de 1975, em Madrid, durante a quarta conferência mediterrânica.

TORQUATO DA LUZ

PARA CRIANÇAS?

Os adultos chegavam e as crianças iam-se levantando. Lugar aos mais velhos, é claro. Um agora, outro a seguir, cadeira após cadeira, fila a fila, os alegres rostos infantis foram substituidos pelos (menos alegres) dos respectivos papás e mamãs, sem esquecer, naturalmente, as avozinhas. Estas, como é costume dizer-se, têm muita idade e não podem estar de pé.

É preciso incutir nas crianças o gosto pelo teatro, cuja «crise», no dizer dos entendidos, só poderá debelar-se assim mesmo: com a adesão das camadas mais novas. Daí que sejam louváveis todas as iniciativas tendentes a dar aos miúdos a compreensão da arte. Só através dela nascerá o amor.

Cumpre-me, por isso, aplaudir a mãos ambas a ideia daquela colectividade popular da periferia de Lisboa de promover sessões teatrais especialmente dedicadas à petizada. Faço-o com muita alegria e os votos de que tal exemplo frutifique.

No entanto (e aqui volto ao princípio desta nota), ao olhar a sala repleta de caras pesadonas e as alas laterais apinhadas de crianças (que, a pouco e pouco, aliás, se foram aproximando da porta de saída e, na maioria, abandonaram o espectáculo a meio) pôs-se-me a dúvida: «aquilo» ajudará alguém a gostar do teatro? Creio que não.

Talvez fosse de propor que, às múltiplas classificações já existentes para os espectáculos, se acrescentasse uma outra limitando a idade de ingresso nas chamadas «sessões infantis». Onde habitualmente se lê «Proibida a entrada a **menores** de X anos», ler-se-ia «Proibida a entrada a **maiores** de X anos». Seria interessante, não?

Por A L e I SN

MARCELLIN: HERDEIRO DE MAIO DE 1968

«O primeiro **chui** de França», título que Raymond Marcellin reivindica de bom grado, esbate-se após seis anos de reinado no Ministério do Interior. Um reinado difícil, se mais não fosse, pelo facto de ter começado em Maio de 1968, dominado pela obsessão da manutenção da ordem e da luta contra a subversão, esquerdista ou comunista — vinda, em todo o caso, do estrangeiro —, mas assumido com obstinação, apesar das críticas frequentemente justificadas. Dissoluções de grupos extremistas, decididas em 1968, passando pelos da Esquerda Proletária (maoista), da Liga Comunista (trotskista), da Ordem Nova (extrema direita) e, mais recentemente, dos movimentos autonomistas bretão, corso e basco, na tentativa, aceite pela Assembleia Nacional, mas rejeitada pelo Conselho Constitucional, de modificar a lei de 1901 sobre as associações, desde os aparatos policiais, a título preventivo ou repressivo, às expulsões dos manifestantes estrangeiros, o senhor Marcellin nunca hesitou em se definir como um ministro de pulso, pronto a suportar a impopularidade que um tal lugar ocasiona. Sempre esteve seguro, é verdade, do apoio pessoal de Pompidou, que via sem dúvida nele um ministro como ele próprio desejava que fossem todos: que governa, sem estados de alma...

Seria, todavia, fazer uma injúria a Marcellin o não ver nele senão um chefe de Polícia. É, em primeiro lugar, um político experimentado. Nascido em 19 de Agosto de 1914 em Sézanne (Marne), este advogado é deputado por Morbihan desde 1946, presidente do conselho geral deste departamento, presidente da Câmara de Vannes. Já tinha tomado o gosto, durante a IV.ª República, às delícias do Poder: subsecretário de Estado do Interior em 1948, depois da Indústria e do Comércio em 1949, secretário de Estado encarregado da Informação em 1952, depois, das Funções Públicas em 1957, passou sem dificuldade da IV.ª para a V.ª República e encontrou-se no lugar de ministro da Saúde Pública nos Governos de Pompidou, em Maio e Dezembro de 1962, até 1966, depois, ministro da Indústria (1966-1967) e, até 1968, ministro encarregado do Plano e do arranjo do território. Personalidade marcante do Centro Nacional dos Independentes, nem sempre se submetendo à bandeira de Giscard d'Estaing. Pelo contrário, nunca hesitou em criticar o seu jovem colega, quando este entendeu por bem guardar distâncias relativamente à U.D.R. ou ao general De Gaulle, em 1969, antes do referendo sobre a reforma regional. Marcellin sempre foi mais «pompidouliano» do que «giscardiano», mais «moderado no seu terreno» do que «republicano independente nova vaga».

REGRESSO AO SERVIÇO PÚBLICO

Finalmente, à testa do seu Ministério, preocupou-se paciente e prudentemente com as colectividades locais. Agarrado às estruturas existentes e, em face de cada região, ou departamento, criou novos cantões nas zonas urbanas, alargou as atribuições consultivas dos conselhos gerais. Fez aprovar uma lei, aumentando as liberdades comunais (relativamente à tutela da prefeitoria), encorajou, sem muito êxito, as fusões de comunas, facilitou o seu agrupamento.

Grande senhor das eleições, soube apresentar, no decorrer das consultas, os resultados da maioria e da oposição com uma habilidade, às vezes, controversa. Apesar dos seus protestos de boa fé, o caso das escutas clandestinas do **Canard Enchainé** atingiu-o, dando a perceber um certo abuso do Poder.

Para o público, Marcellin era bem o chefe da Polícia. Para os esquerdistas de diversas obediências, ele continuava a ser «a pessoa que mais se deteste». Para muitos, encarnava, face a fenómenos sociais que merecem, talvez, mais compreensão, o recurso constante à repressão. Chegado à Place Beauvau em 31 de Maio de 1968, Raymond Marcellin teve sempre, desde então, a obsessão de prever e prevenir toda a situação análoga àquela que havia encontrado nesse dia. Um mês mais tarde, julgando os acontecimentos da Primavera, e chegando a pressentir uma **nova revolução de Outubro**, podia anunciar: **O Governo está prevenido. Seja como for, se é certo que o perigo não está hoje completamente afastado, ele saberá manter a ordem**.

Antes de fazer uma demonstração disso nos anos seguintes, o ministro já tinha começado a agir: em 12 de Junho, depois de vários incidentes violentos, havia obtido do Governo a interdição de toda a manifestação, a dissolução de certos grupos esquerdistas, a expulsão dos manifestantes estrangeiros e autorização para fazer evacuar, pelas forças da Polícia, todos os edifícios públicos ocupados.

Tendo, aparentemente, dominado uma agitação que reduzia, um pouco sumariamente a **uma conspiração permanente contra sociedade**, cujas causas reais persiste em ignorar, Marcellin não teve, então, de deixar afastar o espectro de um novo **Maio**, contando para este fim com um instrumento: a Polícia. Forjou, também, pouco a pouco, uma impressionante ferramenta de repressão, **uma Polícia mais numerosa, mais móvel, melhor equipada**, que conseguira com as suas promessas de 14 de Novembro de 1968 perante os deputados.

50 000 HOMENS EM PARIS?

Depois, o orçamento desta administração duplicou praticamente, permitindo a criação de empregos novos; porém, a formação do defensor da ordem tornou-se cada vez mais sumária e o nível de recrutamento cada vez mais medíocre. Em cinco anos, as despesas com material progrediram 250 por cento. Para a compra, a manutenção e o fun-

Continua na pág. 14

DL/GERAL

A I Feira do Alentejo realiza-se em Beja de 19 a 26 de Maio

Uma série de iniciativas que se propõem constituir um quadro expressivo da importância do Alentejo na vida portuguesa, deverão concentrar-se em Beja, de 19 a 26 de Maio próximo. Trata-se da Grande Feira do Alentejo, que decorrerá anualmente em Portalegre, Évora e Beja, cabendo a esta cidade a prioridade da sua primeira realização.

A Grande Feira do Alentejo, que substituirá, portanto, este ano a Feira da Primavera, pretende reunir, através de realizações de vária índole, os aspectos mais significativos de todo o Alentejo, as suas potencialidades, as suas carências e os seus anseios. Daí que o empreendimento ultrapasse largamente as tradicionais feiras da região, congregando simultaneamente as habituais transacções de gado, comércio de produtos locais e manifestações de ordem cultural. Os distritos de Portalegre, Évora e Beja, onde decorrerá alternadamente o certame, estarão largamente representados na Feira do Alentejo, assinalando assim a sua importância no desenvolvimento da província.

O programa da feira, que terá lugar nas instalações do matadouro regional e terrenos adjacentes, embora sujeito a alterações, é o seguinte:

Dia 19 — «Dia do Alentejo» — As 14 horas, inauguração da feira e das exposições, com a presença de membros do Governo; às 15 e 30, cortejo de actividade e costumes do Alentejo (desfile das representações dos distritos de Évora e Portalegre, dos concelhos alentejanos do distrito de Setúbal e de todos os concelhos do distrito de Beja); às 18 horas, corrida de toiros à portuguesa; e às 22 horas, espectáculo popular.

Dia 20 — «Dia da Pecuária» — De manhã, mercado de gados; às 11 horas, classificação dos animais presentes aos concursos de bovinos e ovinos de raça campaniça; às 15 horas, classificação do concurso de **queijo de Serpa**; às 15 e 30, no pavilhão da feira, sessões de trabalho sobre alimentos compostos para gados; e às 18 horas, palestra sobre pecuária, seguida de colóquio, também no pavilhão da feira.

Dia 21 — «Dia da Agricultura» — Às 11 horas, concurso alentejano de motolavoura; às 15 e 30, no pavilhão da feira, sessões de trabalho sobre máquinas agrícolas; às 16 e 30, apresentação e desfile de máquinas agrícolas seleccionadas; e às 18 horas, no pavilhão da feira, palestra sobre agricultura, seguida de colóquio.

Dia 22 — «Dia do Comércio e Indústria» — Às 11 horas, no pavilhão da feira, sessões de trabalho sobre o comércio de fertilizantes, insecticidas, **herbicidas, etc.**; às 15 horas, palestra sobre industrialização e comercialização de mármores e cortiças, a cargo do Fundo de Fomento da Exportação; às 18 horas mesa-redonda sobre desenvolvimento económico do Alentejo; e às 21 e 30, evocação dos comerciantes e industriais mais destacados do Alentejo.

Dia 23 — (Feriado Municipal) — «Dia da Cidade de Beja» — Às 10 horas, içar da bandeira municipal no edifício dos Paços do Concelho; às 11 e 15, no salão nobre da Câmara, sessão solene de homenagem a membros das autarquias locais, a servidores municipais e a instituições de assistência e sociedades de recreio; às 13 horas, almoço de confraternização popular; às 16 horas, descerramento de uma lápida na nova Rua Soror Mariana Alcoforado; às 16 e 30, descerramento de uma lápida no antigo palácio dos Alcoforados, na Rua do Touro; às 17 horas, descerramento de uma **lápida, na Rua Manuel Ribeiro**, em Albernoa; às 18 horas, garraiada popular, na praça de toiros; às 21 e 30, no recinto da feira, **serão para trabalhadores** promovido pela F.N.A.T., e às 22 horas no pavilhão da feira, conferência sobre Soror Mariana Alcoforado e conferência sobre jornalismo.

Dia 24 — «Dia da Juventude» — Às 11 horas, visitas guiadas de estudantes do ensino básico a monumentos da cidade e às várias exposições da feira; às 15 horas, visita de estudantes do ensino secundário a monumentos da cidade e às várias exposições da feira; às 18 horas, no recinto da feira, espectáculo de variedades por elementos do Centro da Juventude; e às 21 e 30, no estádio municipal, início do torneio de juvenis em futebol entre as selecções dos distritos de Beja, Portalegre, Évora e dos concelhos de Alcácer do Sal, Santiago do Cacém, Grândola e Sines.

Dia 25 — «Dia do Desporto» — Às 15 horas, no rinque do jardim municipal, jogo-exibição de duas equipas de hóquei em patins do Clube Desportivo de Beja; às 16 horas, gincana de motorizadas; às 19 horas, volta pedestre à cidade e às 21 e 30, no estádio municipal, final do torneio de futebol entre as selecções de juvenis.

Dia 26 — (Último dia da Feira) — Às 10 horas, no «stand» de tiro, torneio de tiro aos pratos; às 15 horas, no recinto da feira, apresentação de cavalos de Alter e carroussel da G.N.R.; e às 21 e 30, espectáculo de folclore e distribuição de prémios.

Ofertas de emprego

Predomínio das minas e da construção civil

O boletim de ofertas de emprego, mensalmente editado pelo Serviço Nacional de Emprego, deve ser lido como uma «oferta não representativa das ofertas em carteira» e não como uma expressão da conjuntura do mercado de emprego, esclarece o último destes boletins. Informa ainda o SNE que **se procura evitar «toda a ideia** de publicidade das ofertas em causa»: trata-se apenas de uma exemplificação de oportunidades de emprego que não envolve qualquer juízo valorativo.

Na informação relativa a 8 de Março, a grande maioria das ofertas diz respeito a cinco zonas — **Porto, Lisboa, Covilhã**, Aveiro e Bragança —, predominando os empregos relativos a operários.

As ofertas de maior volume são as seguintes: 216 **serventes da construção civil** (206 para o Porto, 10 para Bragança), com salários de 110 a 120 escudos diários; 199 **mineiros** para a Covilhã, a 120 escudos por dia; ainda relativamente a minas, há lugar para 34 **marteleiros** em Bragança (de 105 a 150 escudos por dia); 100 **carteiros** para Lisboa, com um ordenado de 3 300 escudos mensais; 63 **trolhas** para o Porto, 8 para Bragança, com salários que vão de 120 a 180 escudos; 69 **serralheiros civis** (para Porto, Lisboa, Aveiro, Bragança e Coimbra), com salários que vão de 3 200 a 6500 escudos mensais; 50 **assentadores de via** para Aveiro, com 4 contos mensais; 63 **carpinteiros**, de várias especialidades, para o Porto, Aveiro, Bragança e Castelo Branco, com salários entre os 120 e os 200 escudos diários; 30 **cobradores** de transportes públicos para Lisboa, com um salário mensal de 3 700 escudos; 26 **serralheiros mecânicos** (Porto e Lisboa), ganhando de 3200 a 6 000 escudos mensais; 22 **pedreiros** para Aveiro (salário de 4 a 5 contos por mês), Porto, Abrantes e Bragança (salários entre os 110 e os 160 escudos diários); 17 **armadores de ferro** (Porto e Bragança), com salário entre 110 e 180 escudos; 14 **torneiros mecânicos**, para Lisboa, Porto, Bragança e Covilhã, ganhando entre 3500 e 6 000 escudos por mês...

Entre muitas outras ofertas, salientamos: 4 **auxiliares de enfermagem** (Tomar, Castelo Branco e Bragança), com um ordenado de 3400 a 4700; uma **assistente social**, para Bragança (6 contos); **impressores tipográficos** (Caldas e Bragança), ganhando 4500 escudos; **mecânico-auto (diesel)**, para Bragança, 7 contos; **chefe de cozinha**, para Bragança (8 contos); **técnicos de contas** para Castelo Branco e Lisboa, ganhando de 8 a 12 contos mensais.

Estudantes ultramarinos visitam a Metrópole

Sob o patrocínio do Ministério do Ultramar e em colaboração com a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos encontram-se de visita à Metrópole cerca de 120 estudantes de Angola pertencentes aos seguintes estabelecimentos de ensino: Liceu Paulo Dias de Novais (Luanda), Liceu Diogo Cão (Sá da Bandeira) e Instituto Comercial de Luanda.

O Liceu Paulo Dias de Novais traz-nos, além dos Finalistas do mesmo, o seu Grupo de Teatro que vai realizar espectáculos em Viana do Castelo, Leiria; Albergaria-a-Velha, Castelo Branco e Lisboa.

Os Finalistas do Liceu Diogo Cão deslocam-se a vários locais de Norte a Sul do Continente entre os quais se salientam: Braga, Guimarães, Porto, Aveiro, Coimbra, Lisboa, Faro, Beja e Évora.

O Instituto Comercial de Luanda vem em visita de estudo, indo visitar diversas empresas e organismos com interesse para a sua carreira profissional.

Conferências na Gulbenkian

A convite da Embaixada de Espanha e da Fundação Gulbenkian, vem a Portugal o prof. Júlio Villanueva, reitor da Universidade de Salamanca, que no dia 26, às 18.30, profere, no Auditório Dois daquela Fundação, uma conferência sobre «Problemas da Universidade em Espanha: Docência e Investigação».

Proximamente, a Gulbenkian promove três outras conferências, com a colaboração da Embaixada de França, a realizar no Centro de Biologia do Instituto Gulbenkian, em Oeiras. A primeira, subordinada ao tema «Mécanisme d'action des antibiothiquessur l'initiation de la synthèse protéique», será proferida no dia 20, às 12 horas, pela dr.ª Marianne Grunberg-Manago, directora do CNRS e chefe do Serviço de Bioquímica do Institut de Biologie Physico-chimique, de Paris. As últimas, nos dias 2 e 4 de Abril, às 12 horas, estarão a cargo do prof. François Chapeville, catedrático de Biologia Molecular e director do Laboratório de Bioquímica do Desenvolvimento do Instituto de Biologia Molecular da Universidade de Paris, que versará os temas «Structures tRNA dans les génomes des virus RNA».

Seminários na Associação Industrial Portuguesa

Promovida pela comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa — COPRAI — realiza-se nos dias 25 e 26, na sede daquele organismo, um seminário sobre «A gestão de stocks e os computadores», que será orientado pelo eng. Mário Santiago.

Com início na mesma data e duração de cinco dias, também decorrerá nas instalações da AIP um seminário para «Especialização de secretárias de administração», de que será orientador o dr. John Hampton, representante nacional da European Secretary Academy.

NÃO PINTE OS CABELOS
USE RESTAURADOR
OLEX
E OS SEUS CABELOS VOLTARÃO A SUA COR PRIMITIVA
FRASCO 32$50
Couto, Lda. - Porto
R. S. Domingos 106

Não tenha gripe; tenha à mão
GRIPO CALMA
2 a 4 DRAGEIAS POR DIA

Prémios literários da S.E.I.T.

Como tem acontecido em anos anteriores, vai a Secretaria de Estado da Informação e Turismo atribuir os seus prémios literários anuais. Para autores nacionais, esses prémios são os seguintes:

. **Prémio Nacional de Poesia** — na importância de 50 000$00, visa distinguir uma obra de poeta português que contribua para o prestígio da poesia nacional;

. **Prémio Nacional de Novelística** — no valor de 50 000$00, destinado a galardoar uma obra de autor português que contribua para o prestígio da literatura nacional;

. **Prémio de Literatura Infantil e Juvenil** — 15 000$00, destina-se a distinguir uma obra de autor português e escrita na língua nacional que, pela sua índole e características, concorra para a formação espiritual, moral e artística dos leitores jovens, galardoando-se o texto e a ilustração;

. **Prémios Afonso de Bragança** — 10 000$00 e 7 000$00 — visam galardoar os jornalistas portugueses, autores dos dois melhores trabalhos de reportagem publicados em jornais ou revistas de expansão nacional.

As obras concorrentes deverão ter sido publicadas, em primeira edição, no ano de 1973.

Os autores portugueses que ainda não tenham publicado obra de prosa ou de poesia, em forma de livro, podem candidatar-se com originais dactilografados aos respectivos **Prémios de Revelação — Prosa e Poesia**, que consistem na edição das obras distinguidas e na atribuição da importância de 5 000$00 e 10 por cento sobre o preço de capa dos primeiros 500 exemplares, e 15 por cento dos restantes.

Os jornalistas e escritores estrangeiros poderão concorrer:

. **Prémios António Ferro** — 1.º prémio de 20 000$00 a 40 000$00 e visita a Portugal durante 10 dias; 2.º prémio 20 000$00, visam distinguir um conjunto de artigos ou apenas um artigo, publicados pela Imprensa periódica estrangeira sobre Portugal durante o ano de 1973.

. **Prémio tradução** — 30 000$00 e visita a Portugal durante 10 dias, visa galardoar a melhor tradução, em qualquer língua estrangeira, e em qualquer país, de uma obra literária, científica ou artística de autor português, publicada em forma de livro, durante os anos de 1972 e 1973.

Os interessados estrangeiros podem ainda candidatar-se ao **Prémio Camões** que, por ser bienal, será atribuído em 1975 à melhor obra sobre tema português, publicada em país estrangeiro, em 1973 e 1974, em primeira edição.

Os interessados nacionais podem candidatar-se aos **Prémio Nacional de História e Prémio Nacional de Ensaio** que, por serem bienais, serão atribuídos em 1975.

Tanto os regulamentos, como quaisquer outras informações sobre os Prémios Literários, podem ser solicitados à Repartição de Estudos e Publicações, Direcção-Geral da Informação, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Praça dos Restauradores, Lisboa.

Moscavide: realojamento de sinistrados

Iniciaram-se os trabalhos referentes às infra-estruturas para a montagem de 16 fogos destinados às vítimas do último incêndio de Moscavide. Os encargos destes trabalhos serão assumidos, na sua totalidade, pela Câmara Municipal de Loures, que está a estudar a possibilidade de alojar parte dos sinistrados em fogos da Caixa Nacional de Pensões, em Santo António dos Cavaleiros, pois muitos deles são beneficiários da previdência. Com esta medida pretende o Município diminuir, de algum modo, os encargos de tal obra.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sérgio Filipe Andrade, Largo da Igreja — SALVATERRA DE MAGOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo «Tabacaria Pantera Cor de Rosa», Rua dr. Oliveira Salazar, 44-B ALMADA

BAGUNÇA EM BRAGANÇA

Em nenhum programa dos «25 Milhões» como o de ontem terá sido maior a vertigem, mais densa a confusão. Bragança lá tão ao norte, tão descuidada, tão defendida pela solidão das suas neves e pelas neves da solidão, Bragança, também ela, não escapou à contradança. Há-de chegar a vez a todos. Há-de, infelizmente. Que não são uns filhos e outros enteados. Todos os distritos portugueses hão-de sentir **as câmaras da televisão portuguesa.**

Logo nas primeiras imagens se traduz a bagunça, a desordem que tudo aquilo virá a ser. Dezenas (centenas, sei lá!) de figuras cirandam no palco e ninguém sabe o que seja aquilo: se marcha, se festa, de cortejo de artes e ofícios, com os bombos e as caixas e o estralejar de paulitos a fornecer o necessário quadro de alegria ruidosa. Sim, porque Bragança é uma cidade alegre, sobejam-lhe os motivos, como ao diante se verá.

Henrique Mendes sauda Bragança e agradece *aos que vieram dar expressão e vida ao espectáculo*. Palmas. Muitas palmas. Toda a gente se comove com o amor de Mendes por Bragança.

Desta cidade que muitos julgariam perdida nos seus nordestes sem perdão, esquecida de tudo inclusivamente de viver. E afinal vem por aí abaixo mostrar a sua vitalidade. As suas riquezas. As suas potencialidades. As suas personalidades. As suas actividades culturais. Sem esquecer, evidentemente, as trutas e as perdizes.

Não podiam deixar de nos trazer os pauliteiros de Miranda. Vistos, revistos na televisão portuguesa. Ainda não há muito tivéramos um programa desenvolvido com a história toda dos pauliteiros desde pequeninos. Mas entende-se: parecia mal, ninguém perdoaria tamanho «esquecimento». Sendo certo que, em matéria folclorico-musical pouco mais nos poderiam dar para encher o olho **folclore a sério haveria muito, mas está claro, está convencionado que esse não cabe em programas deste género.**

Em «programas deste género» cabem, isso sim, os coros incipientes de meninas e meninos: dão os primeiros passos na arte de cantar em conjunto e é logo, zás!, uma audição para milhões de espectadores. Ora aquilo em família, para parentes e amigos, estaria certo, tudo se perdoa, é uma gracinha, todos tão felizes, não estavam? Um bocadinho nervosos mas cantaram muito benzinho, sim senhor, etc., etc. Mas para a televisão, a representar o desenvolvimento de Bragança e o seu amor pelas artes — mais devagar. Ainda por cima para cantar ninharias deste género:

O canto da guitarrada
não tem no mundo rival
cantigas à desgarrada
são trovas de Portugal.

Ainda se fosse «o canto da paulitada...» Ao menos, sempre teria alguma cor local.

Em programas destes, cabem igualmente as bandas. Para dar o «toque» popular. O velho truque. A banda passa na rua e acontece logo uma sensação de povo. Não importa a qualidade da banda. Se não houver mais nenhuma, pegam-se nos meninos da *Casa de Trabalho Dr. Oliveira Salazar* levam-se ao palco a tocar o mais possível seja o que for, a cantiga «Gente», por exemplo, do festival do outro ano.

(Então e depois? Que é que tu querias? Se calhar querias ver lá a filarmónica de Bragança a tocar a *Nona*, querias? A Grande Filarmónica de Bragança tem mais que fazer do que aparecer nestas festinhas, ora essa!)

«SE ME É LÍCITO OPINAR...»

D. Helena Serra Diogo Fernandes veio falar-nos do *Centro de Educação Especial*. Passagem breve, a pedir para outra altura reportagem mais desenvolvida.

Entrevistado por Glória de Matos (que deu agora em ostentar um ar embevecido e condescendente) aparecer Alexandre Herculano Gomes dos Santos. Advogado. Doutor por Coimbra. Uma pessoa como nunca pensei que existisse ainda daquilo. Uma ave de conselheirismo acaciano que talvez não seja tão rara assim.

Glória de Matos quer saber por que chamaram a Bragança *uma Coimbra em miniatura*. O doutor responde: *Se me é lícito opinar, eu diria que por um somatório de vivências susceptíveis de marcar um carácter marcadamente coimbrão.*

Glória quer saber porquê Coimbra e não Porto ou Lisboa. E o doutor: *Aí, as condições mesológicas do nordeste transmontano, suponho que tiveram também uma palavra a dizer...*

Fora-lhe, portanto, lícito opinar. Ainda por cima, como não lhe bastasse, foi-lhe permitido cantar. E cantou banalmente duas balais banadas, perdão!, duas baladas banais, cantou com tudo quanto tinha, além da voz: testa, sobrancelhas, olhos, mãos, a boca bem aberta como se estivesse na cadeira do dentista.

Outra figura não tardaria a vir desanimar ainda mais o pobre serão: a de Vicente de Sousa, médico e pai de sete filhos — pormenor que mereceu uma grande salva de palmas ao público do *Maria Matos*.

Este doutor não canta. O seu género preferido é a oratória. E a boa disposição. O que ele gosta de se admirar a si próprio! Demosteniza uma enfiada de lugares-comuns e mostra a dentadura feliz.

Médico embora, não estava ali para falar das condições sanitárias do distrito. Talvez, nesse caso, a sua sorridência esfriasse. **O doutor estava ali, maginem só: estava ali para falar das potencialidades turísticas...**

Que sim. Que muitas. A caça, a pesca, a neve. Trutas. E caça com fartura. Corças em abundância. Sim, o Turismo. Um turismo interno, para todos os portugueses nos conhecermos melhor. Outra tirada: Nesta hora de arrancada do turismo interno.

Frase feliz. Frase de arromba. O dr. Vicente ri, o público aplaude. Ah, afinal é tão fácil toda a gente estar de acordo...

Adriano Pires, regente agrícola e proprietário, enumerado as coisas boas que Bragança tem. Tem escola normal superior. Tem hospital novo. Tem Montepio. Tem aeródromo que encurtará as distâncias **com os grandes centros. Tem energia eléctrica, minérios, rochas, pedra verde, batata para semente, vinha, cultura muito promissora de lúpulo (com o senão dos preços, inferiores aos que se praticavam há dez anos e podem deitar tudo a perder...)**

E assim por diante, lá fomos ouvindo outros, muitos outros brigantinos, anónimos, numa incrível montagem, perfeito reino da confusão, onde falavam e deitavam frases em meio, depoimentos desgarrados, estar por estar, falar por falar. A bagunça chegou a tomar o freio nos dentes.

DORIS E SEU XODÓ

Não se pode dizer que tivesse reinado, mais do que nas outras emissões dos «25 Milhões de Portugueses» o desejo de esconder determinada realidade. Talvez até pelo contrário. Falou-se muito das carências de Bragança. O Centro para a Juventude, do Secretariado, promete entre outras coisas, excursões e judo, mas não há diversões, nem convívio cultural (não me digam!, nem ao menos uma colectividade, uma dessas que sempre resistem?), a malta passa os fins-de-semana no café e na «boîte» (?), queixa-se de que nem sequer há cinema — embora o sr. Adriano Pires nos afiance que há um, e com lotação para mil pessoas — como é possível que a população de Bragança não saiba, que diabo, um cinema não é uma caixa de fósforos...

Por outro lado, falou-se na falta de indústrias, no isolamento, no desaproveitamento das riquezas. A emigração, desta vez, não foi esquecida

Foram bem claras as palavras de Adriano Pires: «*A lavoura vive uma situação gravíssima, em parte devido ao êxodo da população rural*».

Certamente, essa questão não foi deixada passar em claro. Mas quase se perdeu no turbilhão das palavras, no barulho das cantorias, no apregoar constante das potencialidades.

Ficámos a saber, à farta, que Bragança possui imensas potencialidades. Ainda bem. Fiquemos agora à espera que essas potencialidades sejam aproveitadas e desenvolvidas de maneira a que, quem retire proveito disso, seja o povo de Trás-os-Montes.

Sem o que, Bragança continuará a ter apenas muitas potencialidades e muitos palradores. Sem vantagem para ninguém.

Reparo agora que ainda não dediquei uma palavra a Doris Monteiro. Não está certo. Doris Monteiro que estava no Brasil morrendo de saudade e que morreria mesmo se não aproveitasse esta oportunidade. Doris Monteiro que poderá agora conhecer a Terra de seus maiores, enquanto nós cá vamos vivendo na terra dos nossos maiores.

Doris Monteiro foi a prenda musical da R.T.P. a Bragança. Houve ainda quem pensasse em Rui de Mascarenhas que tanto fez, lá fora, pela propaganda dos pauliteiros portugueses. Ingratos! Optaram pela Doris, romanticazinha, que tanto deve ter comovido os rijos corações dos transmontanos. Uma Doris Monteiro a cantar coisas assim:

Que falta me faz um bem
que falta faz um xodó.
Mas como não tenho ninguém
eu levo a vida assim tão só.

Eu só quero um amor
que acabe o meu sofrer,
um xodó pra mim
de meu jeito assim
que alegre o meu viver...

Bolas! E foi para cantar misérias destas que mandaram vir uma cançonetista do Brasil? Já é vontade de gastar dinheiro. Temos canções destas por aí a dar com um pau.

O «*povo acolhedor e simpático*» que enchia a sala, aplaude, cheio de pena porque a Doris não tem seu xodó!

DEZ MORTOS AO COLIDIREM UMA AMBULÂNCIA E UM COMBOIO

CAIRO, 18 — (R.) — Nove membros de uma família encontram-se entre as 10 pessoas que morreram quando uma ambulância colidiu ontem com um comboio a 35 quilómetros ao norte do Cairo — anunciou a agência noticiosa do Médio Oriente.

A ambulância pela composição numa passagem de nível perto de Kalyun.

A agência disse que o motorista do veículo pereceu também no desastre e acrescentou que quatro membros da Família ficaram feridos. No entanto não faz qualquer referência à sorte do doente que viajava na ambulância.

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÓNIO

Meus amigos, meus amigos!...

Título: OS MEUS AMIGOS
Realização: António da Cunha Telles, 1974 (Portugal)
Argumento original: António da Cunha Telles;
Diálogos: António da Cunha Telles, Gisela da Conceição com a colaboração dos actores;
Fotografia: Acácio de Almeida;

Assistente de operador: Francisco Silva;
Director de Produção: Henrique Espírito Santo;
Assistente de produção: Lídia Franco;
Montagem: António da Cunha Telles, Gisela da Conceição, Noémia Delgado e António Louro;
Operador de som: João Diogo;

Laboratórios: Som (Valentim de Carvalho) e imagem (Tobis Portuguesa);
Produção: Centro Português de Cinema, Tobis Portuguesa e Animatógrafo;
Intérpretes: Manuel Madeira (José Manuel), Teresa Mota (Helena), António Modesto Navarro (Eduardo), José Vaz Pereira (Chico), Maria Otília (Catarina), Lia Gama (Clara), Manuela Maria (Laurinda), Henrique Espírito Santo (Agente Pinto), **João Franco (Lívio), Maria, Adelaide João, Cunha Marques, António Polónio, Pedro** Efe, Guilherme de Almeida, Lídia Franco, Beatriz Alçada, Mário Barradas, Jacinto de Matos, Pedro Bandeira Freire, Gabriela A. Duarte, António Leitão, Faria de Almeida, etc.
Distribuição: Animatógrafo;
Classificação: Grupo D (Maiores de 18 anos)
Estreia: Cinema Estúdio (11.3.1974).

PARA O CUNHA TELLES (a amizade ou é sincera ou não o é):

1. Quando o «cinema novo português» ensaiava os seus «verdes anos», era lícito, e necessário usar na crítica de alguma brandura de costumes e, sobretudo, levar o público a interessar-se por uma realidade nova que de alguma forma lhe dizia respeito e sobre a qual era urgente ter uma opinião. Ou seja: fundamentalmente compreendia-se que a crítica usasse de certa benevolência e tentasse criar um clima de alguma euforia, sabendo-se, ainda por cima, que esses primeiros filmes correspondiam a anseios acalentados ao longo de anos de sucessivas frustrações. **Terminar só por si um filme, nesses anos era já de si uma vitória que urgia acarinhar.** Depois, o tempo foi passando, e o novo cinema português foi fazendo « o cerco», criando estruturas (deficientes, mas já efectivas) ganhando ajudas, impondo cooperativas, arrebatando subsídios, substituindo-se aos antigos oportunismos que por aí proliferavam, sem rivais.

Hoje há a cooperativa da Gulbenkian há prémios oficiais, há subsídios do recém criado Instituto Português de Cinema, há cursos de cinema no conservatório, há revistas cinéfilas, há um ambiente de certa euforia (pelo menos de expectativa) em relação ao dito «cinema novo português». Tudo isso cria responsabilidades redobradas. Impõe critérios mais rígidos. Anula toda a possibilidade de benevolência. O «cinema novo português» está suficientemente acarinhado a manterem-se de futuro os critérios que agora presidem aos organismos de que depende directamente. Impõe-se, portanto, lutar contra os equívocos, contra o maneirismo de certas propostas, contra o emburguesamento deste cinema que se quer português e não apenas respeitante às usuais capelinhas

Tempo houve em que bastava ser falado em português, para se lhe chamar cinema português. Contra esse cinema de «sarilhos de fraldas» nos revoltámos: **justamente.** Intensamente. Veio então um cinema que começava a ser **cinema** e principiava a reconhecer a face de um País. Os tempos de um **Dom Roberto**, de um **Belarmino**, e também os de um **Mudar de Vida.** Mas não basta ficar por aqui. Depois das primeiras fornadas de um Centro Português de Cinema, começa a exigir-se um rigor exemplar. Não o rigor técnico e artesanal. Não nos interessa substituirmo-nos às grandes máquinas industriais. Não nos deve interessar fazer filmes como Hollywood, Paris ou Roma. Mas deve-se-nos exigir o rigor de um cinema suíço, por exemplo. Um rigor de comportamento, de análise de situações, de descrição de realidades, de desenho de figuras.

Depois deste passado, vive-se um presente que não se deverá compadecer com meias tintas. A inteligência para tornear os obstáculos. O talento para o **métier**. E, sobretudo, a grande humildade de servir uma realidade que é a nossa, não nos servirmos dessa realidade para brilharetes formais, «modernaços», ostentações de fachadas. A nossa tradição cultural não é a francesa. Nas tintas para o gongorismo esterilizante dos poetas, quando se começa a aprender a ler. E, através da leitura, a conhecer a realidade que nos rodeia.

2. Pode parecer que não, mas tudo isto vem a propósito da estreia do último filme de António da Cunha Telles, o mesmo que havia dirigido **O Cerco**. Pois, após o equívoco da Promessa, de António de Macedo, tão largamente polemizado (com algum exagero até, por parte de uma certa crítica portuguesa, cada vez **mais suspeita de conluios de** grupo), estes MEUS AMIGOS, de Cunha Telles constituem outra pesada desilusão. Cunha Telles foi o produtor **free lancer** dos primórdios deste novo cinema, onde se lança igualmente como realizador em 1969, com **O Cerco**. Cunha Telles é ainda a «eminência parda» da actividade a todos os títulos notável de uma distribuidora (o **Animatógrafo**). Cunha Telles é, portanto, um nome com vastas responsabilidades, , responsabilidades que impõem uma expectativa, expectativa que desta feita se malogra. Vamos tentar perceber porquê.

Meus Amigos é um filme aparentemente sem «história». Trata-se de um projecto que, à partida, nos surge ambicioso e sumamente interessante. Descrever a vida, a situação social, as posições morais, políticas, económicas de três antigos colegas de faculdade que se encontram em 1973, dez anos depois do seu convívio universitário. Os três amigos são Chico José Vaz Pereira, crítico de cinema do Expresso), Eduardo (Modesto Navarro, escritor) e José Manuel (Manuel Madeira). Chico é, em 1973, um tecnocrata instalado numa vida cómoda, burguesa, endinheirada. As suas ilusões de 62 jazem esquecidas. Eduardo, que se havia casado com «um grande partido», separa-se da mulher para readquirir a sua liberdade de movimentos e prosseguir a sua acção sistematica, ordenada, integrada no sistema ortodoxo; José Manuel desistiu do curso, viajou pela estranja, descobriu que trabalhar no interior do sistema é prolongar-lhe a sobrevivência, logo marginaliza-se: vive de expedientes, de dádivas dos amigos, de desenhos para o turista, de traduções. Visto o filme, lido o genérico (**diálogos com a colaboração dos intérpretes**), conhecida a experiência anterior de cada um dos principais intérpretes, logo se percebe qual o processo utilizado por Cunha Telles na direcção do seu filme: colocou os actores frente a uma situação, entregou-lhes um diálogo referencial e deu-lhes a liberdade de cada um improvisar, segundo a sua própria experiência e segundo a definição da personagem que encarna. O que, desde logo, confere ao diálogo uma certa expontaneidade, preenchida de pausas, de repetições, de tempos mortos, de hesitações. De contradições até. O que poderia ser importante, se ajudasse a definir personagens, a enriquecê-los. Mas o diálogo, à força de se querer ao sabor do improviso, acaba por resultar profundamente chacha, incaracterístico, i n s i gnificante. Poderá dizer-se: tudo isso é intencional, reflecte uma posição insignificante. **Poderá dizer-se: tudo isso é intencional, reflecte uma posição insignificante da «esquerda» portuguesa.** Nessa altura haverá que retorquir a) aquela não é a geração de 62 (primeira imprecisão grave de Cunha Telles); b) **a esquerda portuguesa pode assumir por vezes aquela ressonância, não duvidamos; mas nem toda a esquerda portuguesa é aquela; c) à força de repetir o lugar comum, o filme acaba por sucumbir ao seu peso: d) as três** posições possíveis referenciadas no filme não são elas próprias, e na prática, tão grotescas como no-lo faz crer a obra.

Existe, sobretudo, na película de Cunha Telles uma figura de um ridículo insustentável, não sabemos se por culpa do realizador, se por inépcia do actor. A personagem do «marginal», hoje em dia de incontroversa importância e de primordial significado (por discutível que possa ser a sua posição) é, em **Meus Amigos,** de um grotesco flagrante. Não existe uma teorização séria e rigorosa da sua opção. Não se facultam elementos para uma interpretação vigorosa e provocatória da sua ruptura; o desenho da figura chega a rondar o figurino da opereta, perdida toda a agressividade, toda a violência, toda a razão de ser de uma atitude.

Resta pois da «esquerda» **portuguesa um retrato risível.** Diz-nos Eduardo que conhece **outros gajos porreiros, que conseguiram escapar a tudo isto.** Mas então por que não aparecem eles? Não se trata de pedir filmes míticos. Trata-se de exigir obras que referenciem **uma realidade na sua totalidade. Tanto mais que, na actual conjuntura portuguesa, se faz um filme de «esquerda» que** da «esquerda» permite o retrato que de **Meus Amigos** sai.

Poderia dizer-se ainda ser este um filme de «má consciência», reflexo de uma crise **que se procura ultrapassar.** Acontece que nada no filme nos permite a objectivação de uma saída, Que outra coisa se poderá dizer de tudo isto, senão que se trata de um invulgar equívoco, um flagrante falhanço, um tiro a sair pela culatra? Despoletado de toda a veemência, a realidade surge balofa, gordurosa, imóvel no seu gesticular gratuito.

3. Diz Cunha Telles: **Um dia, depois de meses de trabalho, termina-se a projecção de um filme, que é também a projecção daquilo que pensamos e sentimos. Tem defeitos e qualidades, mas isso não é verdadeiramente importante — o filme existe e vai ser objecto da nossa relação com os outros.**

Gostaria, no futuro, de contar «histórias», mas ainda lá não estou; por enquanto, este filme «Meus Amigos» é um exercício do meu olhar sobre as pessoas que me rodeiam. Não aplico truques para fazer cinema porque não sei como é, nem quero saber.

Não pretendo também nem entreter, nem convencer ninguém.

Penso, no entanto, que isto de olhar para os outros é mais difícil do que parece, porque é preciso dizer o que se tem a dizer, sem hostilizar. Com afeição e crueza ao mesmo tempo, para fazer avançar relações quase inexistentes entre as pessoas.

A ostentação, tornando demasiado presente a máquina de filmar e imiscuindo-a nos gestos das pessoas, pode retirar à imagem o valor de elo possível entre aqueles que são filmados e que são pessoas e não fantoches, e os que estão na sala e que são também pessoas e não espectadores.

Para realizar essa festa de convívio, que é o cinema de que falo e que procuro fazer, é apenas preciso viver e estar atento.

Só que nem sempre é possível o testemunho que pretendemos.

4. **Meus Amigos**, é, portanto, um **olhar sobre as pessoas que rodeiam** o realizadr. Um olhar selectivo, como todo o olhar que se basta a si próprio. Um olhar que deixa de fora o mais importante (no nosso entender). Mas um olhar que se ostenta enquanto tal. Toda a construção de **Meus Amigos** obedece a este postulado: uma câmara vulgaremente fixa, frente a um décor onde se situam os intervenientes, em longas e estafantes cenas de diálogo, por vezes de silêncio. À nossa frente uma realidade enquadrada, geometrizada, definida, por linhas de força que se afirmam enquanto portas, janelas, redes, mesas de bilhar, caixilhos vários, alamedas («arquitectura dos anos quarenta», diz Eduardo)..9

Formalmente **Meus Amigos** é um filme que procura ir ao encontro de certas inovações de origem formais francesa, nomeadamente Marguerite Duras (**Detruire Dit-Elle** ou **Nathalie Grangier**), Rivette (**L'Amour Fou**), Garrell (uma provável insolência marginal, que se ficou no domíinio das intenções...). Por isso mesmo esta obra de Cunha Telles se mostra suficientemente desfazada de uma **realidade portuguesa, preocupada** sobretudo em apanhar o «último combóio». Um «último combóio» que pode chegar a Paris, mas não atinge sequer Vila Franca. Um novo equívoco do nosso «novo cinema», equívoco que vem de trás e se repete sistematicamente na **Abelha na Chuva**, no **Perdido por Cem...**

Cunha Telles, contudo, no texto de apresentação de Meus Amigos vai um pouco mais longe, confessando que **gostaria de contar «histórias»**, possivelmente «histórias **normais».** E de futuro tentá-lo-á. Logo, a sua opção actual será, quanto muito, experimental. Uma incursão no domínio de um «cinema do olhar» que lhe poderá custar caro. Fazemos sinceros votos de que **Meus Amigos** seja um equívoco facilmente ultrapassável no futuro.

5. **Meus Amigos** é ainda um filme de certa irregularidade, mas denunciando sempre uma intencionalidade, uma procura de maturidade. O ritmo é lento, aborrecido, monótono, não de forma gratuita, mas deliberada. O resultado, porém, funciona

Continua na pág. 14

animatógrafo apresenta um filme de António da Cunha Telles

2.ª SEMANA

grupo D/18 anos

estúdio nacional

produção CENTRO PORTUGUÊS DE CINEMA TOBIS animatógrafo

MEUS AMIGOS

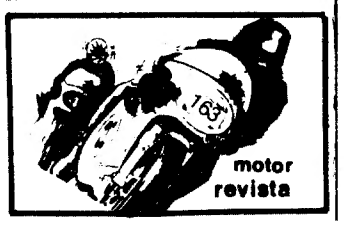
com: manuel madeira
teresa mota
antónio modesto navarro
j.vaz pereira
maria otília

HORÁRIOS DAS SESSÕES: TODOS OS DIAS: 15,15, 18,30 E 21,45 HORAS

Teatro Maria Matos

HOJE, às 21,45 horas
«MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE»
de Arthur Miller
M/14
Bilhetes à venda
Tel.: 717017

AMANHÃ DESCANSO DA COMPANHIA



CRÍTICA DE MÚSICA

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

BEETHOVEN E BERLIOZ MÚSICOS POPULARES

O último concerto que a Orquestra de Paris, sob a direcção de Georg Solti, realizou no Coliseu, veio lembrar uma vez mais esta verdade que alguns «teóricos» de certas experiências modernas da música produzida industrialmente insistem em ignorar, a saber: a melhor música é sempre a mais popular. Cerca de quatro mil e quinhentas pessoas, após o último acorde da **Sinfonia Fantástica** de Berlioz, manifestaram entusiasticamente a sua adesão à música, numa verdadeira apoteose, ditada espontaneamente pela vivência colectiva intensíssima que lhes proporcionara Georg Solti e a Orquestra de Paris. Indicador barométrico do entusiasmo do público foi o fenómeno, pouco comum entre nós, e que há muito se não verificava no Coliseu (em concertos sinfónicos), das palmas ritmadas dadas pela massa dos espectadores, constituída em grande parte, senão na maioria, por jovens. Mas esta euforia vivida na sala era verdadeiram e não de fachada, isto é, foi de facto consequência da música, de uma experiência profunda, ao nível da sensibilidade, da inteligência, da relação com a nossa interioridade e com o nosso quotidiano, de tudo aquilo de muito complexo e de muito rico em relacionações que se traduzem na chamada fruição estética. Porque a Arte, quando se corporiza em obras-primas como a **Sétima Sinfonia** de Beethoven ou a **Sinfonia Fantástica** de Berlioz, não existe separada da vida, antes a representa superiormente e nos faz repensá-la. O domínio estético contém por definição dentro de si o humano, na sua dimensão psicológica, ética, sociológica, política, e na sua dinâmica histórica. A obra de arte sobrevive para além dos contextos de espaço e de tempo em que surge, precisamente por ter essa vocação de apreender o homem em luta permanente pelo seu devir, contra as forças ou os obstáculos que pretendem detê-lo na sua marcha. Por isso, já alguém disse que a arte é a «autoconsciência da evolução da humanidade». Ora quando um qualquer público — e sobretudo um público vasto, numa sala, apesar de desconfortável, tão popular e tão propícia à formação de um ambiente de comunhão colectiva, como a do Coliseu — é posto perante a grande música, percebe logo, sem necessidade de outras explicações, onde está a diferença que opõe essa música aos subprodutos de circunstância que a indústria da rádio e do disco lança em catadupas no «mercado», para entreter. Os «teóricos» desta indústria não conseguem responder ao argumento intuitivo que o público lhes contrapõe, qual seja o de que a popularidade da música não está em ela ser mais «consumida» pelas cadeias comerciais radiofónicas-televisivas, mas sim em ela ser Arte. Daí que as «bandeiras» populares que esses teóricos defendem ocasionalmente, como sendo a última palavra da desalienação (ai de nós!), esgotem rapidamente a paciência do público e tenham de ser substituídas por novas pseudodescobertas, por novas modas... Entretanto os «clássicos» permanecem, e dizem-nos — continuam a dizer-nos — coisas muito mais avançadas e muito mais profundas do que qualquer músico industrial do nosso tempo mesmo dos que mais reivindiquem a sua «missão» progressista. Não é preciso chegar ao Schoenberg, nem ao Berio, nem ao Nono para compreender isto. Bastam Beethoven e Berlioz para provar o reaccionarismo dos modernos «teóricos» da demagogia comercialista-simplista-progressista.

O público do Coliseu, pelo menos, parece compreender.

Vários factores confluiram para, no plano interpretativo, tornar este concerto memorável. Na Sétima de Beethoven, surpreendeu-me que uma orquestra francesa fosse capaz de se aproximar tanto do espírito da obra e a realizasse tão claramente, nas suas sonoridades contrastantes — a preto e branco, como já se tem dito, para caracterizar uma concepção beethoveniana. Beethoven, mesmo quando não chega à embriaguês ritmica da Sétima, é movimento dialéctico. Algo que se contrapõe ao mundo pictórico, feito de manchas sonoras, de um Debussy, de um Ravel, em que as grandes orquestras francesas têm alcançado os seus maiores êxitos. A direcção de Solti assegurou a exemplaridade dessa concepção beethoveniana, onde nada houve a censurar. Claro que só por esta audição não é possível avaliar toda a extensão a que Solti poderá levar a sua interpretação pessoal das Sinfonias de Beethoven, nem até que ponto uma orquestra francesa, sendo embora a de Paris, lhe limitará ou não a ultrapassagem dos limites da «exemplaridade» ou, talvez melhor, da «correcção» dentro dos quais realizou entre nós a Sétima. Para já a relação Solti-Beethoven não parece tão enriquecedora como a relação Toscanini-Beethoven ou Bruno Walter-Beethoven. Aguardo, porém, com curiosidade, a audição de uma gravação recente, da Nona Sinfonia, que o mesmo Solti realizou à frente da Orquestra Sinfónica de Chicago.

Interpretação criadora, no sentido mais rico do termo, foi sem dúvida a da Sinfonia Fantástica. Solti «arrancou-a» a uma certa tradição francesa, que a própria Orquestra de Paris serviu superiormente sob a direcção do seu fundador, Charles Münch. Como se sabe, toda a obra de Berlioz — a Sinfonia Fantástica à cabeça — ganhou de início maior expansão na Alemanha do que na França. Ainda hoje Berlioz continua a ser o músico francês mais tocado nos países germânicos. Entre Couperin e Debussy, a linha cronológica da evolução da música francesa encontra em Berlioz um ponto de ruptura, ou, quando menos, um «détour» que a aproxima da trajectória da música alemã. Por outro lado, é bom não esquecer que, como crítico musical (dos de melhor prosa e dos mais combativos), Berlioz travou uma luta persistente para fazer aceitar em França a música de Beethoven (as sinfonias e os quartetos), para a impor contra o academismo dos que detinham o poder musical (Cherubini, por exemplo, então director do Conservatório de Paris). Diga-se de passagem que essa luta assumia não raros aspectos paradoxais, na medida em que era o «reaccionário» Berlioz (reaccionário, efectivamente, em numerosas facetas da sua ideologia) quem defendia o porta-voz musical da Revolução Francesa — Beethoven — e o defendia contra os músicos radicados em França que se pretendiam ideologicamente intérpretes oficiais da mesma Revolução (afinal, caberia ainda a Berlioz, a missão histórica de ser o primeiro músico francês verdadeiramente capaz de a interpretar...). Depois, quanto às divergências que posteriormente o opuseram a Wagner, foram talvez mais literárias do que musicais. Assim, entre Beethoven e Wagner, Berlioz não será uma ponte necessária, mas é em todo o caso um traço de união possível.

Georg Solti deve sentir Berlioz nesta perspectiva: mais como longínquo precursor de Mahler do que de Debussy. Assim concebida, a Sinfonia Fantástica desenvolve-se num discurso menos vertiginoso do que o habitual, mas não perde, antes parece ganhar, em tensão interior. Os efeitos orquestrais inventados por Berlioz (para avaliar o impulso que Berlioz deu à orquestração, basta comparar a Sétima de Beethoven, que é de 1815, com a Fantástica, que é de 1830) são aí inteiramente absorvidos pelo conteúdo dramático. Com Georg Solti a Sinfonia Fantástica é uma obra vigorosa e empolgante. Não de puro efeito exterior. Além do mais, Solti deteve-se a descobrir aspectos novos nas linhas de que se entretece esta sinfonia e revelou a sua arquitectura segundo pontos de vista para mim ainda desconhecidos.. Em certos momentos, o clima criado pareceu-me inédito na obra. Lembro-me, por exemplo, do início do «Dies Irae», onde o toque de finados nunca me parecera revestido de cores tão sombrias (o mecanismo da associação de ideias levou-me a pensar num dos intermédios fantásticos do «Charme Discreto da Burguesia», de Buñuel).

Não se conclua daqui que o entendimento da Sinfonia Fantástica na linha de uma tradição (alemã) que vai dar a Mahler passou a ser mais lícito do que aquele que a inscreve ma tradição francesa que culmina em Debussy. Nem se conclua que os adjectivos «vigoroso» e «empolgante» são privilégio dessa concepção (a tradição francesa também é com eles plenamente compatível: basta pensar em «La Mer»).. Trata-se de reconhecer apenas a legitimidade musical da interpretação de Solti.

O público, juiz em última instância, respondeu com o entusiasmo que comecei por descrever, obrigando Solti e a Orquestra de Paris ofereceram em extra, o «bis» do segundo andamento: o baile. Era o ingrediente que faltava para coroar em beleza o fim de festa.

Consórcio nortenho de transportes internacionais

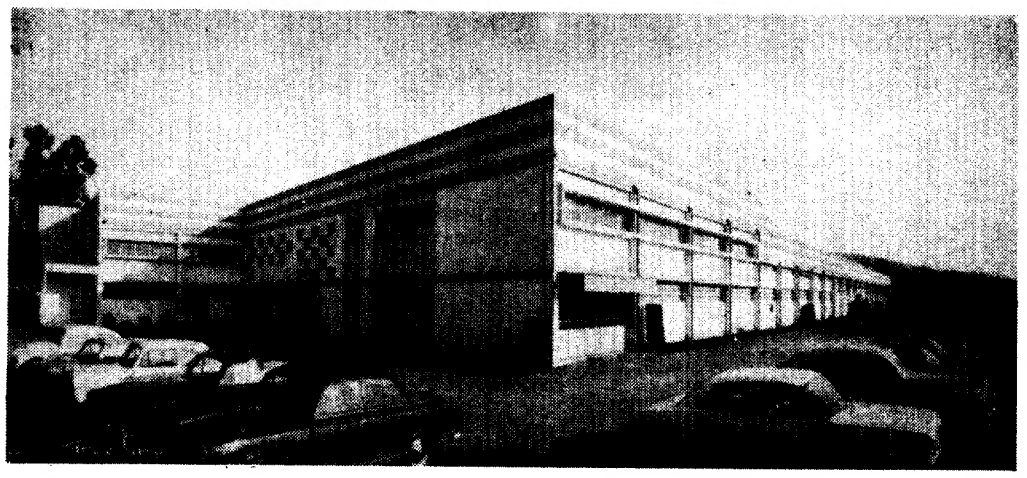
PORTO, 17 — Tal como acontecera no Sul e Centro do país, também o norte tem o seu consórcio para transportes internacionais, do qual fazem parte oitenta e oito empresas de camionagem e a CP. A cerimónia da escritura realizou-se em Felgueiras e a firma — Transportes Internacionais Rodoviários do Norte, Lda. — conta inicialmente com um capital social de 15 050 contos e autocarros próprios para serviços efectivos e regulares.

Os principais cargos do conselho de gerência, assembleia geral e conselho fiscal, para o triénio de 1974 a 1976, ficaram assim ocupados, respectivamente: António Magalhães e Companhia, Limitada, Auto-Viação Pacense, Limitada e União Rodoviária do Caima, Limitada.

INQUÉRITO ADMINISTRATIVO NO PORTO

PORTO, 17 — Na administração do 2.º Bairro do Porto, corre seus termos um processo de inquérito administrativo, relativo à empreitada de «beneficiação do bairro de casas económicas da Vilarinha (Boavista)», adjudicada a Artur da Silva Campos, de Vila Nova de Famalicão, pelo que os interessados podem reclamar a falta de pagamento a que se julguem com direito.

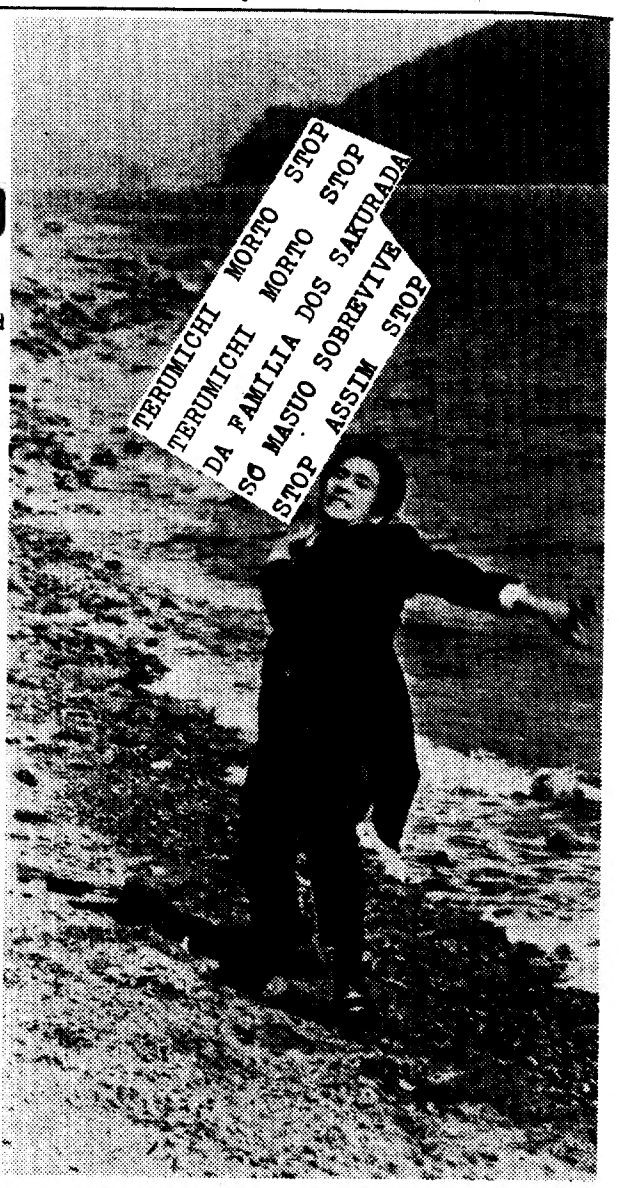
A nova dimensão da fábrica "Onça"



Em consequência do grande desenvolvimento experimentado nos últimos tempos, a fábrica «Onça», de Braga, fundada em 10 de Junho de 1927 por João Carlos Teixeira de Araújo, vai elevar o seu capital social para 16 000 000 escudos e transformar-se em sociedade anónima. Esta importante unidade fabril é especializada em peças para automóveis, encontrando-se situada em Vila Nova de Nogueira

FÉRIAS DA PÁSCOA
LONDRES 5, 6, 7 ou 8 DIAS
PARTIDAS: Março 31
Abril 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10
11, 12, 15, 21, 28
Preços excepcionais desde 2.990$
GENÈVE DE 12 a 15 de ABRIL
Preços excepcionais desde 2.940$
INCLUINDO:
● Viagem em avião a jacto
● Estadia no Hotel
● Transportes em terra
● Visita da cidade
● Taxas hoteleiras
● Acompanhante
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA:
PORTO:
COIMBRA:
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

GATÉLITE
depois de
O ENFORCAMENTO
animatógrafo apresenta
CERIMONIA SOLENE
(GISHIKI)
A OBRA PRIMA DE
NAGISA OSHIMA
HOJE, ESTREIA
ÀS 21,45 H.
grupo D/18 anos



HORÁRIO DAS SESSÕES:
TODOS OS DIAS: 15.30 H, 18.30 H e 21.45 H
ÀS SEXTAS E SÁBADOS: SESSÃO SUPLEMENTAR ÀS 0.15 H

DL/GERAL

O regresso do Proscenium

Após um ano ausente dos palcos de Lisboa, em deslocações pela Província, Açores e Madeira, o Grupo Proscénio do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório de Lisboa, dirigido por Pedro Lemos, vai iniciar uma série de representações com as peças «Silva Vicentina», de Gil Vicente, «Peraltas e Sécias» de Marcelino Mesquita, «O Processo da Sombra dum Burro» de Friedrich Durrenmatt, «Auto da Compadecida» de Ariano Suassuna e «O Cavaleiro sem Medo» de Francisco Nicholson, na Academia de Santo Amaro, à Junqueira.

NOVIDADE LITERÁRIA

ACABA DE SAIR

«OUVIAM-SE VOZES AO LONGE»

DR. FAUSTO LOPO DE CARVALHO

Situações humanas da vida descritas magistralmente

À VENDA NAS LIVRARIAS

Parceria A. M. Pereira, L.da
LIVREIROS-EDITORES
R Augusta 52-Tel 361730 – Praça Dr Nuno Pinheiro Torres-2 /A-Tel 743656
LISBOA

CORRIGIDA A ROTA

A Mariner-10 encaminha-se para o planeta Mercúrio

PASENA (Califórnia), 18 (UPI-ANI) — Numa difícil manobra, retardada a sua velocidade para 140 688 quilómetros por hora, a AMariner-10 tomou ontem a direcção do seu objectivo, Mercúrio.

As últimas três correcções de rota foram feitas no sábado, para que a Mariner pudesse passar a uma altitude de Mercúrio inferior a 960 quilómetros.

«Estou arrebatadamente feliz — declarou o director responsável pelo projecto Mariner, Gene Giberson, no Laboratório de Propulsão a Jacto. Era uma manobra difícil, mas triunfámos plenamente».

Os aparelhos pilotos da Mariner trabalharam durante 51 segundos, reduzindo a velocidade do aparelho, que pesa cerca de quinhentos quilos, em aproximadamente 112 quilómetros por hora.

Se a manobra falhasse, a Mariner-10, pronta para o encontro com Mercúrio em 29 de Março, ficaria a sobrevoar o planeta a cerca de 10 720 quilómetros da sua face.

O engenho, lançado em 3 de Novembro, voará até 870 quilómetros de Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol.

Os cientistas do Laboratório de Propulsão disseram que as câmaras de televisão colocadas na Mariner e outros instrumentos científicos começarão a transmitir informações de Mercúrio a partir do próximo sábado.

Até agora, supunha-se que Mercúrio tivesse temperaturas da ordem dos 343 graus centígrados na face exposta ao Sol, o que seria suficientemente quente para derreter o chumbo, e elevadas temperaturas negativas na outra face.

O primeiro engenho espacial a explorar dois planetas, a Mariner girou à volta de Vénus em 5 de Fevereiro e transmitiu uma série de informações científicas para a Terra.

Quando se aproximar de Mercúrio, a Mariner transmitirá todos os 42 segundos uma fotografia para a estação de radar de Goldstone, perto de Barstow, Califórnia, que retrnsmitirá depois para o Laboratório de Propulsão a Jacto, em Pasadena.

A correcção na rota efectuada no sábado foi comandada por engenheiros do Laboratório e transmitida à Mariner, nessa altura a 100 milhões de quilómetros da Terra, via estação espacial de Madrid.

DESAPARECIDAS MAIS TREZE VIATURAS

Segundo informa o Comando-Geral da P.S.P., no período compreendido entre as 24 horas de anteontem e as 24 de ontem, foram recuperadas dezassete viaturas, tendo, entretanto, desaparecido as seguintes: FG-65-45, Ford Cortina GT; FE-86-87, Ford Cortina; EC-40-71, Ford Cortina; GI-87-28, Ford Cortina; FI-84-58, Fiat 127; LO-51-86, Fiat 850; FL-99-35, Fiat; CH-42-06; Datsun 1600; BC-86-19, Austin; EE-50-12, Austin Mini; DE-87-31; Morris 1000; DI-69-36, Volkswagen; e DF-49-39, Mercedes 250.

Perdeu-se

Perdeu-se cão castanho claro e focinho preto, com coleira vermelha. Dá pelo nome Sunguê. Zona Vale Escuro dão-se alvíssaras — Tel. 837047.

"Klute" no Império

«Klute» é um documento da sociedade de hoje e do seu sub mundo, um filme de «suspense» dramático e psicológico interpretado por Jane Fonda e Donald Sotherland.

Jane Fonda alcançaria pelo seu trabalho em «Klute» o «Oscar» da Academia e o «Globo de Oiro» da Crítica de Nova York.

Marcel Martin, o respeitado crítico, escreve assim:

Jane Fonda, a actriz mais inteligente da sua geração, desempenha o papel de Bree com um profissionalismo tão extraordinário que se torna cada vez mais evidente, de uma evidência absoluta, que é dela própria que ela fala, em profundidade, da sua concepção da vida, de uma mulher que se quer totalmente livre e que está pronta a entregar-se a essa liberdade.

«Klute»: o filme que o Império apresenta, 4.ª feira, às 18 e 30, na sua sessão clássica.

Regressou da Venezuela o ministro das corporações

**A comunidade portuguesa na Venezuela tem mais de 150 mil pessoas e a sua participação no processo de intenso desenvolvimento do País mede-se não só pelo êxito empresarial de alguns dos seus membros, mas sobretudo pelo sentido cívico, qualidades de trabalho, imaginação criadora da generalidade dos nossos compatriotas que assim amplamente valorizam o nome de Portugal» — efirmou esta manhã o ministro das Corporações e Segurança Social à chegada ao aeroporto, no regresso da Venezuela, onde participou nos actos comemorativos da posse do noso presidente da República daquele país, dr. Carlos Andréa Pérez.

Na presença de vários membros do Governo e de outras individualidades que o aguardavam, o ministro, falando aos representantes dos órgãos da Informação, começou por referir-se às atenções recebidas durante a sua estrada na Venezuela, da parte das mais altas individualidades daquele país, atribuindo-as ao prestígio de que goza alí a colónia portuguesa.

Durante os nove dias que passei na Venezuela — prosseguiu — pude contacter com muitos dos portugueses radicados nas cidades de Caracas, Valência e Maracay, visitando as sedes das numerosas associações que aí mantêm viva a cultura portuguesa. Efectuei ainda com os responsáveis por essas instituições algumas reuniões de trabalho em que participaram também os senhores embaixador e secretário naciona da Emigração e onde foram analisados múltiplos problemas para os quais se pôde encontrar frequentemente adequada solução, propondo-me diligenciar por garantir, a curto prazo, satisfatória resposta a todas as restantes legítimas pretensões que naturalmente recolhi com o maior carinho e interesse.

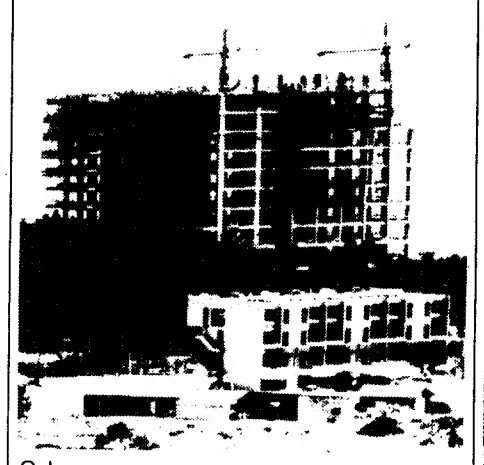
Por fim, o ministro salientou ter sido «um privilégio» conhecer a comunidade portuguesa na Venezuela.

Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra numa cena de «A Ilha dos Escravos» de Marivaux, peça apresentada pela segunda vez e Portugal, desta feita pelo Teatro da Cornucópia.

"A Ilha dos Escravos" já foi encenada no TEUC

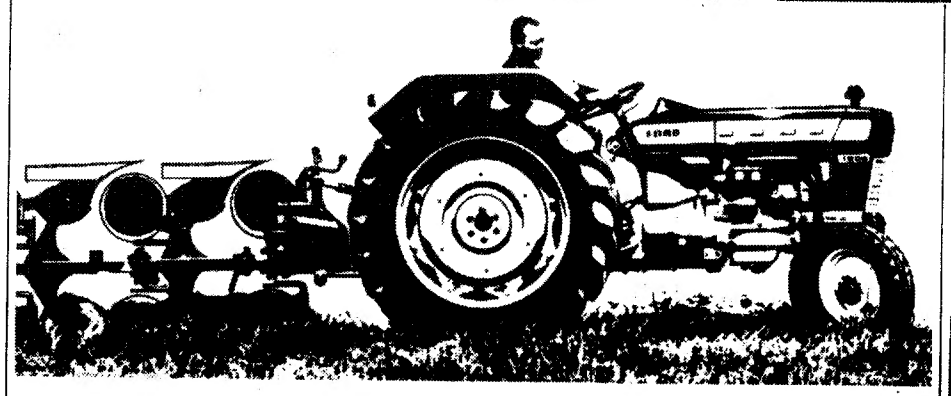
A propósito de várias notícias que vêm indicando o «Teatro da Cornucópia» como o agrupamento que revelou no nosso país «A Ilha dos Escravos» de **Marivaux, informa-nos o nosso leitor sr. João de Almeida** ter sido a referida peça montada no ano de 1969, pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, numa encenação de Luís de Lima. Algum tempo depois, a carreira da peça veio a ser interrompida, visto Luís de Lima ter sido forçado a ausentar-se para o Brasil. Aqui fica, pois, a rectificação, que endereçamos à «Cornucópia».

10000 construtores do futuro



O homem pensa.
Sonha.
Idealiza o futuro.
Outros homens realizam a obra.
Concretizam o sonho.
Constroem o futuro.
Já somos milhares de homens e mulheres a viver este sonho de futuro.
A tornar o sonho possível.
Dia a dia. Pedra a pedra. Arvore a árvore.
Participando na construção do futuro.
Do admirável mundo novo de amanhã.

Tudo faremos para que o pessoal se sinta cada vez mais «em casa» nos locais de emprego.
Das inúmeras oportunidades de trabalho, formação e promoção do trabalhador, às condições de trabalho, tudo está sendo estruturado para que estes milhares de homens e mulheres se sintam cada vez mais integrados. Sintam sua, a obra que é de todos.



Formamos uma grande comunidade.
Temos 10 000 homens a trabalhar nas nossas Empresas.

10 000 homens que são 10 000 famílias.
A quem procuramos dar as melhores condições sócio-económicas para que possam realizar da forma mais eficiente as suas tarefas. Atribuímos remunerações justas, de acordo com a experiência profissional; possibilitamos promoções regulares de acordo com a capacidade de trabalho e o grau de aperfeiçoamento.
Incentivamos em cada um as suas melhores qualidades para que as possam desenvolver mais facilmente.

Uma das nossas preocupações dominantes é contribuir para a fixação das populações — da mão-de-obra — dentro do País, de forma a diminuir a corrente migratória para o exterior e criar condições de emprego e de vida que constituam factores aliciantes para todos os trabalhadores portugueses.
Os 10 000 homens que trabalham connosco são já uma concretização deste objectivo. Muitos outros se seguirão.
Na nossa programação de futuro, temos como dominante, alargar o mercado de emprego, criar novas oportunidades, novas opções e oferecer condições de vida digna a muitos mais milhares de construtores do futuro.

PUBLITOTAL T-1/74

TORRALTA mais trabalho para um país melhor

DL/NACIONAL

Falta de professores para a Universidade do Minho

A falta de professores constitui a maior dificuldade da comissão instaladora da Universidade do Minho, segundo revelou o reitor na cerimónia da tomada de posse do primeiro professor catedrático, prof. Joaquim Barbosa Romero.

Os cursos a instituír dependerão, pois, das perspectivas que contratação de professores oferecer, embora estejam já instituídas quatro secções de estudo: Letras e Artes; Medicina; Sociologia, Direito, Ciências Empresariais e Economia; e Tecnologias.

Pensa-se que a Universidade ficará instalada num campo universitário a criar. Mas, de momento, elas cingir-se-ão à Biblioteca Pública e ao Arquivo Distrital, com o recurso ao aluguer de edifícios públicos para a instalação das primeiras faculdades. Estas deverão entrar em funcionamento no ano lectivo de 1975/76.

BANCO DE PORTUGAL

Foi reconduzido no cargo de governador do Banco de Portugal o prof. dr. António Manuel Pinto Barbosa. O diploma veio hoje publicado no «Diário do Governo».

Colóquios sobre informática

Terá início amanhã, os colóquios submetidos ao tema **Estado actual das aplicações da Informática nos domínios da Ciência e da Técnica em Portugal,** já anunciados e promovidos pela SIC (Secção de Informação Científica, da Sociedade de Geografia de Lisboa), os quais se prolongam até à próxima sexta-feira, dia 22. As sessões realizar-se-ão na Sala da Academia da Sociedade de Geografia, em Lisboa, pelas 17 e 30, podendo ser solicitadas quaisquer informações pelos telefones 613126, 767681, 610342.

Prémio de reportagem "Artur Portela"

Como já noticiámos, a Casa da Imprensa vai atribuir o «Prémio Artur Portela» à melhor reportagem publicada em 1973 nos jornais ou revistas de Lisboa por jornalistas profissionais. Foi já constituído o júri, que é composto pelos jornalistas Norberto Lopes, Fernando Assis Pacheco, Urbano Tavares Rodrigues, Luís de Barros (presidente do Sindicato dos Jornalistas) e Artur Portela (Filho) e que apurará o melhor trabalho entre as reportagens antecipadamente seleccionadas pelas redacções.

O «Prémio Artur Portela» em homenagem à memória de um grande jornalista desaparecido em 1959, depois de ter contribuído substancialmente para o prestígio da instituição, atinge o montante de cinco mil escudos (importância doada pela família) foi atribuído em 1969 aos jornalistas do «DL» Renato Boaventura, Oliveira Pinto e Silva Pinto.

Foi a enterrar o jornalista Ferreira da Costa

. Efectuou-se, esta manhã, da Basílica da Estrela para o cemitério dos Prazeres, o funeral do jornalista Ferreira da Costa, que, como repórter, se preocupou, nos últimos treze anos, com o problema ultramarino.

Tendo começado a sua carreira em «O Século», onde se tornou num redactor categorizado, chegou a chefiar a Redacção do «Diário de Luanda» e foi director de «O Comércio», periódico da capital daquele Estado ultramarino.

A sua história como jornalista é longa: fez a Guerra Civil de Espanha, acompanhou as tropas portuguesas que, após o último conflito mundial, recuperaram Timor, etc. O Sindicato Nacional dos Jornalistas distinguiu-o com o «crachat» de ouro, distinção que foi já conferida aos jornalistas Augusto de Castro, Leopoldo Nunes e Norberta Lopes. Relativamente aos livros que publicou, obteve vários primeiros prémios, todos de espírito ultramarino: «Afonso de Bragança», «Fernão Mendes Pinto», etc.

DOS HOSPITAIS

DOENÇA MORTAL

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal o cadáver de Joaquim Marcelino Rosado Bueno, de 55 anos, morador na Rua do Outeiro, 3, 2.º dir.º, Amadora, o qual faleceu depois de haver sido acometido de doença súbita na sua residência.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

Deu entrada no Hospital de S. José, em estado grave, Américo Rosa Quitério, de 34 anos, morador na Rua Mestre Neves, 2, em Sintra, por se haver despistado o automóvel que conduzia.

No mesmo hospital foram ainda internados: António Luís Santos, de 20 anos, residente no Casal das Arroteias, Torres Vedras, por queda da motoreta que conduzia em S. Mamede da Ventosa, e Valério Anastácio Cabrita, também de 20 anos, por haver chocado a sua motorizada com um automóvel próximo de Faro.

INDIVIDUALIDADES DA S.E.I.T. AGRACIADAS

Com o grau de comendador da Ordem do Infante D. Henrique foram agraciados o dr. António Caetano Carvalho, subsecretário de Estado da Informação e Turismo e o eng.º Álvaro Roquette, director-geral do Turismo.

O dr. Pedro Feytor Pinto, chefe dos Serviços de Informação da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, foi agraciado com o grau de oficial da Ordem Militar de Cristo.

Curso de Informação Técnica nas Indústrias Alimentares

Promovido pelo I.N.I.I., realiza-se, hoje, amanhã e depois um curso de Informação Técnica nas Indústrias Alimentares em que será monitor o dr. U. Schutsack, director da International Food Information Service. O curso será dado em inglês com tradução simultânea.

DL/GERAL

MARCELLO CAETANO A "LE POINT":

"NÃO SEI O QUE O FUTURO NOS RESERVA

PARIS — (A.N.I. / U.P.I.) — O Chefe do Governo português prof. Marcello Caetano declarou, em entrevista ao semanário «Le Point», que jamais concordará com o abandono das províncias ultramarinas.

«Portugal — sublinhou o prof. Marcello Caetano — está a lutar na África em defesa de uma sociedade multirracial e contra movimentos racistas que procuram expulsar os brancos de África.

«Quer por tradição, quer por efeito da minha educação jurídica, nunca faço previsões. Não sei o que o futuro nos reserva e é-me impossível prever a situação daqui a alguns anos. Por outro lado, o que sei perfeitamente é que Portugal é a favor de uma evolução para as suas províncias ultramarinas, já, de resto, definida na Constituição.

«A essas províncias, algumas das quais já têm o título de Estado, garantimos — salientou o Chefe do Governo português — o seu desenvolvimento e o das suas populações. Sem nunca deixarmos de ter em consideração o facto de que temos de continuar a seguir uma política de coexistência pacífica entre todas as etnias e de que a cor da pele nunca deve impedir o acesso de qualquer homem a cargos de responsabilidade.

«Estamos a lutar em defesa do direito que têm todos os homens de viverem juntos na África e, acima de tudo, em defesa da sociedade multirracial que lá formámos. Pelo contrário, os chamados movimentos de libertação são racistas. O seu objectivo é a expulsão dos brancos. Primeiro dos postos de comando; depois da própria África.»

A concluir, o prof. Marcello Caetano reafirma que nunca negociará com os adversários de Portugal, aos quais se referiu como «aqueles que pagos por potências estrangeiras, sustentam uma luta de guerrilha, inútil e cruel.»

MOÇAMBIQUE:

Transportes ferroviários mais caros

LOURENÇO MARQUES, 18 (L.) — Entrou em vigor nos Caminhos-de-Ferro de Moçambique um imposto de selo a cobrar sobre transporte de passageiros e mercadorias nos serviços interno e combinado.

Agora, sobre o custo de cada bilhete de passageiros incidirá uma percentagem de três por cento, correspondente a selo especial. Por cada cobrança suplementar, ampliação de prazo, mudança de itinerário ou qualquer cobrança adicional ao preço do bilhete de que já tenha sido pago o imposto serão cobrados também três por cento para selo especial.

Ao imposto de selo referido é acrescido o selo de Defesa Nacional de 1,3 por cento.

Estão no entanto isentos de imposto de selo os bilhetes de passagem em serviço combinado com as vizinhas administrações ferroviárias.

Estão igualmente sujeitos ao pagamento de selo especial os documentos e guias comprovativos do transporte de bagagens.

O imposto relativo a bagagens que forem transportadas gratuitamente está incluído nos impostos sobre o custo do bilhete que dá direito a esse transporte.

A DETA AUMENTOU AS TARIFAS

A DETA vai aumentar o preço das carreiras aéreas internas a partir do próximo dia 1 de Abril. Assim, as carreiras das Linhas Aéreas de Moçambique são aumentadas nos seus bilhetes simples em 13,4 por cento.

Os bilhetes de ida e volta que até agora usufruiam de uma redução de 10 por cento passam a custar exactamente o dobro de uma passagem simples já com o acréscimo dos 13,4 por cento. A estes preços continuará a ser acrescido o quantitativo de 9$00 e mais 3 por cento sobre o preço total do bilhete.

Deste modo, uma passagem de ida e volta Lourenço-Marques-Beira que custava 283$00 passa agora a custar 3580$00.

Operação de coração aberto em Nova Lisboa

NOVA LISBOA, 18 (L.) — Foi praticada nesta cidade uma operação de coração aberto a um indivíduo gravemente ferido naquele músculo vital.

A intervenção foi coroada de êxito, tendo sido realizada pelo médico neolisboeta dr. Ivo Botelho, dos quadros médico-cirúrgicos oficiais.

"Uma Abelha na Chuva"

Acaba de ser reeditado, agora pela Seara Nova, o conhecido romance de Carlos de Oliveira «Uma Abelha na Chuva», considerado uma das obras mais importantes da ficção portuguesa contemporânea.

Este juízo de valor não é emitido apenas pela generalidade dos críticos nacionais. Com efeito, desde há anos que «Uma Abelha na Chuva» e o seu autor têm merecido a melhor atenção nas universidades europeias onde a língua e a cultura portuguesas são estudadas, havendo mesmo numerosas teses de licenciatura, sobretudo em França e Itália, consagradas a este livro e à obra de Carlos de Oliveira.

Colheita de sangue

Na avenida Infante D. Henrique, frente à Estrada Sul e Sueste encontra-se estacionada, funcionando como posto fixo, uma unidade móvel do Instituto Nacional de Sangue, constituído por uma equipa médica e de enfermagem para colheita de sangue.

Até ao dia 31, a referida unidade funciona das 10 às 13 e das 17 às 20 horas.

As idades limite para a dádiva são os 18 e os 65 anos.

Alargado o conselho nacional dos preços

Por decreto publicado no «Diário do Governo» n.º 62 (I Série) foi alargado o quadro do Conselho Superior de Economia ficando as novas unidades afectas ao serviço do Conselho Nacional de Preços cujo funcionamento — di-lo o texto legal — «se pretende impulsionar decisivamente». O quadro do Conselho passa a dispor de mais dois assessores económicos um assessor jurídico, quatro técnicos de 1.ª classe e um secretário. O quadro administrativo é provido com mais cinco lugares (dois dactilógrafos e oficiais das diferentes categorias) e ao quadro do pessoal auxiliar é adicionado o lugar de um contínuo.

Bispos de Angola numa cerimónia colectiva

LUANDA, 18 (L.) — Integrada nas comemorações do Ano Santo está marcada para Luanda em 8 de Junho, uma cerimónia colectiva na qual participarão todos os Bispos de Angola.

No dia 30 de Junho será levado a efeito uma peregrinação a Massangano, a mais antiga paróquia do interior de Angola, integrada também naquelas celebrações.

Visita Lisboa o Lord Mayor de Londres

A convite da Câmara Municipal de Lisboa, chega a esta cidade, no próximo dia 31, o Lord Mayor de Londres, «sir» Hugh Wontner, acompanhado da sua esposa e de uma comitiva oficial.

A visita ao município lisboeta do presidente da edilidade londrina prolongar-se-á até ao dia três de Abril, estando previsto no programa da visita uma audiência com o prof. Marcello Caetano, uma digressão pelos pontos mais interessantes da capital e deslocações ao Estoril, Cascais e Sintra.

Antes de regressar ao seu país, o Lord Mayor oferecerá uma recepção na embaixada britânica e na qual estará presente o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, coronel Silva Sebastião.

Barítomo Hermann Prey

PORTO, 18 — Numa iniciativa do Círculo de Cultura Musical, realiza-se no próximo dia 22, no Teatro Rivoli, um recital com o famoso barítono Hermann Prey, que há muitos anos goza de projecção internacional, acompanhado pelo pianista Leonard Hokanson

LIGA NACIONAL DA DEFESA DOS ANIMAIS

(Instituição de Utilidade Pública Administrativa)

Sede e Posto veterinário n.º 1: Rua Brito Aranha, 22 — Telef. 731 339 — Lisboa.

Posto veterinário n.º 2: Rua Abel Botelho, 24 - A — Telef. 783 666 — Lisboa.

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral dos Sócios da Liga Nacional de Defesa dos Animais para as 20,30 horas do dia 26 de Março do ano corrente, na sua sede, Rua Brito Aranha 22, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

«Leitura, discussão e votação do relatório, balanço e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, referentes ao ano económico de 1973».

Para o caso de não haver número legal de sócios na hora indicada, fica desde já marcada 2.ª Convocação para uma hora depois no mesmo local e com a mesma Ordem dos Trabalhos, funcionando com qualquer número de sócios.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1974.

O PRIMEIRO SECRETÁRIO DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) Álvaro Pereira Miranda

MOÇAMBIQUE..

IMPORTANTES MEDIDAS DE CARÁCTER FINANCEIRO

LOURENÇO MARQUES, 18 — (L.) — Foram publicados no «Boletim Oficial» três diplomas, dos Ministérios das Finanças e do Ultramar, que determinam medidas de carácter financeiro relativos a Moçambique, as quais envolvem dois milhões e cem mil contos.

O primeiro, decreto-lei, autoriza o governador-geral a contrair um empréstimo, amortizável, até à importância de um milhão de contos; o segundo, decreto, fixa em 600 mil contos a importância das obrigações a emitir no ano de 1974 pelo governador-geral de Moçambique e o terceiro, portaria, autoriza os Serviços de Finanças a emitir a obrigação geral, correspondente a uma série de empréstimos externos, na importância de 500 mil contos.

TERRENO COMPRA-SE

CONCELHO DE LISBOA

Para construção c/ o mínimo de 19 ms. de largura e 56 ms. de comprimento e de preferência autorizado para edifício até 8 andares. Resposta a este jornal ao n.º 1050 indicando área certa, localização, preço e outros detalhes.

Hospital de Portalegre

Por uma portaria do ministro da Saúde, foi nomeada a comissão instaladora do novo hospital distrital de Portalegre, que tem a seguinte composição: presidente — dr. Augusto Amorim Afonso, vice presidente — dr. Plinio Casimiro Serrote, vogais — dr. Mário Mendes da Luz Chambel, dr. João Luís Malato Correia, José dos Santos Cardoso e Maria da Piedade Silva.

CURSOS

● **MECANOGRAFIA**

PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO

Sistemas: IBM e UNIVAC

máq. 029 - 059 - 129 - 1701 - 1710

Início dos cursos: 22 MARÇO

Informações e matrículas no:

EXTERNATO CONTINENTAL

Tel.: 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso N.º 3-0042/74

Fornecimento e montagem de uma Central Térmica no Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 29 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições, 13 de Março de 1974.

O Chefe do Serviço

a). **Alexandre Pinheiro**

DL/ESTRANGEIRO

O levantamento do embargo não bastará para fazer voltar a situação a normalidade

WASHINGTON, 18 — (F. P.) — O levantamento do embargo aos fornecedores de petróleo para os Estados Unidos que será anunciado hoje vai atenuar a falta de produtos petrolíferos nos Estados Unidos mas não bastará para fazer voltar a situação à normalidade, sublinham os técnicos.

A paralização em Outubro último das exportações do Próximo Oriente que privou os Estados Unidos de 6 por cento dos seus abastecimentos, só agravou a crise americana da energia que começou a manifestar-se no fim de 1972.

O recomeço dos fornecimentos cujo volume dependerá dos níveis de produção adoptado pelos Estados árabes, não fará, portanto, desaparecer as dificuldades crescentes dos Estados Unidos em satisfazer as necessidades imensas de energia, visto que antes do embargo consumiam seis vezes mais do que a média mundial.

Um recomeço dos fornecimentos pelos árabes que atingiam (ramas mais produtos refinados) cerca de mil barris por dia antes do embargo, teria as seguintes consequências:

11) Reduzir a falta de gasolina e afastar definitivamente a hipótese de racionamento. Logo que seja anunciado o fim do embargo a administração tenciona gastar os «stocks» abundantes. As companhias petrolíferas enviarão os seus petroleiros para os Estados Unidos à espera dos primeiros fornecimentos directos vindos do Próximo Oriente o que levará pelo menos seis semanas.

2) Aumentar as vendas de carros americanos que baixaram 30 por cento em relação ao ano passado.

Cinco meses de embargo obrigaram a administração a impor numerosas restrições que modificaram o estilo de vida dos americanos.

Entre as mais importantes:

. — Uma subida considerável dos preços dos produtos petrolíferos: 90 por cento num só ano sobre as ramas produzidas nos Estados Unidos, 55 por cento sobre o «fuel» doméstico e industrial e 28 por cento sobre a gasolina. Estas subidas contribuíram largamente para aumentar a inflação actualmente 10 por cento (no espaço de um ano)

. — Distribuição obrigatória das quantidades disponíveis de produtos petrolíferos entre utilizadores, dando prioridade às indústrias. Estas restrições obrigaram, nomeadamente as companhias aéreas a suprimir mais de um milhar de voos diários e a despedir cerca de 15 000 pessoas.

— Limitação no uso dos automóveis (velocidade limitada a 90 km, bombas de gasolina fechadas ao domingo, quantidades de fornecimento limitadas) que provocou uma grave crise na indústria automóvel americana que teve de despedir proviso-riamente 100 000 operários pois as vendas desciam cerca de 20 por cento.

Uma redução geral do consumo de energia sob todas as formas, que obrigou os americanos a viver um pouco menos confortavelmente que no passado, mas que permitiu economias da ordem dos 10 a 20 por cento segundo os sectores.

Regressaram ao trabalho os jornalistas do "Sunday Mirror"

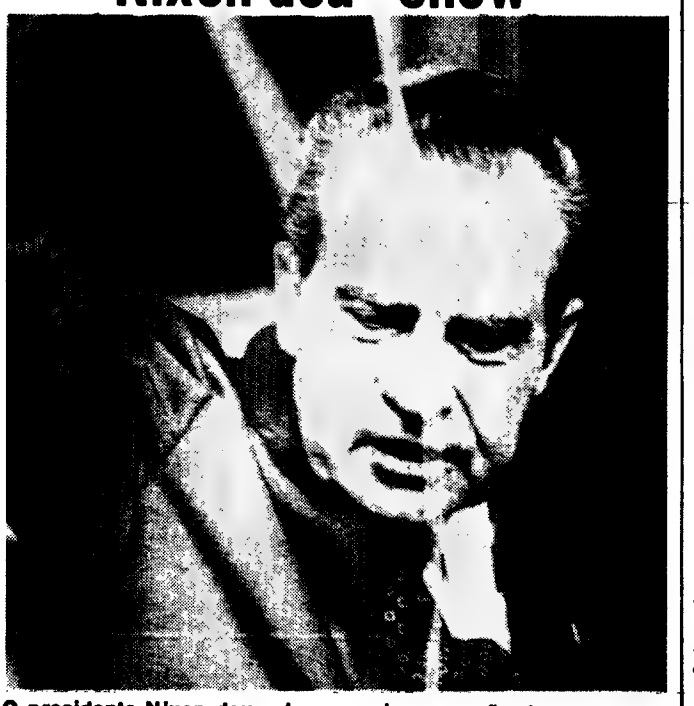
LONDRES, 18 — (R.) — Jornalistas do «Sunday Mirror» chegaram anteontem a acordo sobre salário e regressaram ao trabalho, embora os 59 componentes da redação tenham sido despedidos na noite anterior.

O despedimento seguiu-se a dois dias de reuniões obrigatórias do sindicato sobre a sua reivindicação salarial.

A «International Publishing Corporation», que edita o jornal de grande circulação, afirmara considerar que os jornalistas tinham terminado o seu contrato ao recusar-se a trabalhar desde quarta-feira.

Porém, no sábado um informador disse que os jornalistas tinham regressado ao trabalho normal, esperando-se que a maioria dos exemplares do jornal fosse posta à venda ontem. Acrescentou que uma fórmula de pagamento fora conseguida e que os despedimentos tinham sido retirados.

Nixon deu "show"



O presidente Nixon deu «show» na inauguração do novo teatro de folclore do Grand Ole Opry, em Nashville. Depois de ter tocado ao piano os «Parabéns a Você» em homenagem ao aniversário da mulher, «Minha Rosa irlandesa», assinalando o Dia de São Patrício da Irlanda e «Deus abençoe a América», fez algumas habilidades com um iô-iô. Por outro lado, o chefe do executivo norte-americano declarou: «Os Estados Unidos não devem ceder em poderio, a nenhum outro país, a fim de poderem desempenhar o seu papel pacificador no Mundo. Devemos ser o líder do mundo, porque sem a nossa liderança, nele não pode haver paz». No final, foi muito aplaudido pelo público.
(Telefoto UPI-Telimprensa-«DL»)

NO NORTE DO IRAQUE

A aviação bombardeou posições curdas

BEIRUTE, 18 (F.P.) — Pela primeira vez desde que foram desencadeados, na última terça-feira, as autoridades iraquianas reconheceram implicitamente, ontem, a existência dos recontros armados iraco-curdos, que prosseguem no norte do país.

O jornal «Al Saoura» (órgão do Partido Baas, no Poder no Iraque) referiu-se com efeito, a «actividades negativas e irregulares» no Curdstão. O jornal não dá, no entanto, qualquer indicação sobre a natureza dessas actividades e não faz qualquer alusão aos combates que, segundo informações provenientes de Teerão e de Ancara, opõem unidades do Exército iraquiano aos curdos de Mustapha Al Barzini, chefe do Partido Democrático Curdo (PDC).

Depois de uma breve acalmia, na última sexta-feira, os combates recomeçaram, no sábado, com mais violência, desta vez com a intervenção da aviação iraquiana, que bombardeou as posições curdas. O ruído dos disparos de artilharia e das explosões era ouvido em Cukurca, localidade turca que que fica a uns quatrocentos metros da fronteira iraquiana. Al Bar Zani teria declardo, segundo um jornal iraquiano, que «os curdos só cessarão o combate quando os seus direitos forem completamente assegurados. Caso contrário, a guerra alastrará a todo o território iraquiano».

Os partidários de Barzani continuam a exigir que se proceda a um noo recenseamento nas regiões do norte do país e que as cidades de Mossul e Kirkuk, importantes regiões petrolíferas, sejam cedidas aos curdos, no âmbito da autonomia.

Os dirigentes iraquianos rejeitaram essas exigências e a a lei da autonomia não tem em conta outro recenseamento senão o de 1957, época em que Barzani e os seus principais colaboradores residiam na União Soviética.

Só depois da queda da monarquia iraquiana, em Julho de 1958, é que o chefe curdo regressou ao Iraque. Desde então, a sua influência tem aumentado sempre, sobretudo entre os curdos. Depois de 10 anos de sangrentos combates com as forças iraquianas Barzani veio a concluir um acordo (11 de Março de 1970) com o Governo baassista de Bagdade, acordo esse que prevê uma autonomia do Curdistão em 1974.

Mas Al Barzani sempre tem desconfiado do Partido Baas «não tenho confiança nos baassistas... o seu mal é não terem palavra — declarava em 1972.

E possível que as tropas iraquianas passem a ofensiva contra os curdos, que já não tem o apoio da União Soviética. Moscovo mantém, aliás, excelentes relações com o regime iraquiano. A «Pravda» acolheu favoravelmente a lei de autonomia e acusou de «reaccionários» os que a ela se opõem.

O perigo para o iraque, no caso de recomeçarem as hostilidades em grande escala no norte do país, é o de o Irão poder abrir uma «segunda frente» na fronteira irano-iraquiana, onde tem havido, desde o princípio do ano, sangrentos combates entre forças iraquianas e persas.

A situação no norte do país e as relações iraco-iraniana constituirão, sem dúvida, temas a examinar durante a visita que o marechal Gretchko, ministro soviético da Defesa, deve fazer a Bagdade, a partir de 23 do corrente.

E de prever que os iranianos peçam a Moscovo que intervenha junto de Teerão no sentido de terminarem os incidentes fronteiriços e de os persas tomarem uma atitude natural na crise iraco-curda. Bagdade já por vários vezes manifestou o desejo de estabelecer relações de boa vizinhança com o Irão.

LÍBANO SEM PÃO

BEIRUTE, 18 — (F.P.) — O Líbano está sem pão desde ontem e por tempo indeterminado devido à greve geral decretada pelos sindicatos dos padeiros.

Estes exigem uma subida do preço do pão ou uma redução no preço da farinha.

QUATRO ANOS DEPOIS

COMEÇA O JULGAMENTO DO CASO VALPREDA

CATANZARO (ITÁLIA), 18 — (R) — Um dos casos mais discutidos na Itália do após-guerra começa hoje a ser julgado quando Pietro Valpreda, um anarquista, comparecer em tribunal acusado de ter colocado uma bomba que matou 16 pessoas num banco de Milão há mais de quatro anos.

Existem sérias dúvidas quanto à culpabilidade de Valpreda e o seu caso tornou-se um autêntico símbolo da extraordinária lentidão com que funciona a justiça italiana.

Valpreda passou três anos preso enquanto decorria com todo o vagar a instrução do processo até que a indignação popular e as denúncias feitas pela Imprensa levaram o Governo a adoptar uma nova lei que permitiu ao acusado aguardar em liberdade o julgamento.

Esse diploma, conhecido como «A Lei Valpreda», concede a liberdade provisória a todos os acusados, ao passo que anteriormente isso só acontecia com os acusados de delitos secundários.

À medida que iam surgindo dúvidas sobre a culpabilidade de Valpreda, a opinião pública, inicialmente chocada pelo atentado, que foi o mais grave registado na Itália desde a guerral começou a manifestar-se a favor da libertação provisória de um homem que poderá ter passado três anos preso estando inocente.

Essa simpatia, motivada essencialmente pela desumana lentidão da Justiça na instrução do processo, aumentou quando três neo-fascistas foram presos por suspeita de terem sido eles os verdadeiros autores do atentado. No mês passado, um inquérito judicial efectuado em Milão chegou à conclusão de que os três homens tomaram parte na organização do atentado.

Valpreda, que entretanto escreveu um livro sobre a sua permanência na prisão, tornou-se uma figura popular e um autêntico herói para a extrema esquerda italiana.

PERDEU-SE

Cachorro pequeno, castanho, pelo comprido. Perdeu-se na serra de SINTRA-Est. dos Capuchos pé da serra. Dia 17 Março. DÃO-SE ALVISSARAS Telf. 40828 e 51842

Reunião dos não-alinhados amanhã em Argel

ARGEL, 18 — (R) — O secretário geral das Nações Unidas, dr. Kurt Waldheim, deu o seu apoio a uma reunião de países não-alinhados, destinada a preparar uma Conferência Muncial sobre relações económicas internacionais, ao classificar as conversações como uma iniciativa oportuna.

As discussões nesta cidade de 19 a 21 de Março entre 17 países não -alinhados redigirá a agenda final para uma sessão especial das Nações Unidas que o Terceiro Mundo espera, conduzirá a uma filosofia de desenvolvimento.

A Conferência Mundial, marcada para se iniciar em 9 de Abril em Nova York, foi sugerida pelo presidente Houari Boumedienne da Argélia, que é actualmente o presidente do movimento não-alinhado de 75 nações.

Numa mensagem publicada a noite passada nesta capital, o dr. Waldheim declarou: «A vossa iniciativa foi necessária como oportuna. Devemos discutir a questão das matérias primas e do desenvolvimento como um todo e a uma escala mundial, tomando em consideração os interesses de cada país ou grupos de países».

Paixões políticas

LONDRES, 18 (UPI-ANI) — A data marcada passou e nada se sabe quanto ao quadro «A tocadora de guitarra», de Vermeer, que os seus ladrões haviam ameaçado destruir se as suas pretensões não fossem aceites: transferência para a Irlanda do Norte das irmãs Dolours e Marion Price, que estão a cumprir pena na Inglaterra por pertencerem ao clandestino IRA.

O pai das raparigas solicitou em público aos ladrões do quadro que o devolvam intacto, pois as próprias filhas concordam que uma obra de arte não deve ser vítima de paixões políticas.

DL/ESTRANGEIRO

As mais pesadas baixas no Vietname do Sul desde o cessar-fogo

SAIGÃO 18 — (R.) — Tropas norte e sul-vietnamitas sofreram mais de 700 baixas numa grande batalha nas montanhas centrais, que se travava ainda hoje.

Informadores de Saigão disseram que a luta, que começara há três dias, provocara as mais pesadas baixas em combate desde o cessar fogo no Vietname, em Janeiro de 1973.

Oficiais do comando governamental nas montanhas, em Pleiku, comunicaram que dois batalhões norte-vietnamitas, com efectivos de cerca de 500 homens, foram dizimados e que as baixas sul-vietnamitas totalizaram cerca de 200 mortos, feridos ou desaparecidos desde que os combates começaram no sábado, de manhã, perto da cidade de Kontum.

O ataque principiou com uma intensa barragem de foguetões, fogo de morteiros e de artilharia contra postos avançados governamentais a cerca de 18 quilómetros a nordeste de Kontum. Desde então, a luta tem-se travado cada vez mais perto de Kontum, com algumas unidades comunistas avançando o suficiente para atacarem com fogo de morteiros um posto de comando, situado apenas a tres quilómetros daquela cidade.

Tropas governamentais, cujos efectivos se desconhecem, estiveram fora de contacto com os seus postos de comando. Contudo, nada se sabia se algum dos postos avançados norte-vietnamitas tinha caído em poder dos comunistas.

Um oficial do alto comando declarou em Saigão: «económica e politicamente nada há a nordeste de Kontum. Contudo, estas são as baixas mais pesadas num ano e teremos de aguardar para ver se é o princípio de uma grande ofensiva para assegurar o domínio das montanhas».

Os oficiais do comando em Pleiku disseram a jornalistas pelo telefone que os norte-vietnamitas tinham lançado, pelo menos, dois regimentos na batalha, enviando-os das suas bases nas montanhas, onde se encontram as fronteiras do Vietname do Sul, Laos e Camboja.

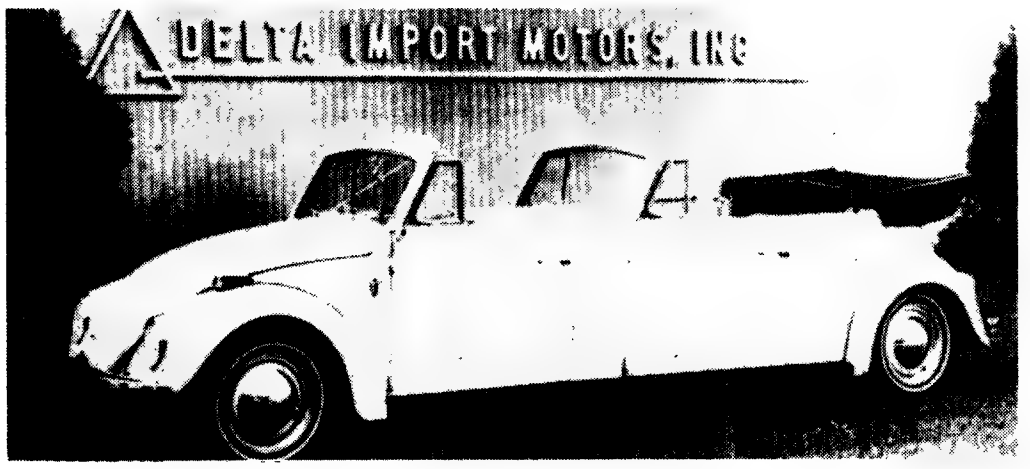
Essas tropas eram apoiadas por canhões de campanha de 130 milímetros, de fabrico russo, e poderão dispôr de tanques nas montanhas de densa selva a nordeste de Kontum.

Pilotos sul-vietnamitas realizaram entre 60 a 70 sortidas para tentar suster a arrancada.

Ontem, em Washington, o comandante militar norte-americano no Pacífico, almirante Noel Gayler, declarou que soldados norte-vietnamitas se preparavam para atacar no Vietname do Sul.

Disse que os norte-vietnamitas estavam a conter uma ofensiva principalmente por causa da incerteza sobre como reagiriam os Estados Unidos.

«Dispõem já das estradas e das armas e munições necessárias para a arrancada» acrescentou o almirante Gayler.



Versão americana de um utilitário europeu. O automóvel foi construído a partir de dois Volkswagens. (Telefoto UPI-Telimprensa-«DL»)

Acordo de cooperação Anglo-Sovietico- dentro de semanas

MOSCOVO, 18 — (R.) — O ministro soviético do Comércio Externo, Nikolai Patolichev, deverá visitar a Grã-Bretanha dentro das próximas semanas para assinar um acordo de cooperação por 10 anos que certamente ajudará a impulsionar o comércio entre os dois países — anunciaram ontem funcionários britânicos.

O acordo, abrangendo cooperação económica, científica, tecnológica e industrial, poderá ajudar firmas britânicas a conseguirem aberturas no desenvolvimento económico soviético a longo prazo.

O acordo para assinatura segue-se a conversações com Peter Preston, vice-subsecretário do Departamento Britânico da Indústria, que se deslocou a Moscovo para preparar a terceira sessão conjunta da comissão anglo-soviética para cooperação nos campos da ciência, tecnologia, comércio e relações económicas.

A sessão, que terá lugar em Londres em Maio, e a assinatura do novo acordo, deverão dar um novo impulso ao comércio, segundo pensam os funcionários britânicos.

A União Soviética tem pactos similares de 10 anos com a Austria, França, Alemanha Ocidental e Finlândia, mas o acordo com a Grã-Bretanha foi adiado quando as relações se deterioraram em 1971 após cerca de 100 funcionários russos terem sido expulsos da Inglaterra por alegada espionagem.

Presentemente, disseram funcionários britânicos, um espírito de cordial cooperação emergiu do qual a indústria britânica deverá beneficiar.

Os jornais preveem a vitória de Wilson

LONDRES, 18 (FP) — A Imprensa britânica é unânime em prever, hoje, que o Governo Trabalhista de Harold Wilson não será posto em minoria.

O «Times» e o «Daily Telegraph» salientam, nos seus títulos de primeira página, que vários deputados conservadores (talvez doze) se abesterão de votar a favor da emenda da Oposição desfavorável ao Governo.

O «Financial Times» (jornal dos meios de negócios) salienta o receio com que numerosos meios conservadores encaram uma crise constitucional que obrigasse a novas eleições.

Na situação em que se encontram, os conservadores não têm muito por onde escolher. Terão de «adoptar uma atitude de espera e deixar o Governo jogar as suas cartas» — diz ainda o influente jornal financeiro.

Quanto ao «Daily Telegraph» (conservador), mostra-se pessimista perante a situação dos conservadores. «No pior dos casos, uma derrota de Wilson (...) poderia terminar numa eleição e os eleitores, furiosos, poderiam muito bem culpar Heath e Thorpe.

Wilson pode ganhar a votação, mas é claro que o fará pondo em foco as divisões entre os conservadores e salientando, uma vez mais, a ineficácia dos liberais».

Misteriosas manchas na superfície de Marte

MOSCOVO, 18 (R.) — Cientistas soviéticos, estudando dados sobre Marte transmitidos pelas sondas de exploração nos últimos dias, conjecturam que misteriosas manchas brancas na superfície do planeta poderiam ser erupções de vapor.

V. Petrovsky, que trabalha em pesquisas na Academia de Ciências Soviética, afirmou numa entrevista que concedeu à «Tass» que Marte parecia ter recursos de água para reabastecer a que se encontra na atmosfera.

Esses recursos de água poderiam ser vastos reservatórios congelados por debaixo da superfície marciana — disse. Quando a superfície abria fendas em consequência de sismos ou de meteoritos, poderia registar-se uma erupção intensa de vapor na atmosfera de Marte.

Petrovsky sugeriu ainda que reservatórios de água subterrâneos se elevam por vezes para encher concavidades na superfície de Marte. Isso poderia explicar o aparecimento, de grandes áreas com 2.000 quilómetros de diâmetro, que eram absolutamente lisas em contraste com as vertentes, ravinas, crateras e sulcos noutras partes da superfície marciana.

Acrescentou que a mais alta cratera vulcânica de Marte tinha um diâmetro de 500 quilómetros e uma altitude de 20 quilómetros.

A União Soviética lançou há sete meses uma frota de quatro sondas para Marte, mas o mau funcionamento fez com que uma delas se perdesse no espaço sideral e com que os emissores da segunda se avariassem quando a nave chocou com a superfície do planeta.

Contudo, a Imprensa soviética discute hoje fotografias obtidas pela Marte-5, agora em órbita em redor do planeta, e dados das outras sondas, enviados quando passaram perto de Marte, antes de entrarem em órbita em volta do Sol.

O auxílio a Israel condenado pelos negros americanos

LITTLE ROCK (Arkansas), 18 (UPI-ANI) — Os delegados ao Congresso Político Nacional dos negros aprovaram ontem uma moção condenando a ajuda norte-americana a Israel.

A moção atenua a que fora proposta no sábado e que pedia a retirada das tropas israelitas dos territórios árabes ocupados.

A moção final de ontem «condena o racismo de todos os funcionários que votaram a ajuda a Israel, embora ignorem o estado dos refugiados palestinianos».

O comediante Dick Gregory, um inesperado orador da última sessão, fez sentir uma nota de união na qual a convenção acabou, e que ecoou nos discursos dos congressistas ao longo dos trabalhos.

«O que interessa é que estamos todos aqui — disse Gregory.

Apesar das divergências que houve, partamos com a unidade nos nossos corações».

O tema chave do congresso era o poder político negro e a maneira de o obter.

O congresso de três dias, que reuniu cerca de 3000 pessoas, 1.718 das quais como delegados oficiais, rejeitou uma proposta de estabelecimento de um Partido Nacional Negro.

O escritor Iamu Amiri Baraka, secretário-geral da Convenção, declarou que os presentes mostraram «maturidade razoável ao não apoiarem a proposta».

«Precisamos de estudar primeiro o problema, organizar as nossas próprias comunidades e trabalhar para uma melhor representação nas nossas assembleias de Estado. É esta a maturidade política que precisamos em todo o país.»

ENTREVISTA DE SADAT

NEW YORK, 18 (R. e F.P.) — O presidente Sadat declarou numa entrevista que a política americana em relação ao Egipto se modificou sensivelmente desde que o presidente Nixon foi eleito.

Falando à revista americana «Newsweek», Sadat salientou o novo impacto da diplomacia americana levada a cabo por Tenry Kissinger no Médio Oriente e disse que não se pode desligar essa actuação da orientação dada por Nixon à sua administração no que dis respeito à política externa dos Estados Unidos.

Sadat acrescentou que foi essa mudança de orientação que o levou a mostrar-se optimista quanto à possibilidade de paz no Médio Oriente.

Na mesma entrevista o dirigente egípcio também revelou que o seu Exército, durante a guerra de Outubro, dispunha de mísseis apontados às principais cidades israelitas.

O presidente egípcio acrescentou ter decidido não empregar essas armas contra Israel uma vez que «já, tínhamos demonstrado aos israelitas aquilo que pretendíamos e não havia interesse em agravar ainda mais a guerra».

Sadat disse ainda que o motivo da expulsão dos conselheiros militares soviéticos, em 1972, foi o de demonstrar ao mundo que não era um fantoche manobrado pelo Kremlin.

«Eu pretendia assegurar-me de que ninguém pudesse alegar que os nossos actor futuros eram inspirados pelos soviéticos».

Quanto às actuais perspectivas de paz, Sadat disse que primeiro será necessário um acordo de separação de forças na frente síria, após o que se poderá chegar a uma plataforma geral de entendimento dentro de poucos meses.

ZONA DESMILITARIZADA

Numa entrevista concedida ao semanário amerio americano «Time», o presidente Sadat declara que estará de acordo com o estabelecimento duma zona desmilitarizada de 15 a 30 km de profundidade, sob controle internacional de cada lado da fronteira separando o Egipto de Israel.

Por seu turno, o chefe de redacção da «Time», Hedley Donova, também entrevistou Golda Meir. Esta mostrou-se desejosa de conseguir um acordo com a Síria. «Estamos prontos a fazer um acordo com a Síria mas não estamos dispostos a dar uma gratificação a Assad pelo ataque que desencadeou contra nós em Outubro. Não queremos dar-lhe nada além da fronteira de 1967».

CAMBOJA

Combates em Oudong antiga capital

PHNOM PENH, 18 — (R.) — Os rebeldes comunistas penetraram na cidade de Oudong, antiga capital do Camboja e travam-se violentos combates nas ruas segundo anunciou o alto comando.

Não há, por enquanto, informações quanto ao número de baixas, mas o comando revelou que a aviação governamental está a bombardear e a metralhar as forças rebeldes em apoio da infantaria governamental.

Esta é a primeira vez que os rebeldes conseguem penetrar num importante centro populacional desde a sua malograda tentativa para capturar Kompong Cham no ano passado.

Em consequência dos combates ardem casas e templos em Oudong e o tiroteiro prossegue naquela cidade situada a 28 km de Phnom Penh.

O Governo tinha enviado ontem reforços por via aérea para Oudong, que desde Dezembro se encontrava cercada.

Também foram assinalados importantes combates em torno de Kampot, uma capital de província no Sudoeste em torno da qual os rebeldes têm apertado o cerco nas últimas duas semanas.

Moscovo e Oslo poderão negociar sobre petróleo

MOSCOVO, 18 (R.) — O primeiro-ministro da Noruega, Trygve Bratelli, inicia hoje uma visita oficial de oito dias à União Soviética durante a qual se espera travará conversações políticas e económicas de grande alcance com os dirigentes do Kremlin.

Comentando a visita, em retribuição da efectuada pelo primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, a Oslo, em Dezembro de 1971, o órgão do Partido Comunista «Pravda» diz que ela contribuirá para a paz e segurança na Europa.

A «Pravda» aludia brevemente à importância da riqueza em petróleo da Noruega, mas funcionários declararam ontem em Oslo que as próximas conversações poderiam conduzir a negociações acerca de direitos territoriais sobre o mar de Barents, potencialmente rico em petróleo.

QUINAGENS

Corte e quinagem de todos os trabalhos até 6 m

FABRIFER — Venda Seca - Belas

Telefs. 96 02 75 - 96 07 38

DL/GERAL

Dinamarca: polémica sobre a liberdade de imprensa

COPENHAGUE — Vinte e três personalidades dinamarquesas (artistas, escritores e jornalistas), à frente das quais se inscreve, como único homem político, o antigo primeiro-ministro social-democrata Anker Joergensen (Outubro de 1972-Dezembro de 1973), acabam de difundir um comunicado no qual declaram que, doravante, boicotarão o quotidiano de Copenhague **Ekstra-Bladet** — quer isto dizer que se recusarão a dar a este jornal informações e entrevistas e não cooperarão com ele de nenhuma outra maneira até que o seu comportamento se encontre de harmonia com os princípios que devem reger a ética jornalísticas.

Esta iniciativa fez algum ruído num país em que as últimas sequelas da censura foram abolidas em 1969 e no qual, bem preciso é dizê-lo, a Imprensa de sensação começou a florescer em proporções pouco comuns.

O **Ekstra-Bladet** é actualmente o quotidiano dinamarquês que tem a maior tiragem do reino. Desde há uma década, aproximadamente, tem-se feito o apóstolo da **liberdade de espírito** sob as suas formas mais ousadas (pornografia, perversão sexual, etc.) arvorando-se em defensor da maioria silenciosa, que o levou a denunciar em cadeia uma série de abusos e de escândalos administrativos, políticos, financeiros e outros.

O «manifesto» das referidas vinte e três personalidades deu origem a uma réplica imediata por parte da direcção do **Ekstra-Bladet**, que nele vê uma tentativa camuflada para abafar a liberdade de Imprensa. Quanto ao Partido Social-Democrata, frequentemente atacado com encarniçamento pelo **Ekstra-Bladet**, que, aliás, não maneja os seus adversários da direita ou da esquerda, parece hesitar em se pronunciar sobre a questão. Até aqui, os seus diferentes porta-vozes tiveram o cuidado de sublinhar que a adesão de Anker Joergensen a este manifesto só a ele compromete e não a formação política a que preside.

CAMILLE OLSEN

MARCELLIN: HERDEIRO DE MAIO DE 1968

Continuação da pág. 3

cionamento do parque automóvel, os créditos passaram de 33 para 90 milhões de francos. Mas, também aí, houve que optar: nos parques da prefeitura da Polícia acabam de enferrujar alguns dispendiosos engenhos **antibarricadas** encomendados em 1969, porém, os carros da Polícia fazem profundamente falta.

A utilização das tropas foi igualmente adaptada à missão. O recurso às forças móveis — companhias republicanas de segurança, guarda republicana móvel — foi intensificado, e as companhias do distrito da prefeitura de Polícia, criadas em 1954, reactivadas, reforçadas e dotadas com novos equipamentos que valeram aos guardas a alcunha de «marcianos». Elas enxamearam igualmente na província, onde se constituiram unidades análogas.

Dezoito meses depois da sua entrada em funções, ao falar da manifestação (interdita) de 15 de Novembro de 1969 contra a guerra do Vietname, Marcellin podia dar uma ideia das suas possibilidades em matéria de manutenção da ordem. **Falou-se de cinquenta mil homens**, disse ele. **É perfeitamente exagerado. Porém, posso declarar que, se fosse necessário, os cinquenta mil homens estariam em Paris**. O aperfeiçoamento de **ferramenta**, a partir de então, nunca deixou de se fazer.

A parte invisível do **iceberg** policial sofria, ao mesmo tempo, uma evolução semelhante, senão ao nível dos efectivos, pelo menos ao nível das tarefas: inquéritos individuais, registo em fichas, escutas telefónicas, vigilância e pressões sobre os súbditos estrangeiros multiplicaram-se, sem falar das «denúncias» raramente reprimidas. A par das informações gerais, cada vez mais monopolizadas pela auscultação dos movimentos extremistas, a Polícia Judiciária acabou, também ela, por dar uma grande importância aos casos de carácter político. À intensiva actividade da 6.ª Secção da Polícia Judiciária (assuntos políticos) veio juntar-se, em Junho de 1971, a de uma **repartição de luta contra os agrupamentos extremistas violentos**.

As reformas de estrutura que se seguiram durante estes cinco anos, participam — como, aliás, os projectos abortados — do mesmo desejo de reforçar a sujeição da Polícia àqueles que a comandam. Só assim se compreende a unificação da Segurança Nacional e da Prefeitura da Polícia, no seio da Polícia nacional, que concentrou nas mãos de um só homem os poderes de controlo dos cento e cinquenta mil polícias franceses. Decidida, antes da sua chegada ao Poder, por uma lei de 1966, esta fusão foi inteiramente efectuada por Marcellin e aperfeiçoada por ele com o desmantelamento, em 1971, da Prefeitura de Polícia.

Esta última medida produziu, nos polícias parisienses, um ressentimento ainda hoje vivo, ao mesmo tempo que comprometia um pouco mais as possibilidades de resolver problemas tão complexos como os da delinquência ou da circulação, que não podem ser validamente abordados senão ao escalão regional. Além disso, a criação de uma polícia nacional não deu, até agora, aos serviços provinciais aquilo que lhe falta: uma estrutura hierárquica e um enquadramento capazes de lhe assegurar coesão e rigor. Os casos de Lyon, Marselha e Nice mostraram os inconvenientes de uma tal situação.

Mais aventurosos ainda eram os dois projectos de reorganização «funcional» imaginados pelo ministro do Interior. O primeiro, indiscretamente revelado no fim de 1969, visava fazer dos C.R.S. um corpo independente, que escapasse, quando das operações de manutenção da ordem, ao comando dos comissários de polícia locais. Sob pressão da maior parte dos sindicatos, o projecto teve de ser abandonado.

Segundo projecto provisoriamente afastado: a reforma da Polícia Judiciária, que previa desligar a Guarda Republicana da maior parte das suas atribuições em matéria de Polícia Judiciária, para as confiar à Polícia e remodelar, ao mesmo tempo, as atribuições territoriais de uma e de outra.

UMA ADMINISTRAÇÃO PERTURBADA

Eis, portanto, uma administração que, num lustro, terá sido, de qualquer maneira, mais profundamente perturbada do que durante os vinte anos anteriores. Todavia, o seu aspecto actual corresponde àquele que o seu chefe queria dar-lhe? Tecnicamente, parece perfeitamente adaptado à manutenção da ordem sob todas as formas. Mas, é seguro? Sem que a indisciplina tenha chegado à amotinação, já se viu, às vezes, sindicatos de polícia mostrar má cara a determinadas missões, receando prejudicar-se perante uma opinião cujo ruído das botas inquieta sempre. No ano de 1971, fértil em peripécias — jornada de explicação de 4 de Março nas ruas de Paris, congresso de Evian... —, foi o do último sobressalto dos refractários, ou o do último aviso dirigido a um poder inclinado a confundir a Polícia com a Guarda Republicana?

Dos C.R.S. aos comissários, os jovens suportam mais dificilmente do que os seus parentes mais velhos algumas utilizações discutíveis da Polícia, assim como a amputação dos seus direitos em nome de um «estatuto especial» do qual a administração parece não considerar senão as causas incómodas: o movimento, na Primavera passada, dos controladores da navegação aérea, privados também do direito de greve, foi seguido com muita atenção pelos polícias. Somente a sorte material do funcionário conheceu uma melhoria inegável. Porém, esta foi demasiado frequentemente compreendida como o preço de uma aliança com a **«política policial» do Governo**, dissimulando mal a rápida degradação da qualidade das missões tradicionais. A mudança de locatário, na Place Beauvau, oferece uma ocasião para tornar a fazer da Polícia aquilo que ela nunca deveria ter deixado de ser: um serviço público.

MEUS AMIGOS, MEUS AMIGOS!...

Continuação da pág. 6

ao contrário do pretendido. Em lugar de se sentir o peso de uma realidade imóvel, sente-se a lentidão de uma ausência de rítmo, de uma respiração suspensa.

O enquadramento dos planos é cuidado, a fotografia (de Acácio de Almeida) inconstante: bastante boa em exteriores, cinzenta e infefinida nos interiores; o som (que nos parece directo) não consegue isolar suficientemente o diálogo de um ruído ambiente que sistematicamente se lhe sobrepõe, abafando-o.

Entre os intérpretes existe um caso flagrante de desadaptação às funções: Manuel Madeira, cuja dicção é por demais defeituosa; José Vaz Pereira e, sobretudo, Modesto Navarro excedem as perspectivas mais optimistas. São, contudo, **personalidades**, não actores. Actores, na verdadeira acepção do termo, serão de referir três nomes: primeiramente Maria Otília, uma revelação; depois, Lia Gama, confirmando tudo o que dela se espera; finalmente Adelaide João, que continua à espera de um grande papel (aqui quase o conseguia, não fora a ideia de pós-sincronizar uma canção, de forma algo estranha, que por completo estraga uma cena onde Adelaide João recorda Giulieta Massina). Um pouco decepcionante foi igualmente o regresso de Teresa Mota, excessivamente ma l servida, aliás, por um texto inconsequente. Notável uma pequena rábula de Faria de Almeida.

Você pode trabalhar já amanhã

Se está interessado em trabalho variado e de duração limitada contacte connosco. Teremos concerteza uma proposta a fazer-lhe.

MANPOWER
SERVIÇOS TEMPORÁRIOS

Pode contar sempre com a nossa ajuda

PORTO
R. Campinho, 24

LISBOA
Pç. José Fontana, 9-C

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregadas Auxiliares

(Antiga designação — CRIADAS)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 2 de Abril próximo, para a categoria de Empregadas Auxiliares, categoria a que corresponde o salário mensal ilíquido de Esc. 1700$.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

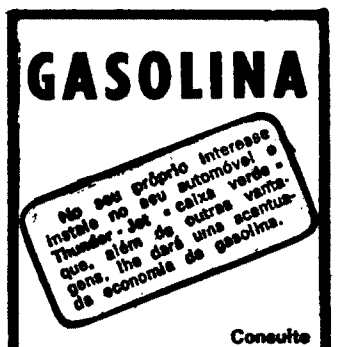
a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;

b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;

c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

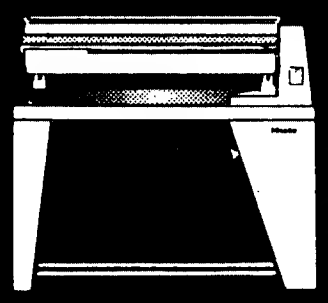
A sua Inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

GASOLINA



Consulte
SEFIREX
Rua Vaz de Operário, 84, 1.º
Telefone 86 76 30 LISBOA

Máquina de passar a ferro B 855



Com o rolo ideal para peças grandes, e ainda uma das extremidades livres adequada à passagem de camisas e saias.

Miele

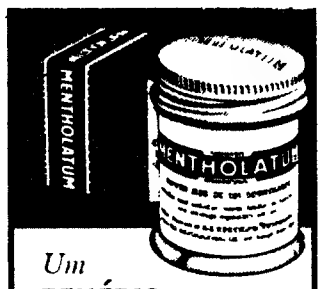
AGENTE OFICIAL:
A. OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91 A
Telefs.: 538323 - 536308 - 530838
Rua Angelina Vidal, 63 - 65
LISBOA

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE
HOJE MESMO A
ORCOSI
MEDIADORA AUTORIZADA
Rua 1.º de Dezembro 45
Telefones 36 74 44 32 31 72

APARTAMENTO

Na Avenida 5 de Outubro, 96-3.º. Letra D, por cima do Banco Fonsecas & Burnay, com alcatifa, próprio para escritório ou consultório médico, vende-se ou troca-se por lote de terreno urbanizado.

Informa: CONSTRAVE
Tel. 25076 Apartado 163
AVEIRO



Um REMÉDIO Seguro

Mentholatum! . . Tenha em casa, tenha a mão Mentholatum!
. . . um remédio seguro contra inflamações do aparelho respiratório, constipações, dores de cabeça . . . Contra irritações de pele, eczema, queimaduras e mordeduras de insectos . . Mentholatum é remédio seguro!
Simples de aplicar – e de efeito rapido – para crianças, adultos, *a família inteira*. Compre Mentholatum hoje, ao seu farmaceutico – Tenha em casa, tenha à mão Mentholatum!

BOIÕES E TUBOS
MENTHOLATUM
UM REMÉDIO SEGURO

Não guarde trapos e papéis velhos

DL /DESPORTOS

NACIONAIS DE FUTEBOL

E você, acredita nos leões?

A pergunta tem razão de ser: e agora, você acredita nos «leões»?

Havia para aí muita gente que apostava na hipótese de o Sporting (não obstante ter vindo a somar triunfos consecutivos e categóricos) não conseguir alcançar o título de campeão. Depois da vitória de ontem, em Alvalade, contra um F. C. do Porto desejoso de «vingar» (ou homenagear) a memória de Pavão, a turma de Mário Lino é aquela que mais facilidades tem para chegar ao fim com o maior número de pontos. Daí perguntar-se: e você, acredita agora nos «leões»?

Dos 90 minutos de luta de Alvalade, do espectáculo que fez esgotar bilheteira, da expectativa que fez muitas centenas de adeptos leoninos porem as suas quotas em dia, damos circunstanciado relato na página seguinte desta edição do «DL». Na verdade, o grande acontecimento do domingo futebolístico esteve em Lisboa, disso se ressentindo as bancadas de um Estádio que foi pequeno para albergar todos quantos haviam manifestado o desejo de o ver de bem perto. E, segundo sugestão do nosso jornal (na véspera do encontro) muitos outros milhares tiveram a oportunidade de assistir no pequeno «ecran» ao filme do desafio, conhecedores já do desfecho final. Em boa verdade, o despique de Alvalade merece crónica própria, e ela aí está servida pela pena implacável do nosso camarada Neves de Sousa.

Mas, a 24.ª jornada do Nacional não foi apenas o Sporting-F. C. do Porto (até porque a «coisa» começou no sábado, desde a tarde até à noite, com a realização de três desafios que proporcionaram duas vitórias dos clubes visitados e a conquista de um ponto por parte de um visitante). Só para avivar memórias: o Belenenses foi ao Bessa buscar um ponto, enquanto que Benfica e Vitória de Setúbal conseguiram derrotar os seus adversários, respectivamente, por 5-1 (Benfica ao Vitória minhoto) e 4-0 (setubalenses ao Oriental).

A par do Sporting-F. C. do Porto, oito outras equipas jogaram os dois pontos regulamentares, tendo acontecido uma única surpresa: a vitória do Montijo (2-1) perante uma Académica que vinha a mostrar-se num apuro de forma crescente. Foi nas margens do rio que tão bem conhecem que os «estudantes» foram derrotados. O que terá servido de precioso tónico para uma última arrancada dos «montijenses»...

O Olhanense, actuando perante o seu público, viu-se a poucos minutos do início do prélio com o Desportivo da Cuf a perder por dois golos de diferença. No entanto, com calma e serenidade, os algarvios conseguiram equilibrar a partida, marcando os golos necessários para equiparar (também) o marcador. No final, um empate a dois tentos.

«Drama» (de verdade) foi vivido no Barreiro: primeiro, com um golo dos barreirenses na transformação de uma grande penalidade; depois, o empate por parte do Farense e, quando tudo parecia indicar que o desfecho seria a igualdade, veio o tento de Cruz a dar a vitória a quem mais dela necessitava. Êxito, portanto, do Barreirense sobre o Farense, por 2-1.

Finalmente, no Estádio do Mar, o Leixões terá dado importante passo para se livrar da descida automática: começando o encontro com uma velocidade diabólica, cedo os homens de Matosinhos conseguiram materializar a superioridade, «matando» à nascença qualquer esperança dos de Aveiro. O resultado final (4-0) diz bem da vontade dos «leixonenses» em se livrarem de complicações maiores.

Tudo conjugado, temos o Sporting na vanguarda com 3 pontos de avanço sobre o Benfica e quatro sobre o F. C. do Porto. Na cauda, o último é agora o Beira Mar (14 pontos), a um degrau apenas do par Oriental-Montijo. Com 17 pontos, está o Leixões. E, logo a seguir, um grupo de quatro clubes com 19 pontos: Boavista, Académica, Olhanense e Barreirense. Isto significa que o campeonato maior ainda não terminou.

Por ORLANDO DIAS AGUDO

II DIVISÃO

Na segunda divisão nacional (zona Norte), há a salientar o empate que a Sanjoanense (guia isolado) foi buscar a Espinho, o que já foi também comandante isolado: no nulo verificado pode ler-se a determinação com que os homens de S. João da Madeira pensam na subida automática. Outros resultados a salientar na jornada de ontem: os empates do Tirsense em Pousada de Saramagos (0-0), do Gil Vicente em Gouveia (0-0) e do União de Coimbra no campo do União de Tamas (0-0). De resto, vitórias dos donos da casa: do Varzim sobre o Vilanovense (1-0), da Oliveirense sobre o Desportivo de Aves (3-0), do Penafiel sobre o Feirense (5-1), do Famalicão sobre o Sporting de Braga (1-0) e do Salgueiros sobre o Fafe (2-1). Deste modo, a Sanjoanense continua em primeiro lugar na tabela classificativa (com 35 pontos) seguido do Espinho (vom 33)) e do Fafe (com igual número de pontos). O Penafiel é o quarto, com menos um ponto conquistado.

Na zona Sul, registe-se o triunfo do Atlético sobre o anterior guia da zona: o Peniche. Vitória por 2-1, a traduzir uma maior determinação e vontade.

Nada mais nada menos do que quatro equipas conseguiram ganhar fora: o Cova da Piedade que foi buscar um triunfo por 2-1 a Sacavém, o União de Tomar que foi a Torres Novas vencer por igual marca, ainda o Marítimo que veio ao Tramagal vencer pelos mesmos 2-1 e, por último, o Portimonense que conseguiu, nas Caldas da Rainha, igual marca. Apenas dois empates na jornada dominical: do Alhandra em Leiria (1-1) e do Sesimbra em Almada (0-0). De resto, vitórias dos clubes visitados: do União de Montemor sobre o Odivelas (2-0), do Torriense sobre o Marinhense (2-0) e do Lusitano de Évora sobre o Sintrense (1-0).

Na classificação geral, o guia isolado continua a ser o Atlético (com 39 pontos), seguido do União de Tomar (38), Peniche (35) e Lusitano de Evora (35 também). Na segunda divisão, há também extremo interesse no que diz respeito à escolha dos vencedores das zonas...

Os comandantes

III DIVISÃO

Resultados dos jogos ontem efectuados para a 3.ª Divisão, (na zona «A»): Avintes-«Os Limianos», 3-0; Bragança-Paços Ferreira, 2-1; Freamunde-Valpaços, 2-0; Lamego-Esposende, 3-0; Leça-Vila Pouca, 9-2; Vianense-Régua, 1-0; Vieira-Monção, 3-1; Paços Brandão-Rio Ave, 2-1; Vila Real-Vizela, 1-2.

ZONA B

Vilar Formoso-Mangualde, 3-3; Tabuense-Alba, 0-0; Naval-Ala Arriba, 2-1; Marialvas-Ovarense, 0-2; Acad.º Viseu-O. Bairro, 3-0; Anadia-Mortágua, 2-0; Valecambrense.-Cov e Benf, 3-0; P. Castelo-Lousanense, 2-2; Guarda-Febres, 2-0; Sp. Covilhã-Cucujães, 2-0.

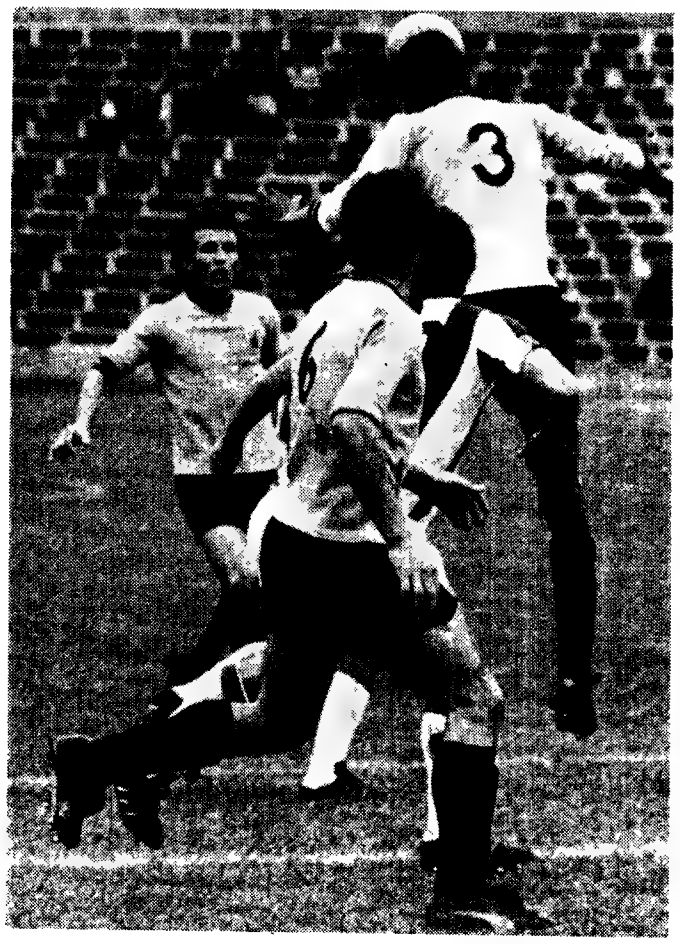
ZONA C

Portalegrense-Portalegre, 2-1; Pombal-Alferrarede, 1-3; Santarém-Vilafranquense, 2-0; C. Branco-Calipolense, 1-1; «Os Nazarenos»-Alverca, 2-0; «O Elvas»-Alcobaça, 2-1; Cartaxo-Campomaiorense, 4-0; Amiense-S.L. Olivais, 0-0; Povoense-Marrazes, 0-0; Bombarralense-Almeirim, 1-1.

ZONA D

Esperança-Silves, 4-3; Juventude-Luso, 5-0; C. Caparica-V. Novas, 3-1; Seixal-Aljustralense, 1-0; Casa Pia-Alcochetense, 1-1; Estoril-Lusitano V. R., 4-0; Beja-Paio Pires, 1-1; Sambrazense-Moura, 4-0.

Conhé defende um remate dos algarvios



A defesa de Aveiro em dificuldades: quatro contra um ...

«Barreirenses» ao ataque, «farenses» à defesa

Totobola a chave

Benfica - Guimarães	1
Sporting - Porto	1
Académica - Montijo	2
Olhanense - CUF	X
Barreirense - Farense	1
Boavista-Belenenses	X
Leixões - Beira-Mar	1
Riopele - Tirsense	X
Espinho - Sanjoanen.	X
Salgueiros-Fafe	1
Atlético - Peniche	1
T Novas - U. Tomar	1 2
Tramagal - Marítimo	1 2

DL/DESPORTOS

Sporting, 2-Porto, 0

Porto em tempo de valsa Sporting ao som dos "Pop"

Por NEVES DE SOUSA

No estádio vasio, dois homens davam voltas e mais voltas ao relvado: José Carlos e Fraguito, ambos com a ideia na Suiça. Nos baixos da bancada, bebia-se o Whisky oferecido pelo alegre Adriano de Oliveira: que perdera a austeridade do cargo de director de Alvalade para deixar aflorar ao rosto todo o orgulho de ser «leão». Lá dentro, num mar imenso de abraços, os homens do Sporting recebiam parabéns e deitavam contas ao prémio.

Era a face bonita da medalha. Porque, no reverso, uma imagem bem diferente: os portistas de cabeça baixa, bandeira caída, a caminho dos combóios, dos autocarros, dos automóveis. De um copo para afogar as mágoas, de uma aventura pelo Parque Mayer. E os seus futebolistas, os companheiros de Cubillas, a quase dizerem um adeus ao título que era miragem fixa na manhã de domingo.

Digamos, desde já, que não sofre o mais leve beliscão esta vitória cconvincente do Sporting: jamais o Futebol Clube do Porto manifestou, no grande palco de Alvalade, ter defesa ou linha média, ataque ou estratégia para a batalha que se esperava. Aqui, teremos de censurar Bela Gutman por diversos erros: não apenas na persistência ou maldade com que retém Flávio no banco dos suplentes mas, igualmente, na teimosia com que atira para a fogueira veteranos (René, Nobrega) sem pernas já para grandes cometimentos.

Poderá dizeer-se que sofrer dois golos nos 20 minutos iniciais derruba qualquer gigante. Mas, o Porto de lustrique esteve muitas vezes nessa situação e chegou ao trono. O fundamental, o básico, é que, cá de fora, de junto à lateral, se saiba ver bola: e emendar o que está mal. Explicando melhor: já se viu um clube que perde por dois golos substituír um avançado mandando entrar um médio?

Dé: qual a autêntica utilidade?

Lino: a visão do jogo.

ÁRBITRO

Como vai sendo hábito, o Sporting pisou o acelerador e zás: golo de Dinis, mal se completavam quatro minutos. Confusão assustadora junto das redes, Tibi aos malmequeres, Rodolfo e Guedes a chutarem no ar: o angolano a disparar sem remédio, no aproveitamento daquele brinde caído do céu. Depois, um quarto de hora tombado, os dois-zero: outro «frango» (ou uma capoeira?) rubricado por Tibi. Nelson salta com o keeper, Tibi cai de barriga para o ar, a bola (pontapeada pela direita de Dinis) surge colada às malhas. Estamos em crer que terá havido falta de Dinis: escamoteamento, com a mão ligada, do esférico que Tibi tão mal segurara inicialmente. A TV, aliás, confirma isso mesmo: Dinis, com a mão, arrebatou a bola ao guarda-redes, chutando-a depois para a rede. Mas, quem poderia fazer isso se Tibi a segurasse como deve ser?

O caso é que esta terá sido a grande mácula ao trabalho de César Correia, embora o juíz farense seja apontado por muitos «leões» como «de olhos vesgos» no lance que daria o terceiro golo da casa: a carga de Nelson ao tímido Tibi, que se concluíu com rede violada. Mas, aí o árbitro estava na jogada e terá aquilatado que o madeirense empurrara o leixonense quando este ainda se fazia ao encaixe. Porque, salvemos a honestidade, não acreditamos que César Correia, cheio de remorsos pela validação do segundo tento, tivesse imediatamente pensado no resgate da consciência ...

Em toda a primeira parte se viu o mesmo: a débil cortina defensiva azul a rasgar-se por todos os lados, como um passador a deixar entrar sardinhas inteiras. Tibi largava as bolas, Rodolfo deixava Dinis dar-lhe um baile, Guedes via Márinho por um óculo, Ronaldo só segurava Yazalde quando o argentino se encostava ao ponto do penaltie. Valia, graças a Deus, o bom do Rolando: que, embora despachando ao acaso e para onde estava virado, sempre ia safando o barco das ondas enormes.

Na média, um dor de alma: Celso a querer bater nas pesoas, René com anos a mais nas pernas, Cubillas a desmarcar-se tanto que só o viam aqueles que contavam os jogadores do Porto e só encontravam dez...

À frente, Nobrega sorumbático e Abel sem pontaria. A excepção era Oliveira, que reduzia Carlos Pereira à expressão mais simples. Contudo, como poucas vezes era servido em condições, tinha de vir cá abaixo buscar a bola para depois, no momento em que seria obrigatório penetrar na grande área, já não ser capaz de erguer a alça.

Gutman via tudo isto e continuava na mesma: parado no tempo das valsas.

SPORTING

E o Sporting?

Damas em dois voos soberanos. Manaca solto e elástico. Bastos a fazer adivinhar que lá mais para diante se tornaria o magnífico «suportar» de toda a estrutura defensiva. Alhinho sem a mais leve falha. Nelson muito esforçado, muito companheiro de toda a gente. Baltazar sem cometer a mais pequena falta: caso para um aplauso todo especial. Márinho a correr como um gamo, embora sem direcção no toque final. Yazalde a servir (até) de aliviador da defesa. E, quanto a Dinis e Vagner, dois portentos: o escurinho a tornar os «backs» do Norte uma espécie de meninos de mama, o brasileiro a dirigir todas as operações com uma certeza tal no passe e no tempo de entrada que, quem não soubesse da coisa, julgaria que ele é que se chamava Cubillas...

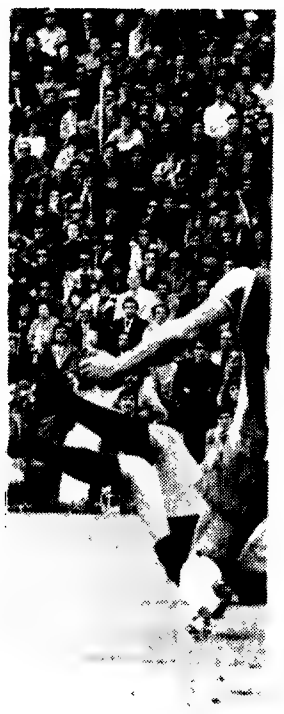
Gutman parou no tempo?

TROCAS

Na segunda parte, o Sporting baixou de ímpeto, por queda física de Vagner e porque também Baltasar, esgotadinho e sem coragem para saltar, não dava segurança ao castelo central. Mas, nessa altura Bela Gutman outra vez falhou: resolvesse ele aproveitar o meio campo para assim criar aberturas suaves e calibradas e outro galo cantaria ao Porto. Mas, o bom do nosso velhote não gosta de Flávio, tem lá dentro do peito qualquer mágoa dos tempos em que morou em São Paulo: e quem paga é o segundo mais caro jogador do futebol português. Quando, finalmente, o mandaram para a fornalha, já Bastos estava em plano óptimo: apto para a caça e todo lançado para uma fulgurante exibição.

Por outro lado, a entrada de Rodrigo (por troca com Nobrega) em nada prosperou o Porto: o jovem passou a ser uma espécie de médio recuado e nunca entrou nas 18 jardas de Damas. Estaria o técnico húngaro a defender a derrota só por dois tentos?

Continua na pág. 17



O pé direito de Dinis faz o «tal» tento contestado pelo Porto.

Manaca reduz Cubillas a zero: as pernas valem uma fortuna, não é?

ACABA DE SAIR

«NÓS NUNCA SEREMOS A GERAÇÃO DA TRAIÇÃO»

O livro de um milhão de portugueses

DL/DESPORTOS

CAMPEONATO DE ESPANHA

Barcelona de pedra e cal

Resultados da 26.ª jornada do campeonato de Espanha de futebol da 1.ª divisão: Saragoça-Atlético de Bilbau 3-0; Barcelona-Murcia 1-0; Málaga-Granada 1-1; Oviedo-Castellon 0-0; Real Madrid-Atlético de Madrid 2-0; Las Palmas-Espanhol 1-1; Elche-Celta 2-0 e Santander-Gijon 3-3.

Após esta jornada, a classificação geral ficou assim ordenada: 1.º, Barcelona 40 pontos; 2.º, Atlético de Madrid e Zaragoza 31; 4.º, Málaga 30; 5.º, Atlético de Bilbau 29; 6.º, Granada 27; 7.º, Valência e Real Sociedade 26; 9.º, Real Madrid 26; 10.º, Espanhol 25; 11.º, Celta e Gijon 24; 13.º, Elche 23; 14.º, Las Palmas e Castellon 22 e 16.º, Murcia, Santander e Oviedo 20.

MILJANIC NO REAL

Miljan Miljanic foi contratado pelo Real Madrid. Segundo a Imprensa desportiva madrilena, o técnico jugoslavo receberá 180 000 dólares (4600 contos) por um contrato de dois anos.

O acordo foi assinado em Belgrado, tendo a notícia sido confirmada hoje pelos dirigentes do Real na capital espanhola.

O treinador jugoslavo substituirá Luis Molowny que tomou conta da equipa madrilena, após a demissão do antigo técnico Miguel Munoz.

O Real Madrid, seis vezes campeão da Europa, ocupa actualmente o 9.º lugar no campeonato de Espanha, a 14 pontos do Barcelona, «leader» da classificação.

Sporting-Porto

Continuação da pág. 16

CERTEZAS

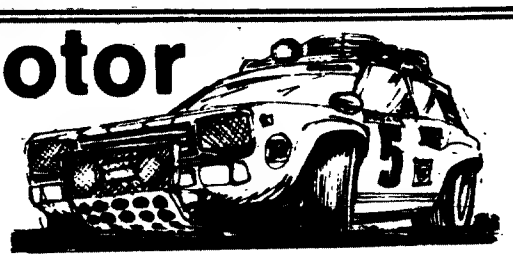
Mário Lino, pelo contrário, tem olhos na cara e intuição para o golpe manhoso. Percebeu cedo do baquear de Vagner e de Baltasar: como não queria esgotar as substituições, mandou que Dinis recuasse para o meio do terreno, deu ordem a Baltasar para ir ao banho e confiou em Chico para «muleta» do maestro brasileiro. Estava, desse modo, garantida a honra do desfecho. A entrada de Dé, que não adiantou nem atrasou, seria apenas mais um teste para ser provada a ineficácia do antigo vascaino como atirador à baliza, embora seja elemento (talvez) aproveitável para suplente de um médio que tenha de sair mais cedo...

CONCLUSÃO

A história do jogo, golpe por golpe, está contada na Rádio e pela Televisã. Os que não chegaram aos portões de Alvalade, até a «viram» melhor. Resta, portanto, que o comentador apenas saliente mais meia dúzia de pormenores. Como sejam: o abúlico sonambolismo de Gutman, a nula destreza ou a fraca conjugação de movimentos entre os defesas nortenhos (a revelarem carência de treinos por sectores), o cartão de visita em branco deixado em Lisboa pelo ultra-famoso Cubillas que nunca deu um arzinho do seu incontestado talento, as espantosas e espectaculares imagens criadas por um bloco sportinguista fascinante (Vagner, Bastos, Dinis, Damas, Alhinho, Manaca, cada qual a merecer 20 valores), o «show» do público e a alegria com que passou a ir para a festa do futebol e, por fim, o comovedor exemplo de profissionalismo de todos os comandados por Mário Lino, que parecem irmãos da mesma família e não olham com desdém para o colega que falha ou para o companheiro que cobra mais notas de mil. Só assim é possível ver-se Yazalde entregue ao sacrifício de funcionar como «back», Baltasar não ter ciúmes de Carlos Pereira e estar a seu lado para o poupar de resvalar na relva, Nelson os vitoriosos ou dar palmadinhas nas costas como conforto aos que perdiam um lance, Márinho estar a ganhar um posto na selecção de José Maria Pedroto, do próprio Chico voltar a ser o Chico com galões internacionais. Agora, digam-me lá, meus amigos: foi só o dinheiro de João Rocha que conseguiu isto?

Tibi contesta o 2.º golo.

motor



MODALIDADES

Pela oitava vez consecutiva, o Sporting ganhou a clássica estafeta Cascais-Lisboa, corrida ontem de manhã. Participaram dez equipas e o tempo gasto pela equipa vencedora fica aquém do conseguido na edição do ano anterior: 1 hora, 8 minutos e 27,8 segundos. Em segundo lugar classificou-se o Benfica que gastou 1 hora, 9 minutos e 48,6 segundos.

XADREZ

Tal como se previa mestre Joaquim Durão foi o vencedor do XXX Campeonato Nacional Individual de Xadrez, tendo totalizado 7,5 pontos. Nos lugares imediatos classificaram-se Fernando Silva com 6,5 pontos, João Cordovil com 6,5 pontos, Luís Santos com 6 pontos, Martinho Lopes com 5,5 pontos, Helder Sardinha com 5 pontos, João Andersen com 3,5 pontos, Luís Espírito Santo que somou 3 pontos, Araújo Pereira com 1,5 pontos e em último lugar Manuel Brito que não conseguiu ponto algum.

RÁGUEBI

Resultados dos jogos de ontem a contar para o Nacional de Ráguebi da 1.ª divisão: CDUL, 9-Direito, 4; Benfica, 32-Agronomia, 0; Medicina, 20-Estrela da Amadora, 8; Belenenses, 10-CDUP, 4 e Académica, 6-Técnico, 4.

BASQUETEBOL

Com a realização do encontro entre as turmas do Barreirense e do F. C. do Porto, ficou ontem completada a 16.ª jornada do Campeonato metropolitano de basquetebol da 1.ª divisão O triunfo coube à turma portista por 91-67.

Na classificação geral, o Benfica continua a ser o guia isolado (com 31 pontos) seguido do Sporting (a um ponto) e do F. C. do Porto (a dois pontos).

CICLISMO

Venceslau Fernandes foi o vencedor do Campeonato de fundo da Associação de Ciclismo do Sul, mercê do excelente contra-relógio realizado ontem. Fernando Mendes era o favorito (ele próprio se convenceu disso, fazendo o percurso até à Malveira, na sua própria bicicleta), mas o seu companheiro de equipa conseguiu ultrapassá-lo na prova de ontem. Na classificação geral, Venceslau conseguiu um avanço de 23 segundos sobre Fernando Mendes, 1 minuto e 35 segundos sobre José Madeira e 3 minutos e 4 segundos sobre Joaquim Leite. De salientar, que as quatro primeiras posições pertencem a corredores benfiquistas...

VOLEIBOL

Terminou a primeira volta do Campeonato Nacional de Voleibol da 1.ª divisão, verificando-se que três equipas se encontram empatadas no primeiro lugar: F. C. do Porto, Benfica e Leixões. Isto reflecte bem o interesse da segunda volta, pois qualquer destas turmas tudo tentará para conseguir chegar ao título. Na jornada de ontem verificaram-se os seguintes resultados: Benfica, 3-Nacional, 0; CDUP, 0-F. C. do Porto, 3; Sporting de Espinho, 1-Académica, 3; Nun'Alvares, 0-D. Póvoa, 3; S. Mamede, 1-Leixões, 3 e Lisboa Ginásio, 2-Técnico, 3.

A equipa do Sporting que venceu, pela 8.ª vez consecutiva, a estafeta Cascais-Lisboa. Da esquerda para a direita, Fernando Mamede, Morujo Júlio, Carlos Lopes, José Diogo e Carlos Cabral.

Ontem, os poucos adeptos do hóquei em campo, apenas tiveram dois jogos: como o Hóquei desistiu do Campeonato de Lisboa, o Atlético fez ontem pausa. Nos restantes jogos, o Benfica empatou com o Palmense (a foto diz respeito a este jogo) e o Futebol Benfica derrotou o Belenenses por 4-0. Na classificação geral o primeiro é o Benfica com 16 pontos, seguido do F. Benfica com 14, do Palmense com 12 do Belenenses com 8 e do Atlético com 6 pontos

VAI SER AQUI

Vai ser aqui que o Sporting vai jogar, depois de amanhã contra o Zurique.

Classificações

1.ª Divisão

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
SPORTING	24	19	2	3	80-14	40
Benfica	24	17	3	4	44-16	37
F. C. Porto	24	15	6	3	36-16	36
Setúbal	24	15	5	4	36-18	35
«Os Belenenses»	24	11	6	7	38-27	28
Guimarães	24	9	9	6	29-24	27
Farense	24	7	8	9	29-28	22
C. U. F.	24	7	8	9	28-35	22
Académica	24	7	5	12	25-34	19
Boavista	24	7	5	12	26-35	19
Olhanense	24	7	5	12	31-52	19
Barreirense	24	6	7	11	17-30	19
Leixões	24	7	3	14	27-45	17
Montijo	24	5	5	14	29-50	15
Oriental	24	7	1	16	23-69	15
Beira Mar	24	5	4	15	26-51	14

A 25.ª jornada do «Nacionais», a disputar no próximo domingo, compreende os seguintes desafios: Beira Mar-Benfica (1.ª volta, 0-2); Guimarães-Sporting (0-3); Porto-Académica (1-1); Montijo-Olhanense (0-2); C. U. F.-Barreirense (0-0); Farense-Setúbal (0-1); Oriental-Boavista (1-3) e «Os Belenenses»-Leixões (1-1).

2.ª DIVISÃO

Zona Norte

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
SANJOANENSE	26	14	7	5	32-13	35
Fafe	26	11	11	4	28-12	33
Espinho	26	14	5	7	34-21	33
Penafiel	26	14	4	8	42-23	32
Braga	26	11	8	7	29-19	30
Chaves	26	12	6	8	28-24	30
Tirsense	26	12	6	8	36-34	30
Varzim	26	11	8	7	28-26	30
U. Coimbra	26	10	9	7	33-29	29
Riopele	26	8	12	6	41-31	28
Salgueiros	26	10	8	8	33-37	28
Lourosa	26	10	8	8	29-33	28
Famalicão	25	8	10	7	24-22	26
Feirense	26	6	10	10	29-33	22
Gil Vicente	26	8	5	13	31-31	21
Vila Novense	26	5	11	10	24-32	21
Oliveirense	26	6	9	11	21-29	21
U. Lamas	25	5	7	13	17-36	17
Gouveia	26	5	3	18	17-45	13
Aves	26	3	5	18	13-54	11

PRÓXIMA JORNADA — Feirense-Riopele (1.ª volta, 1-1); Tirsense-Varzim (1-1); Vila-Novense-Oliveirense (1-1); Aves-Chaves (1-2); Lourosa-Gouveia (1-1); Gil Vicente-Lamas (1-1); União de Coimbra-Espinho (1-2); Sanjoanense-Famalicão (0-0); Braga-Salgueiros (0-1) e Fafe-Penafiel (0-0).

Zona Sul

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
ATLÉTICO	26	16	7	3	62-24	39
U. Tomar	26	17	4	5	52-23	38
Peniche	26	13	9	4	32-20	35
Lusit. Évora	26	15	5	6	36-18	34
Portimonense	26	13	7	6	38-22	33
U. Leiria	26	12	7	7	39-29	31
Marítimo	26	13	4	9	56-37	30
Marinhense	26	12	5	9	33-33	29
Torrense	26	11	5	10	23-28	27
Sesimbra	26	11	4	11	25-23	26
União Sport	26	9	7	10	22-28	25
Cova Piedade	26	8	8	10	19-21	24
Almada	26	7	10	9	30-34	24
Torres Novas	26	7	8	11	18-27	22
Caldas	26	8	4	14	36-47	20
Sintrense	26	6	8	12	27-45	20
Odivelas	26	4	12	10	29-38	20
Alhandra	26	6	4	16	27-43	16
Sacavenense	26	5	5	16	20-42	15
Tramagal	26	2	7	17	20-64	11

PRÓXIMA JORNADA — Sintrense-Leiria (1.ª volta, 1-1); Alhandra-Atlético (1-5); Peniche-Sacavenense (3-0); Cova da Piedade-União Sport (0-2); Odivelas-Torres Novas (0-2); Tomar-Tramagal (1-1); Marítimo-Caldas (2-4); Portimonense-Almada (0-0); Sesimbra-Torrense (0-1) e Marinhense-Lusitano (0-1).

TAÇA UEFA

Estádio do Bonfim

dia 20 de Março,

às 21.15 horas

Vamos todos ajudar o Vitória a vencer o Stuttgart

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 23/4 %	435$	435$	–
Cons. 3 %	–	–	460$
Cons 3 1/2 %	–	610$	–
Centenários	–	1.360$	–
Tes 5 % 57	–	1.003$	–
Tes 5 % 59	–	1.003$	–
Extern 1.ª-s	–	–	–
Extern 1.ª-c	–	–	–
Extern 3.ª-s	–	–	720$
Extern 3.ª-c	–	730$	–
Caut. 3.ª-s.	–	165$	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	830$	–	830$
C M L 5 3/4 %	1.000$	1.000$	–
C P 5 1/2 % 67	–	–	810$
C P 5 1/2 % 68	–	–	800$
C P 5 1/2 % 69	–	–	–
Corr 5 3/4 %	900$	–	900$
Metr 5 3/4 %	–	–	910$
Tur 5 3/4 %	1.000$	998$	1.005$
C P 6 3/4 %	–	940$	960$

ELÉCTRICAS

G. 5 % 58	–	820$	–
G 5 % 59	–	–	830$
G 5 % 62	–	–	–
G 5 % 63	–	–	–
G 5 % 64	–	–	–
G 5 % 65	–	–	–
G 6 % 67	–	–	–
G 6 % 69	–	925$	–
G 7 %	–	–	995$
H E. A A 5 %	–	–	720$
H. E C 5 %	–	720$	–
H E C 6 %	–	850$	855$
H. E D 5 %	–	–	–
H E D 6 %	850$	–	855$
H E N P 5 %	–	760$	–
H E S E 5 %	–	–	–
H E S E 6 %	–	–	860$
H E Z 5 % 57	–	–	800$
H E. Zêz 6 %	–	850$	855$
N Elec 5 %	700$	700$	–
N. Elec 6 %	–	–	890$
Termoel 5 %	–	680$	–
U E P 5 % 60	–	–	740$
U E P 5 % 63	–	760$	–
U. E P 6 %	–	–	880$
U E P. 7 %	955$	950$	960$

DIVERSAS

A. P T 5 % 56	–	–	–
A. P. T. 5 % 58	–	780$	–
Lisnave 6 %	850$	–	850$
Nitratos 60	–	–	790$
Pet 2.ª e 3.ª	–	900$	–
Sacor 7 %	990$	990$	995$
Sacor 5 % 54	–	980$	–
Sacor 5 % 60	–	850$	–
Sid. 5 % 2.ª	–	–	–
Sid. 5 % 3.ª	–	–	–
Sid. 5 % 4.ª	–	700$	710$
Socel 5 %	–	895$	–
R Fabril 67	–	850$	860$
R. Fabril 68	855$	850$	855$

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % 59-60	–	620$	–
Moçambique 5 %	600$	–	600$
Sonefe 5 %	–	–	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	–	–	–
Algarve	–	–	–
Alentejo	–	–	–
Angola	–	–	–
Borges & Irmão	–	–	–
Crédito Predial	–	–	–
Espírito Santo	–	–	–
Fomento	–	–	–
F. & Burnay	–	–	–
Intercontinental Português	–	–	–
N Ultramarino - m.	–	–	–
N. Ultramarino - c.	–	–	–
Pinto & Sotto Mayor	–	–	–
Portugal - n.	–	–	–
Portugal - p	–	–	–
P Atlântico	–	–	–
Totta & Açores	–	–	–
Pinto Magalhães	–	–	–
Fernandes de Magalhães	–	–	–

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base Dez 65=100)

	11/3/74	15/3/74	18/3/74
GERAL	342,1	340,9	337,8
METROPOL	359,9	358,5	355,0
ULTRAM	211,7	211,8	211,5

	Efect.	Compra	Venda
De Seguros			
Alentejo	670$	630$	670$
Bonança	18 500$	18 400$	18 600$
Império	–	–	38 000$
Mundial	5 000$	5 000$	5 100$
Soberana	7 200$	–	7 200$
Tranquilidade	–	–	14 000$
Eléctricas			
C P E - p	1 280$	1 270$	1 280$
C. P E - n	1 240$	1 240$	–
E Beiras	1 770$	1 770$	1 780$
G Electricidade - c	405$5	405$	406$
H E A A.	192$5	192$5	193$
H E N P	–	276$	280$
H E S E	1 650$	1 600$	1 750$
U E P	209$	209$	210$
Ultramarinas			
Ag Cassequel	980$	980$	1.000$
Ag Incomáti	–	1.700$	1.780$
Ag S T e P	260$	260$	–
Ag Angola	–	–	1.850$
Alg Angola	–	–	360$
Ang Agricultura	–	–	–
Boror	–	380$	400$
Boror Com	140$	–	140$
Buzi	155$	150$	155$
Cabinda	215$	200$	215$
Com Lobito	470$	465$	470$
D A T 100	2.700$	–	2.700$
H E Revué	500$	–	500$
I tio Príncipe	–	580$	600$
Moçambique	600$	595$	605$
Sonefe - n	–	–	480$
Sonefe - p	490$	–	490$
Zambézia	135$	135$	–
Diversas			
Ag Lx. - ant	–	920$	–
Ag Lx 34	920$	920$	960$
Ag. Lx 36	–	–	800$
Cel Guadiana	–	5.900$	6.000$
C Leiria - p	29.000$	28.000$	30.000$
C Tejo - p	–	–	105.000$
F Ramada	2.210$	2.200$	2.210$
Fornos Eléctricos	1.030$	1.000$	«:)#)$
P Celulose	8.500$	8.400$	8.600$
Siderurgia - p	16.200$	16.000$	16.500$
Siderurgia - n	12.200$	12.000$	12.500$
Socel	7.500$	–	7.500$
Cidla	4.500$	4.500$	4.600$
C U F.	5.250$	5.250$	5.300$
Intar	840$	830$	840$
Nitratos	1.550$	1.500$	1.600$
Petroquímica	1.770$	1.750$	1.800$
Sacor	6.650$	6.600$	6.650$
Tab Portugal	2.300$	2.300$	–
Tabaqueira	–	–	14.00$
U F. Azoto	1.080$	–	1.080$
Empor	595$	–	600$
Ind. Aliança	–	–	–
I. P Colónias	2.250$	2.200$	2.300$
Nacional Navegação	3.000$	3.000$	3.100$
Navegação (Col)	–	–	–
P Pesca	1.050$	–	–
Matur	–	–	3.300$
R Marconi	2.500$	2.500$	2.600$
T. A P.	2.000$	2.000$	2.050$
Compal	–	1.000$	1.050$
Salvor	3.200$	3.200$	3.300$
Penina	8.500$	8.500$	8.600$
Grão-Pará	4.100$	4.000$	4.150$
Lisnave	13.800$	–	13.800$
Vidago, M &P. Salgadas	3.000$	2.900$	3.100$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

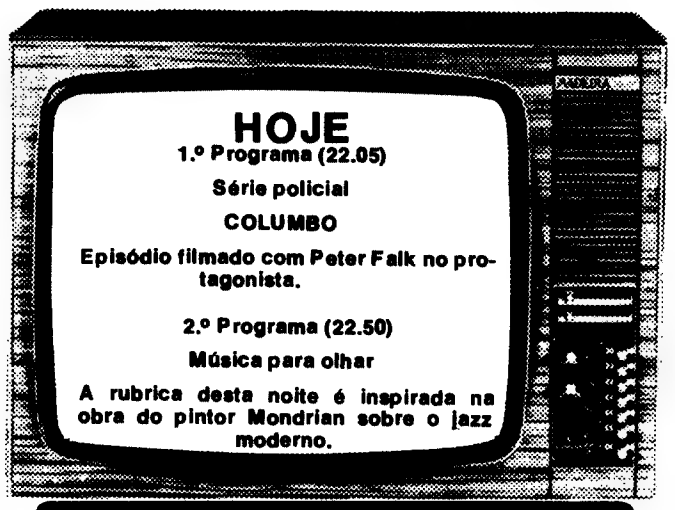
Atlântico	–	510$2	525$5
F. I. D E S	–	316$5	326$

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	31$00	34$00
Alemanha Marco	9$50	9$80
América		
Dollars de 1 e 2	24$50	25$50
Dollars de 5 a 20	25$00	26$00
Dollars de 50 a 1000	25$20	26$20
Austria Schilling	1$30	1$36
Bélgica Franco	$61,5	$64,5
Brasil Cruzeiro	3$40	4$20
Canadá		
Dollars de 1 e 2	25$10	26$10
Dollars de 5 a 1000	25$80	26$80
Dinamarca Coroa	3$90	4$20
Espanha Peseta	$435	$465
França Franco	5$00	5$40
Holanda Florim	9$05	9$35
Inglaterra Libra	59$00	62$00
Itália Lira	$031,5	$036,5
Japão Yene	$07	$095
Marrocos Dirham	—$—	—$
Noruega Coroa	4$35	4$65
Suécia Coroa	5$40	5$75
Suíça Franco	8$10	8$45
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	1.400$00	1.550$00
Inglaterra 1/2 libra	1.100$00	1.250$00
Ouro fino grama	130$00	145$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara 18 Telef. (2804)
Rua do Ouro 52 Telef. 30309

televisão



MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vivendo o futuro
13.15 «A família Partridge»
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 O homem de amanhã
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa, língua portuguesa
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 Momento desportivo
20.10 TV palco
21.00 Museu aberto
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.05 Columbo
23.50 Telejornal, 4.ª edição
23.55 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
20.45 O homem de amanhã
21.00 «A família Partridge»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Impacto
22.50 Música para olhar
23.05 Silêncio... vamos rir!
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Almanaque
13.15 «O sobrinho da América»
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa, Matemática moderna
19.25 «O diário das fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 Sangue na estrada
20.00 Cinema 74
20.30 Portugal no Mundo
21.00 Desenhos animados «A Pantera cor-de-rosa»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.05 Noite de cinema «Crepúsculo dos Deuses»
00.10 Telejornal, 4.ª edição
00.20 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 O libro à procura do leitor
21.00 «O sobrinho da América»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Recital de canto
22.20 Panorama
23.20 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era moderado de Sudoeste e chovia em alguns locais do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10º
P. DOURADAS	5º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	14º
FARO	14º
FUNCHAL	17º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Praia da Rocha, Alvalade, Tavira
Máxima **19,2º**
Penhas da Saúde
Mínima **1,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14,5º
Atmosfera 11,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.04 3,1 m	6.08 1,7 m
12.49 3,0 m	18.26 1,7 m
Dia 19	
1.07 3,2 m	7.04 1,5 m
13.43 3,1 m	19.17 1,5 m
Dia 20	
1.58 3,4 m	7.47 1,3 m
14.27 3,3 m	19.59 1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento moderado predominando do Oeste; possibilidades de chuva ou aguaceiros nas regiões do Norte.

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.43
OCASO AS 19.47

DIA 23 DIA 31 DIA 6 DIA 14

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 «Convívio»
18.05 Música sem palavras
18.30 «Espectáculo»
19.05 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
20.30 43.º episódio do folhetim «O Monte dos Ventos Uivantes»
20.50 Solos de piano
21.00 Momento 74
21.20 Fados de Coimbra
21.30 «Figuras do passado» pelo dr. Caldeira Pais
22.00 Grande desfile
22.40 Fados por Francisco Martinho
23.05 De um dia para o outro por Fernando Correia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horário.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 2.º e 3.º actos da ópera «Lilu» de Alban Berg
17.05 Concertos para violoncelo e orquesta em ré menor
17.30 Solos de cravo
17.57 Antologia sonora
19.00 E aconteceu poesia, por Miguel Trigueiros
19.30 Música coral sinfónica
20.00 Jornal da noite
20.30 Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (filho)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Sinfonia «Harold em Itália» OP: «! (Heitor Berlioz)
22.45 2.º acto da ópera «Così fan tutte» (Mozart)
00.20 Concerto para piano e orquesta em fá (George Gershwin)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
21.03 Alegria no trabalho
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Variando para agradar
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita 1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
23.00 Noticiário; Clube à Gô-Gô (Continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Moçambique, 74
18.22 Palavra do dia. No final Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiário e reportagens de R. Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Programa dos sócios
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

LISBOA

TURNO L-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Teles, Rua João de Barros (Tel. 638176)

ALCÂNTARA
Lupi Nogueira, Rua da Creche, 2 (Tel 631635)

ALTO S. JOÃO
Oriente, Rua Lopes, 120 (Tel 843381)

ALVALADE
Avis, Av de Roma, 56-B (Tel 715370). **Brisalia**, Av Rio de Janeiro, 66 (Tel 722368)

ARCO CEGO
Palma, Av. Duque de Avila, 25-31 (Tel. 47088)

ARROIOS
Matos, Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel 46858)

AVENIDAS NOVAS
Avenidas, Av da República, 27-A (Tel 533688). **Galeno**, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel 774920)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Tel 311216)

BAIXA
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858). **Americana**, Calçada de Santana, 8 (Tel. 863984)

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (Tel 780027)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul, 23-B (Tel 671667)

CONDE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (Tel. 52076)

GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Tel 864351)

CAMPO DE OURIQUE
Castro, Rua Quatro de Infantaria, 28-A (Tel. 688857).

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel 44438)

GRAÇA
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tel 862333)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel 790704)

MOURARIA
Bastos, Calçada de Santo André, 107 (Tel. 860450)

OLIVAIS
Nova, Lote 469 (Olivais Sul) (Tel. 816402)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel 842518)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel 726395-720703)

S. MAMEDE
S. Marçal, Rua de S. Marçal, 100 (Tel 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (Tel. 51451). **Novais**, Av Luis Bivar, 11 (Tel 44324)

XABREGAS
Barros de Gouveia, Rua do Vale Formoso de Cima, 79-B (Tel. 382180)

BAIRRO ALTO
Azevedo, Rua da Misericórdia, 24 (Tel. 323540)

BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Tel 631699)

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel 703393)

BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel 680627).

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-A (Tel 790942)

PENA
Americana, Calçada de Santana, 8 (Tel. 563984)

SANTA CATARICA
Combro, Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tel 768343-764629).

S. VICENTE
(Ver Graça)

SETE RIOS
Aguiar, Av. Bordalo Pinheiro, 89-A (Tel 786343)

XABREGAS
Salter, Rua de Xabregas, 63 (Tel. 381165).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070); **Caxias**, Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás. R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel 263052)

MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19-41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B.º Caxias (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78 B (Tel. 932485), **Confiança**, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM
Araújo e Sá.

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel 2073443)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. de 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL
/Normal do Sul, P. do Bocage (Tel. 22216)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO

8.º TURNO

SUB TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73, **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43 **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos, Ld.ª**, Pr de Carlos Alberto, 31; **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286, **Porto**, Rua Padre Cruz 146

SUB TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A, **Moreno, Ld.ª**, Largo dos Domingos, 44, **Sanil**, Rua do Paraíso, 214 **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645 **Vasques**, Rua das Condominhas 794

COIMBRA

TURNO B

Estadio, Rua do Brasil 548 r/c (Tel 24410) **Miranda**, Pr.ª do Comércio 41 (Tel 23261) **Batista**, Pr.ª da República 910 (Tel 2374)

TURNO L-2

TODA A NOITE

ALCANTARA
Lealdade, Rua do Olival 226 (Tel. 663441).

ALTO DO PINA
Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B (Tel. 722868).

ALVALADE
Cartaxo, Av da Igreja, 21-C (Tel. 776358); **Nova Lisboa**, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727721)

AREEIRO
João XXI, Av João XXI, 16-A (Tel. 726462)

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Pinturas de Lucília de Brito e de Francisco de Oliveira. Salão de Marco.

CASINO ESTORIL — Pintura de Júlio de Barros (das 15 às 3 h.).

DIPROVE — Pintura, desenho e gravura de Zao Wou-Ki (das 15 às 21 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — «100 desenhos europeus» (das 10 às 20 h.).

FUTURA — Mostra de trabalhos de Isabel Gândara.

GALERIA «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» — Pintura de Maria Fernanda Amado (das 10 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 19 h.).

GRAFIL — Xilogravuras de Hein Semke.

OTTOLINI — Pintura de José Nuno Câmara Pereira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h. excepto domingos).

PALÁCIO FOZ — Desenhos de Gracinda Marques.

PRISMA 73 — Gravura contemporânea (das 15 às 20 h. excepto domingos, e às quartas-feiras das 15 às 24 h.).

QUADRANTE — Oleos de Pires Vieira.

motor revista

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Technicolor Grupo D (18 anos)
Incrivelmente atrevido **ROSAS VERMELHAS PARA O INIMIGO** com Danny la Rue

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
5.ª semana! Technicolor. Grupo D (18 anos) Liv Ullmann - Gene Kelly - Edward Albert. «40 Idade Perigosa» Uma história de apaixonante interesse.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
14.ª semana! Technicolor. TODD - ao 35 Grupo D (18 anos) o filme de Norman Jewison. «Jesus Cristo Superstar»

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D - 10 anos) 2.ª Semana
Os terríveis mistérios do fundo do mar e a odisseia fantástica daqueles que avenceram! «UMA ODISSEIA SUBMARINA», com Ernest Borgnine, Yvette Mimieux, Ben Gazzara e Walter Pidgeon

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
v(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana! «VEM AÍ OS CABELUDOS»

CASINO ESTORIL (Tel. 26421-264946)
17.00 e 21.30
Eastmancolor. Grupo D (18 anos)
«Um Verão para Matar» com Karl Malden e Olivia Hussey

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
18.ª Semana! Eastmancolor «LAGRIMAS E SUSPIROS» (Vries and Whispers

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor. Jean Louis Trintignant, Romy Schneider «O ULTIMO COMBOIO» 5.ª Semana!

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15 - 18.30 - 21.30 2.ª Semana!
Colorido Grupo D (18 anos)
ROSAS VERMELHAS. Gina Lollobrigida e Rénaud Verley
(Metro Alameda)

ESTÚDIO 444 (tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
22.ª semana! Eastmancolor Grupo D (18 anos) «O Porteiro» Bernard Le Coq - Maureen Karwin - Michel Calabru

LONDRES (Tel. 731313)
14.45 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Colorido. Grupo D (18 anos) 3.ª semana! Grande Prémio do Juri Festival de Cannes 1973. Uma festa fabulosa «O Convite» (L'Invitation) o filme de Claude Goretta

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJECÇÃO PRIVADA».
(Estacionamento Parque Castil.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. Piccoli, Stephane Audran «NUPCIAS VERMELHAS». Um filme de Claude Chabrol.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D- anos)
Um filme de António Cunha Teles. «MEUS AMIGOS» com Manne Madeira Teresa Mota Luz Pereira Maria Otília, Antonio Modesto Navarro e Fredo Bandeira Freire (Metro Alameda

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-21.30
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor, Raquel Welch, Richard Johnson «HELENA A GREGA». Quinzena humor muito negro. Hoje às 18.30 (Grupo B-10 anos «O INIMIFO PUBLICO». Realização e interpretação de Woody Allen. 4.ª feira «A VIDA ÍNTIMA DE SHERLOCK HOLMES» (18 anos)

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo B - 10 anos)
Ele aí está! Terence Hill
E AGORA CHAMAM-LHE MAGNÍFICO»

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 3.ª Semana!
Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPAGEM». Atenção só à noite Tony de Matos canta no palco

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«VAMOS A ISTO, RAPAZES» Em complemento «AMERICANÍSSIMO»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
Technicolor Grupo C (14 anos) Giuliano Gemma - Bud Spencer «Até os Anjos comem feijões»

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Technicolor Grupo B (10 anos) Walt Disney apresenta «Nem Visto nem Achado» com Kurt Russel e Joe Flynn

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30-21.30
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor. Tony Fendal, Isa Meda, Peter Thorrys «OS 4 JUSTICEIROS»

SATÉLITE (Tel. 562632)
21.45 ESTREIA
(Grupo D-18 anos)
Color. Nagisa Oshima «CERIMONIA SOLENE» Às 15.30 e 18.30 (Grupo C-14 anos «AGUIRRE O AVENTUREIRO»

ALVALADE (Tel 717480)
14.15 16.30 - 18.45 e 21.45
6.ª semana! Colorido - Grupo D (18 anos. Elizabeth Taylor Richard Burton «A Engrenagem» um filme de Peter Ustinov. Elizabeth Taylor Grande Prémio Festival de Berlim 1972

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma rosa ao pequeno almoço»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Tudo a nu»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Os porquinhos da India»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Dois num guarda-vestidos»

MÁRIA MATOS
21.45 (14 anos)
«Morte de um caixeiro viajante»

TEATRO MUNICIPAL DE S. LUÍS
21.45 (18 anos)
«Albergue nocturno»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«Eu não perdoo, mato!»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A Sombra do duplo amante»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Boneca Perigosa»

CINE MOSCAVIDE
21.09 (18 anos)
«Deram-lhe uma metralhadora»

PARIS
21.30 (18 anos)
«O monte dos vendavais».

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30
«Um Verão para matar»

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Dr Jivago»

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«O Asfalto da Morte»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Um homem chamado Arizona»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Tigre»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Paixão Cigana»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Se disparas mato-te»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Visita inesperada».

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«A furia do Karate».

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A morte chega do passado».

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«A fúria do Karate».

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Punhos de vingança».

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

EDEN (Tel 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 2.ª Semana
Colorido
«OS 4 SARGENTOS BOINAS VERDES»
William Smith e Tony Young

PATHÉ (Tel 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
Joanne Woodward no filme de Paul Newman «A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS» Prémio interpretação feminina Cannes 73 (Metro Arroios).

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Technicolor
«ATE MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES» Giuliano Gemma - Bud Spencer

RESTELO (Tel. 6102610275)
21.30
6.ª semana! Techicolor Grupo D (18 anos) «A Engrenagem» com Elizabeth Taylor - Richard Burton e Peter Ustinov

BATALHA
21.00 (18 anos)
«O Porteiro»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Chantagem»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Atalante»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Cai a noite sobre a cidade»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Venha tomar café conosco»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O escorpião»

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264586/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO Com Mário Simões Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos **T. 320164.**

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

DL/ NACIONAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX ,2363
LISBOA PORTUGAL

Missa de sufrágio por Vieira Pinto

Amanhã, às 11 e 30, celebra-se na igreja dos Mártires uma missa de sufrágio por António Vieira Pinto, um dos fundadores do «Diário de Lisboa».

Amigo íntimo de Joaquim Manso, primeiro director do «D L », António Vieira Pinto compreendeu sempre o espírito que, desde o início, animou o nosso jornal

"FENACETINA" SÓ COM RECEITA MÉDICA

LOURENÇO MARQUES, 18 (L.) — Um produto químico denominado «Fenacetina», frequenta na composição dos anti-piréticos e anti-gripais, está a ser alvo de restrições na África do Sul, onde só pode ser tomado mediante receita médica depois de se concluir que afecta consideravelmente os rins dos doentes.

Em Moçambique nada se sabe que leve a tomar medidas de controlo quanto à aplicação do referido produto que é aplicado no formulário próprio das farmácias em misturas feitas a pedido dos doentes.

ESCOLA DE BELAS ARTES DE LISBOA

Continuação da pág. 1

não estive a trabalhar na Reforma da Escola Superior de Belas-Artes. É diferente.

E a mais se recusou, ainda que as insistências fossem várias.

Por seu lado os alunos encontram já indícios da reforma. Há dois anos chegaram a fazer-se exames às três da matina. Agora há controlo de faltas, testes, controlo mais rígido dos trabalhos práticos, etc.

Que o ensino é caduco, académico, inútil, feito de noções primárias (foram termos várias vezes utilizados). Que se poderia dar em um ou dois anos aquilo que é dado em seis no curso de arquitectura e em cinco nos de pintura e escultura. Que as instalações são exíguas (desde há quatro anos que todos os anos se anda em obras) que só não estão a funcionar as cadeiras de Sociologia e de Tecnologia dos Plásticos. Que falta o barro, na escultura.

O mais delirante na vida das pessoas é sempre a Razão. A situação será, digamos, grave? Parece que não e parece que sim. E perguntaram a quem serviam os que têm a soberania do tecto, ou seja os arquitectos.

E lá as Escolas já têm Reformas.

E o narcisismo? Isso, responderam alguns a l u nos que era derivado dos artistas serem individualistas, por natureza. Tomem lá e pasmem! Claro que houve outros que contrapuseram dizendo que era realmente isso o que se estava cultivando. Que essa visão idealista dos pintores, escultores e arquitectos como pequenos génios, criando sozinhos o mundo, era a cultura que se arquitectava, esculpia e pintava na Escola Superior de Belas-Artes.

Os assaltantes não deixaram pistas

No período referente ao último fim-de-semana, o piquete da Polícia Judiciária registou apenas a participação de um assalto, ocorrido esta madrugada, por meio de chave falsa, num armazém da Rua Filipa de Lencastre, 49, onde indivíduos não identificados furtaram várias peças de vestuário, dois aparelhos de rádio e dois ferros eléctricos, tudo no valor aproximado de vinte e quatro contos.

Segundo os agentes daquela corporação policial que se deslocaram ao local, não foram detectados elementos ou pistas úteis susceptíveis de permitirem o prosseguimento das investigações.

Vale do Sol
restaurante
Estoril Mar Sol e Restaurante Vale do Sol
Onde pode ir mesmo com chuva
Touring Club de Portugal
Aparthotel Vale do Sol
Estoril – R. do Viveiro
Tel. 263385 – 263916

— Professores e varredores eram os únicos adultos que acompanhavam as crianças

NUMA ZONA ABANDONADA DO BARREIRO

Crianças vieram para a rua apanhar lixo de meses

Precisamente numa zona onde há meses se não faz uma recolha de lixo em condições, dezenas de crianças do ensino primário e infantil vieram esta manhã para a rua apanhar lixo na Quinta da Amoreira, Barreiro. E a prova de que a recolha habitual é deficiente ou, como nos disseram alguns moradores, nem sequer se faz, reside no facto de, numa escassa meia hora, todos os carros terem ficado cheios e os varredores não saberem onde os despejar.

A presença das crianças na rua assume assim um ar de protesto, mas as razões da sua presença ali são de facto pedagógicas.

— **Pensamos que o ensino deve ser inserido na vida e não à margem dela,** disse-nos a professora Maria Raquel, **ao virem os seus deveres e direitos em relação à comunidade onde estão inseridas. Todas vieram livremente. Fizemos-lhe uma proposta, não as obrigámos.**

E as crianças que pensam?. Perguntámos-lhe porque vieram e as respostas sucederam-se sem que tivessemos tempo de identificar os seus autores. Ei-las:

. — **Vim porque me apeteceu;**

. — **Vim para ajudar estes homens velhos que já têm mil anos e não e não podem trabalhar.**

— **Eu vim para fazer um monte de lixo.**

— **Eu vim para ajudar a pôr as ruas limpas**

— **Eu vim para ajudar os varredores que ganham muito pouco.**

António Joaquim Fonseca é varredor. Andava lá no meio dos miúdos. Tem 70 anos e ganha 79 escudos por dia. Acha boa a ideia. Trabalha ainda com aquela idade porque não tem outro remédio.

Outras pessoas que achavam lá muita graça aquela «maluquice» das professoras de pôr as crianças a apanhar lixo nas ruas. **O lixo já está para aqui há meses e isto é muito anti-higiénico.** Mas as professoras estão convencidas que o saldo será positivo admitindo, no entanto, no entanto que para a próxima vez a experiência deverá ser melhorada.

Segundo nos revelou a professora Maria Ilete as crianças irão agora para a escola falar da experiência, em grupo ou individualmente. Entretanto fica no ar a chaga diária dos moradores da zona: o lixo amontoa-se, espalha-se, pouca ou nenhuma gente aparece para o recolher. Quando se modificará a situação?

— Em pouco tempo os carros ficaram cheios

Bolsas de estudo nos EUA para futuros professores das Escolas Normais Superiores

BOlsas de estudo, com a duração de um ano, a iniciar em Agosto próximo, destinadas à frequência de departamentos de Ciências da Educação, em algumas universidades americanas, estão postas a concurso pela Direcção Geral do Ensino Superior.

As bolsas destinam-se a indivíduos licenciados, com razoável conhecimento da língua inglesa, que devem enviar a sua candidatura, até 6 de Abril próximo, pja o referido serviço do Ministério da Educação Nacional, que se situa na Avenida 5 de Outubro, 107, 7.º, em Lisboa.

Os candidatos deverão prestar as seguintes informações: elementos de identificação e demais dados biográficos; «curriculum» pedagógico, científico ou profissional e outros elementos afins; indicação, por ordem de preferência, das Escolas Normais Superiores em que gostaria de vir a exercer a actividade.

Como se sabe, os referidos estabelecimentos de ensino foram criados emBeja, Bragança, Castelo Branco, Funchal, Guarda, Lisboa, Ponta Delgada, Portalegre e Viseu.

NOTAS VÁRIAS

JAIME FRANCO ORDEM DA BENEMERÊNCIA

A dedicação de Jaime Franco ao desporto, ao recreio e ao corporativismo nacionais foi ontem consagrada no decurso de uma sessão solene, a que presidiu o governador civil de Lisboa, na sede da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio. O dr. Afonso Marchueta impôs-lhe as insígnias de grau de oficial da Ordem de Benemerência com que fora agraciado pelo Presidente da República. Disse o chefe do distrito: «O desporto nacional deve-lhe muito — as colectividades de cultura e recreio, de cuja Federação é um dos fundadores, não lhe devem menos —, sendo ainda de realçar a sua constante actividade corporativa.»

SENHOR DOS PASSOS DO DESTERRO

No seguimento de uma antiga tradição, efectuou-se ontem a procissão do Senhor dos Passos do Desterro, a qual constituiu grande manifestação de religiosidade popular. A procissão desfilou pelas ruas Nova do Desterro, capitão Renato Baptista, Rafael Andrade (onde reside o general António de Spínola), Bempostinha, Largos do Mitelo e do Mastro, etc.

MORTE A CAMINHO DA MATERNIDADE

Ao transportar a mulher para o Hospital de S. João, prestes a dar à luz, encontrou a morte o operário Manuel Pereira, dado que o carro que conduzia se despistou e foi cair num valado, em Rio Tinto, Porto. A parturiente, Rita Ramos, ficou internada muito ferida na enfermaria da maternidade daquele estabelecimento hospitalar.

O BISPO DO PORTO EM COIMBRA

No próximo dia 22 parte para Coimbra o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, a fim de dirigir um colóquio sobre «Os direitos humanos na tradição portuguesa antiga». O colóquio está integrado no ciclo quaresmal promovido pelo Instituto Universitário «Justiça e Paz».

PRESIDÊNCIAS DE MUNICÍPIOS

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho o dr. Manuel Pires Bento, e nomeado vice-presidente da Câmara Municipal da Lourinhã José Artur Garcia Nobre, em substituição de Manuel Gentil da Silva Horta.

Foram reconduzidos nos cargos de presidentes dos Municípios de Gois e Lourinhã, respectivamente, o dr. Rui Nogueira Ramos e o arq.º Lucínio Guia da Cruz.

Exclusivo

A "SEGUNDA INDEPENDÊNCIA" DO ZAIRE (nas centrais)

BRASIL

O antigo presidente Goulart estaria autorizado a regressar do exílio

O antigo presidente do Brasil, dr. João Goulart

RIO DE JANEIRO — O antigo presidente João Goulart, derrubado pelo golpe de Estado militar de 31 de Março de 1964, e que se refugiara no Uruguai em 4 de Abril do mesmo ano, prepara-se para regressar ao Brasil, após um exílio de dez anos. Recentemente, um dos seus antigos conselheiros tinha anunciado, de regresso de Montevideu, a intenção de Goulart de se instalar no Brasil, **para aí educar os seus filhos**. Desta vez, é o padre de uma pequena cidade do Estado de Santa Catarina, Balneário de Camboriú, no Norte do país, que acaba de indicar que o ex-presidente ocuparia, em Abril próximo, com a sua família, uma casa desta localidade.

O padre em questão, o reverendo Frondini, deu a notícia durante o seu sermão de 3 de Março,domingo, pedindo aos seus fiéis a maior **compreensão**, tanto por parte dos antigos opositores do presidente destituído como por parte dos partidários do regime militar.

João Goulart fora vítima da primeira «purga» ordenada pelo governo do marechal Castelo Branco, que, entre 1 de Abril e 15 de Junho de 1964, destituí, dos seus direitos políticos, pelo prazo de dez anos, três antigos presidentes da República (Goulart, Quadros e Kubitschek), seis governadores de Estado e trezentas e sessenta e nove outras personalidades civis e militares.

Proprietário de grandes «fazendas» de criação de gado no Rio Grande do Sul, João Goulart não foi privado dos seus bens, que pôde continuar a gerir no exílio. O seu regresso, se vier a confirmar-se, não poderá ter lugar senão com o expirar, em Abril próximo, do período de suspensão dos seus direitos políticos. Até aqui, a informação não foi dada por nenhuma fonte oficial e foi até censurada na imprensa. Porém, há boas razões para pensar que o novo governo não se oporá a um tal regresso: desde o mês de Julho último que os mais próximos colaboradores do general Ernesto Geisel afirmam que um prolongamento dessas prescrições **não teria qualquer sentido**.

Os dois outros presidentes destituídos vivem regularmente no Brasil. Nenhum deles, passado que seja o período de suspensão de direitos políticos, é elegível.

UM ARTIGO INÉDITO DE ATTICUS

A ETERNA QUESTÃO DE BERLIM OCIDENTAL

Publicamos hoje, como simples homenagem que ele bem merecia, um artigo inédito de Atticus, nosso saudoso colaborador de muitos anos, e que recentemente faleceu em Atenas, como oportunamente noticiámos.

Podemos perguntar se a questão de Berlim Ocidental será alguma vez resolvida.

Na verdade, para a RFA, todos os caminhos levam a Berlim Ocidental. Esta «questão» continua sempre no coração da política federal, como se não tivesse havido acordo a quatro sobre este assunto. Berlim Ocidental continua a ser a bomba de retardador — como era já no tempo de Adenauer — colocada no centro da RDA para fazer ir pelos ares um dia e por extensão o edifício dos tratados concluídos com os países de Leste. Porque o conjunto deste edifício assentou na existência da Alemanha Oriental.

Em Bona, há uma aplicação sistemática em explorar a «normalização» das relações da RFA com os países comunistas da Europa Central a fim de estreitar o mais possível os laços de Berlim Ocidental com a RFA por cima dos acordos dos Quatro a este respeito. Regressa-se à «solução satisfatória» da questão de Berlim Ocidental sob uma forma nova. A «solução satisfatória» era agora a aceitação pelos países interessados da interpretação dos acordos dos «Quatro» à maneira de Bona. Interpretação que significa o reconhecimento puro e simples de Berlim Ocidental como fazendo parte da RFA.

Quando o Governo federal (o Governo Brandt-Scheel) se decidiu enfim a «normalizar» as suas relações com a Checoslováquia na base da anulação do acordo de Munich, e quando tudo estava feito, a ponto de se ter já anunciado a viajem de Brandt a Praga, a 4 de Setembro de 1973, para a assinatura do acordo germano-checoslovaco, Bona pôs como condição **sine qua non**, no último minuto, a inclusão de Berlim Ocidental no documento a assinar, como se esta cidade fizesse parte da RFA. De tal modo que Brandt não foi a Praga, e a assinatura do acordo germano-checoslovaco não teve lugar na data prevista.

O Governo federal invocava os acordos dos «Quatro», que reconheciam à RFA certas facilidades consulares para a representação dos habitantes de Berlim Ocidental no estrangeiro, pretendendo que nos termos destes acordos era reconhecida a plena representação consular de Berlim Ocidental pela RFA no plano jurídico e territorial.

O mesmo aconteceu nas negociações de Bona com Budapeste e Sófia para a «normalização» das relações da RFA com a Hungria e a Bulgária. Estas negociações, iniciadas ao mesmo tempo com as que se desenrolavam com Praga, empanaram de igual modo. O Governo federal exigia — sempre como condição **sine qua non** — a inclusão de Berlim Ocidental nos acordos a assinar.

O FUNDO DA QUESTÃO

O comportamento do Governo federal na questão da retomada das relações diplomáticas com os países comunistas da Europa Central permite formar uma ideia exacta das suas intenções. O restabelecimento das relações diplomáticas devia constituir o acabamento da política de «normalização» com os países de Leste. Além disso, a anulação do acordo de Munich apaga a última sequela da política de Hitler que pesava sobre os Governos federais.

Mas Brandt queria negociar todas as questões para obter — nem que fosse com atraso — a «solução satisfatória» da questão de Berlim Ocidental que não tinha conseguido obter dos aliados ocidentais. Quer dizer, o reconhecimento negro sobre branco, nos documentos oficiais, da pertença de Berlim Ocidental à RFA. O que engendraria novas crises políticas, que os acordos dos «Quatro» gostariam de afastar de maneira definitiva, afirmando que Berlim Ocidental não faz parte da RFA.

Ligando a «questão» à última fase da «normalização» das relações da RFA com os países de Leste, o Governo federal queria criar um precedente, recuperando — de certo modo — o que não obtivera por ocasião das negociações dos tratados de Moscovo e de Varsóvia e ainda menos por altura da laboriosa elaboração dos acorodos dos «Quatro» sobre Berlim Ocidental.

Tratava-se, com efeito, de fazer reconhecer nos documentos diplomáticos de alcance internacional a interpretação de Bona destes acordos; a saber que nos termos desses acordos Berlim Ocidental faz parte da RFA.

O Governo federal não faz disto segredo. O seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, falando a 3 de Setembro de 1973 em Berlim Ocidental perante uma reunião do seu partido, proclamava — a propósito da ruptura das negociações com Praga — que a RFA não assinaria doravante acordos com países estrangeiros a menos que Berlim Ocidental seja incluído, quer dizer: enquanto parte integrante da RFA.

CHIPRE

CONTINUA A LUTA PELA "ENOSIS" APESAR DA MORTE DE GRIVAS?

NICOSIA A morte do General Grivas, que se encontrava em Chipre, na clandestinidade, desde o mês de Setembro de 1971, não parece dever modificar a situação na ilha e pôr fim à crise no seio da comunidade grega cipriota que ameaçava, ainda recentemente, transformar-se numa guerra civil. Perante os despojos mortais do seu chefe, reconhecido depois da sua morte, por toda a Imprensa cipriota grega, como um herói nacional, os partidários de Grives prestaram juramento de prosseguir a luta pela Enosis — a união da ilha com a Grécia — e manifestaram, de uma maneira muito virulenta, a sua hostilidade para com o presidente Makários e o seu Governo. No dia seguinte, o novo chefe da organizaça5o clandestina Eoka, organizada pelo general Grivas após o seu regresso à ilha, deixava perceber que a organização secreta dos comandos prosseguiria as suas actividades.

E significativo que todas as pessoas procuradas pela polícia, membros dos grupos armados organizados pelo defunto general, tenham ignorado a oferta de amnistia de monsenhor Makários, anunciada ni princípio de Fevereiro. Nenhuma das pessoas procuradas se apresentou à polícia até ao dia 2 de Fevereiro, data em que expirava o prazo fixado pelo presidente Makários. Com efeito, a Eoka-B, que Grivas organizara com base no modelo da Eoka — organização secreta que travou luta armada contra a ocupação britânica, de 1955 a 1959 continua intacta e disporia de pequenos grupos de combate em toda a ilha. O novo comandante da organização seria, segundo fontes bem informadas, Georges Karousos, um militar de origem grega, antigo coronel do exército helénico, vindo pela primeira vez a Chipre em 1964, depois do desencadeamento da crise. Pelo menos três outros antigos oficiais gregos estariam à testa da Eoka-B, constituindo, com Karousos e dois cipriotas, o estado-maior da organização, que dispõe, entre outras coisas, de uma importante quantidade de armas e explosivos.

Por certo, a perda de Grivas é um golpe severo para os seus partidários. Porém, ela poderia conduzir os seus antigos comandos à decisão de empreender uma luta mais larga e mais encarniçada. Um dos objectivos da organização clandestina continua a ser, sem súvida alguma, a eliminação, física se tanto fôr necessário, do presidente Makários, que Grivas acusou frequentemente, antes da sua morte, de ter **traído a causa sagrada da Enosis** e que alguns dos seus partidários consideram mesmo como responsável pela morte do seu chefe. Entretanto, a reunião de mais de cem mil pessoas em Limassol no dia dos seus funerais teria inquietado o Governo que, sem dúvida, terá compreendido que o mito de «Dighenis» — nome de guerra do desaparecido — continua a estar vivo numa parte importante da população grega da ilha.

Monsenhor Makários vai, sem dúvida, tentar convencer os partidários de Grivas a colocar a sua luta num terreno legal, dando-lhes sólidas garantias de vida política livre. Se não conseguir levar a ilha para uma vida política normal, continuará a viver na obsessão de um novo atentado, ao passo que Chipre continuará à beira de uma guerra civil ou de uma nova vaga de violências. E significativo o facto de, nestes últimos tempos, a escolta policial de monsenhor Makários ter sido reforçada.

É, também, evidente que, durante todo o tempo em que o problema cipriota não fôr resolvido por um acordo entre as duas comunidades, a situação nunca estará completamente normalizada. As possibilidades de uma regularização de compromisso entre gregos e turcos da ilha são, neste momento, mínimas, pois, nenhum dos dois lados se mostra disposto a fazer verdadeiras concessões.

A TURQUIA E A PAPOILA

ANCARA O Governo presidido por Bulent Ecevit parece estar decidido a autorizar de novo a cultura da papoila. Esta está interdita desde Junho de 1971. Foi o Governo de Nihat Erim que, invocando «razões humanitárias», mas cedendo, na verdade, a pressões de Washington, tomou esta decisão. Em contrapartida, o Governo de Nixon tinha-se comprometido a pagar 35 milhões de dólares, escalonados durante vários anos, 20 milhões dos quais para compensar as perdas financeiras sofridas por umas cem mil famílias camponesas e o restante para contribuir para a introdução de culturas de substituição.

Todos os partidos políticos turcos tinham prometido, nos seus programas eleitorais, voltar a estudar esta decisão que consideravam prematura. Um acomissão do Partido Republicano do Povo, presidida pelo ministro de Estado, Orhan Eyuboglu, acaba de redigir o seu relatório. Preconiza o recomeço **progressivo e sob estritas medidas de controlo** da cultura da papoila em quatro distritos, revela o quotidiano **Gunaydin.**

Turhan Gunes, ministro dos Negócios Estrangeiros, deu já conhecimento ao embaixador dos Estados Unidos, William Macomber, do desejo do seu governo de empreeender novas negociações com Washington. Deixou perceber ao seu interlocutor que a Turquia tinha assumido a sua parte de sacrifícios e que poderia ser levada a recomeçar a cultura da papoila se as perdas financeiras, consideráveis, que se elevariam, segundo ele, a 300 milhões de libras turcas por ano, não fossem suficientemente compensadas.

Os observadores consideram que o Governo manterá a sua promessa eleitoral, tanto por considerações de ordem económica como para fazer notar uma certa vontade de independência relativamente aos Estados Unidos. A diligência de Gunes não constitui uma simples manobra de regateio, tendente a obter dos Estados Unidos mais indemnizações. O quotidiano, de grandes tiragem, **Huriyet** crê saber, por seu lado, que os peritos da Organização Mundial de Saúde seriam favoráveis ao levantamento da interdição da cultura da papoila em vários países sob reserva de medidas de controlo, a fim de combater a alta do preço do ópio, matéria-prima da indústria farmacêutica mundial.

Alarmados pela ameaça do desaparecimento das sementes da papoila anatólia, os dirigentes da Câmara dos Farmacêuticos Turcos pronunciam-se igualmente pelo recomeço, sob controlo, da cultura da papoila, principalmente em propriedades rurais do Estado, a fim de estabilizar o preço de custo dos medicamentos que dependem do ópio. Se a interdição continuasse a prolongar-se, calculam eles, a Turquia, anteriormente grande produtora e exportadora de ópio, que assegurava cerca de 85 por cento das necessidades do mercado internacional, seria obrigada a importá-lo a preços exorbitantes.

Os responsáveis das câmaras de agricultura, pelo seu lado, declaram que é impossível compensar unicamente com indemnizações os prejuízos sofridos pelos cultivadores turcos. Estas indemnizações eram calculadas na base do valor da quantidade anual de ópio produzido por hectare cultivado. Ora, obrigados a não poder continuar a cultivar a papoila, as famílias camponesas perderam igualmente uma importante fonte de rendimentos suplementares que conseguiram a partir dos subprodutos da papoila: alimento para o gado, muito apreciado, e óleo.

Segundo o estudo recente, seriam precisas pelo menos 10 biliões de libras turcas para realizar o plano de restabelecimento económico dos distritos atingidos pela interdição. Ao fim e ao cabo, os Estados Unidos não pagaram até agora senão 110 milhões de libras turcas e as indemnizações não foram liquidadas a todos os cultivadores.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção dos Serviços Técnico-Especiais

BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS
CONCURSO DE ADMISSÃO
PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até ao dia 23 de Marco de 1974.

São condições essenciais para admissão a este concurso, ter a 4.ª classe de instrução primária, mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 2 900$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 3 300$00, após esse período, tendo ainda direito a fardamento, alojamento e alimentação nos dias de serviço.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida de Dom Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, em 8 de Marco de 1974.

O PRESIDENTE

CARTAS DO BRASIL

TEMPO DE RECORDAR

Por CHIANCA DE GARCIA

Havia no meu tempo, no Mosteiro dos Jerónimos, um túmulo onde, dizia-se, repousavam os ossos de Luís Vaz de Camões. Eu morava por ali perto. Era muito jovem. E gostava de brincar na torre de Belém onde, com outros garotos da minha idade, defendia Lisboa em batalhas simuladas com naus de piratas imaginários.

Mas uma vez, vitoriosos embora como soldado, fui sózinho, confessar, como apaixonado repelido, o meu fracasso sentimental junto ao mausoléu camoniano...

— Pretidão de amor / tão doce a figura / que a neve lhe jura / que trocariam a côr / lêda mansidão / que o siso acompanha / bem parece estranha; / mas bárbara não.

DISCURSO — 1

Quero, porém, esclarecer que decorei estes versos não por amor à Poesia nem por ele, mesmo **que jamais se viu**, mas porque (**«Transforma-se o amador na coisa amada»**) **estava preso de amor pela macia pretidão da pequena Elisa, mulatinha de oito anos que meu padrinho, como contei aqui,** — mandara da Africa e que passou a fazer parte da nossa família.

Ela, porém, de sorriso fino e olhar oblíquo, encontrara em Lisboa outros motivos mais dignos de interesse, — do que aquele vago primo magro e feio, que eu já era então. Sofri, como se sofre aos nove anos:

— Perdição que o pensamento / subiu a um alto lugar / perde a pena do voar, / ganha a pena do tormento / não tem no ar nem no vento / aza com que se sustanha: não há mal que lhe não venha...

DISCURSO — 2

Chorei, diante do mármore camoniano, como se chora aos nove anos de idade. Mas por fim percebi que:

— Do mal ficam as mágoas na lembrança/e do bem se algum houve a saudade.

Aprendi que Luís de Camões, vítima de todas as desditas, nos ensinava a sofrer, e desde então, nas horas más da vida, é no volume da **lírica** que vou buscar apaziguadamente para todas as minhas dores:

— Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades/muda-se o ser, muda-se a confiança:/tomando sempre novas qualidades.

DISCURSO — 3

Isto dito, acreditem que dentro em pouco hão-de encontrar a razão das novas lágrimas choradas por meus olhos, nesta madrugada de hoje, 27 de Fevereiro, quarta-feira de cinzas, em que lhes escrevo, — quando escutei, vindo do silêncio e das trevas, vozes portuguesas trazendo-me de longe a poesia de Camões, — a mim, — **cá nesta babilónia** onde um bom destino quer que eu viva.

DISCURSO — 4

Certo que sei de cor muitos versos de Camões. Certo que em tempos longínquos, ouvi, no palco do antigo República (hoje São Luís) o mestre de teatro Augusto Rosa, ler diante de um público surpreso todo o episódio de Inês de Castro. Certo que ainda tenho na memória as inflexões quentes e coloridas de Chaby Pinheiro declamando Camões. Certo que, aqui no Brasil, escutei João Villaret num triste espalhar de pétalas, dizer os catorze versos da **alma minha gentil que te partiste...** E até António Botto, uma noite, em casa da nossa patrícia Julieta Valente, arrancou do coração aquele soneto em que ele se sentia mais que personificado, crucificado:

— O dia em que nasci môrra e pereça/não o queiria jamais o tempo dar/não torne mais ao mundo e se tornar/eclipse nesse passo o sol padeça.

DISCURSO — 5

Já lhes disse que estou escrevendo antes do romper do sol, em quarta feira de cinzas. No Carnaval, pelo facto feliz de ser correspondente estrangeiro do nosso «Diário de Lisboa» entrei em contacto com Liza Minelli (a do Cabaret) que achei, sem isto ser um lugar comum — encantadora. A certa altura, já tarde da noite, isto foi no sábado, ela, por ser constantemente irrequieta, resolveu cirandar de bairro em bairro para ver como era esse negócio carioca do povo dançando, cantando e batucando nas ruas. Quis evitar-lhe o dissabor. Insistiu. Acompanhei-a, e mais outros, num possante Dodge Dort.

E como não há mais aquele carnaval, quando o asfalto, com a batida dos tamancos de madeira ressoava no ritmo dos atabaques, — e tudo agora em 1974, é solidão e abandono, indagou surpresa:

— Mas então, onde está o povo? É isto o carnaval?

— Já era! Disse um de nós.

Desolada, quis voltar para o hotel. E disse, amuada:

— Sabem? Estou cansada de tudo ser mentira?

Entramos na suite de luxo que lhe tinha sido reservada.

Despediu-se de nós:

— Vou dormir.

Sentados, no mesmo sofá, três candidatos esperavam: o crioulo Flávio, alto e sorridente, um obscuro brasileiro de bigodes tristes que ela conhecera em Nova Iorque, em tempos idos, e o loiro Aguinaga, conhecido no Rio de Janeiro, como o homem mais bonito do Brasil.

DISCURSO — 6

Mas a frase ficara na minha cabeça: — **Ah, o cansaço de tudo ser mentira...**

E nessa mentira vivi até ao estertor de terça-feira, quando as últimas carnávalescas, saíam exaustas e seminuas, dos bailes onde morria o derradeiro samba.

DISCURSO — 7

Vim para casa. Então, na penumbra, meus olhos fixaram a hábil embalagem, de vermelho sanguíneo, vinda de Lisboa, por obra e graça da editora «Sasseti». Um disco, pensei. Desfiz o invólucro. E na capa lá estava: Lírica de Camões, na dicção de J. C. Ary dos Santos, e da por mim nunca vista nem ouvida (o que sempre tenho lamentado) Eunice Muñoz.

DISCURSO — 8

Eu conheci grandes actrizes. A velha Lucinda. Angela Pinto. Adelina Abranches. E porque não Palmira Bastos? E a heroica Amélia Rey Colaço? Havia outras. Maria Matos. Grande. Mas das gerações após os anos quarenta, sabia, especialmente, da existência de Eunice Muñoz.

Eu só acredito numa actriz quando ela tem, pelo menos, dez anos de profissão. Sempre desconfiei das debutantes imensamente geniais.

DISCURSO — 9

Após a nostalgia do carnaval, aqui tinha eu, um acto de purificação. E pus o disco a funcionar. Louvado seja sempre Luís Vaz de Camões. Primeiro (e vejam o que é estar longe de Lisboa por mais de trinta anos) surgiu a voz para mim também desconhecida de Ary dos Santos: **descalça vai para a fonte** com aquele **vai formosa e não segura** que tantas vezes aqui tenho parafraseado. Depois, pouco a pouco, **erros meus, má fortuna**, ou **transforma-se o amador em coisa amada**, e por aí fora, como **aquela triste e leda madrugada** e os **Sete anos de Pastor**, — foram criando em mim um clima de transmigração. E tudo em minha volta se foi transformando, diluindo, desaparecendo. Livros, quadros, paredes, edifícios, Copacabana, a praia, o mar...

E quando, depois de Ary, a voz de Eunice evoca Inês, eu. insensivelmente, senti-me em Coimbra. Assisti ao crime, e disse sózinho, de cor:

— As espadas banhando, e as brancas flores,/que ela dos olhos seus regados tinha,/se encarniçavam férvidos e irosos,/no tuturo castigo não cuidadosos.

DISCURSO — 10

E foi assim que ao romper do sol, nesta cinzenta quarta-feira, me reencontrei na casa exígua de onde estou escrevendo. O disco ainda girava, já sem alma. E então lembrei-me de quem fui, e de quem sou. E de novo escutei, fora do disco, a voz de Camões. Lembram-se?

Sóbolos rios que / vão / / por Babilónia me achei / onde, sentado, chorei, / as lembranças de Sião.

E mais adiante:

— Vi que todo o bem passado/não é gôsto mas é mágoa.

E ainda mais adiante:

— Que cantasse em Babilónia as cantigas de Sião.

O que é isto? O lugar do tempo e da alma? Como disse Rodrigues Lapa. Não. Estes versos de Luís de Camões são os que mais falam de mim. Por vaidade, sempre me encontro neles. O leitor que adivinhe porquê.

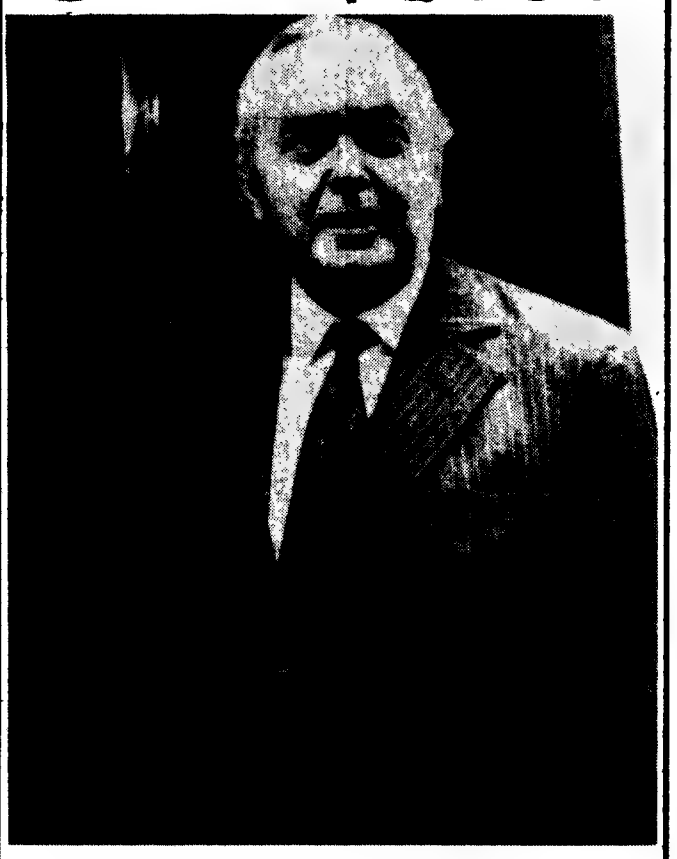
Copacabana, 1974

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28 — Apartamento 908 — Copacabana — G. B. Brasil

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Emanuel Luís Salles, B. Catarino — MAÇÃO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Lourenço Pereira, Agente de Jornais MOURISCAS

& TELE FOTOS



O primeiro-ministro inglês Harold Wilson, que recentemente completou 58 anos, continua a sorrir apesar de lhe começarem a surgir os primeiros problemas, após as recentes eleições gerais na Grã-Bretanha. Efectivamente, a oposição conservadora acaba de lançar um ataque ao seu governo de minoria, a propósito do combate à inflacção.

Cumprindo o seu dever, belgas de todas as idades votaram nas recentes eleições, até porque a lei pune os eleitores que não vão às urnas. Na telefoto, dois belgas, um amparado em muletas e outro apoiado numa bengala, dirigem-se para uma assembleia de voto em Bruxelas.

Uma fotógrafa independente, Brenda Mary Perkins, requereu um mandato de captura contra o antigo «beatle», John Lennon, após alegar que ele lhe batera durante uma discussão num clube nocturno. Quando Mary o tentava fotografar, Lennon deu-lhe uma bofetada, atingindo-a no olho direito.

A SEGUNDA "INDEPEN DO ZAIRE - 1

O general Mobutu Sese Seko, chefe de Estado do Zaire, que fez uma visita oficial ao Egipto durante a terceira semana de Fevereiro, anunciou recentemente numa série de medidas destinadas a assegurar a independência económica do seu país.

A exemplo dos Estados árabes, produtores de petróleo, o Zaire quer tirar vantagem, e mais proveito, dos seus importantes recursos mineiros. Acaba de ser concluído um acordo com a socieddade belga que, até ao presente, tinha o monopólio da comercialização do cobre produzido no Zaire: doravante, a venda do metal vermelho será confiada a uma sociedade nacional zairense.

Numa série de artigos, o autor analisa a evolução política e económica do antigo Congo Belga.

A ESTRANHA ENCENAÇÃO

KINSHASA Uma estranha encenação repete-se todas as noites nos receptores da televisão do Zaire, antes do boletim informativo: há nuvens que passam diante dos olhos dos telespectadores e descobrem progressivamente uma figura celeste; a do general Mobutu Sese Seko, chefe do Estado. A «introdução» termina aí. Durante vários minutos, o visor está ocupado pelas imagens filmadas durante as visitas do presidente da República a cada uma das oito regiões do Zaire.

Estas sequências têm por fim exaltar a unidade encontrada pelo antigo Congo Belga, depois das perturbações que se seguiram à proclamação da independência, em 1960. Este período é, também ele, evocado com imagens de combates acompanhadas de legendas lacónicas: «desolação», «a morte», etc. Quando se chega ao ano de 1965, durante o qual o general Mobutu Sese Seko tomou o poder, a legenda que acompanha a imagem toma uma feição diferente ao anunciar «a salvação».

O visitante, que poderia muito bem impacientar-se com esta repetição intencional e quotidiana, deve armar-se de coragem se quiser ver as **informações** até ao fim. Como na Rádio, a difusão das notícias é interrompida de cinco em cinco minutos para dar lugar a extractos de discursos pronunciados pelo chefe do Estado em 4 de Outubro e 30 de Novembro últimos, um na tribuna das Nações Unidas, o outro em Kinshasa.

Na primeira destas alocuções, o presidente zairense, que ia ser seguido rapidamente por numerosos chefes africanos, tinha anunciado a rotura das relações diplomáticas com Israel. Do segundo discurso foram, sobretudo, repetidas duas frases na Europa: «A refinação de todo o nosso cobre será realizada 100 por cento no Zaire antes de 1980», e «No domínio da comercialização, será posto em vigor um controlo rigoroso quanto ao destino do nosso cobre.»

Mas é preciso, em primeiro lugar, evocar as medidas de africanização da economia, que dizem respeito muito mais directamente, no imediato, aos zairenses e aos estrangeiros fixados no seu país. Tornadas públicas no momento em que as nações prósperas tomavam consciência da sua vulnerabilidade, estas medidas são de natureza a assegurar, diz-se em Kinshasa, «a segunda independência» do país. Parafraseando, sem o dizer, lorde Malvern, antigo primeiro-ministro da Federação das Rodésias e da Niassalândia, que afirmava que as relações entre africanos e brancos da Rodésia recordavam a «associação do cavalo e do cavaleiro», o general Mobutu Sese Seko denuncia, pelo seu lado, o contrato de «casamento entre o cavalo e o cavaleiro», **«porque apesar de todas as suas declarações de amizade e de ternura, o cavaleiro** nunca chegará a levar o cavalo às próprias costas».

As recentes decisões do chefe do Estado podem classificar-se em três capítulos: «recuperação» das filiais zairenses de grandes sociedades belgas; «tomada» dos fundos de comércio e das explorações agrícolas na posse de estrangeiros: controlo da comercialização das matérias-primas e «tomada» (a «nacionalização», nunca foi pronunciada) das instalações das sociedades distribuidoras de petróleo.

A «FORMINIÈRE» A HIDRA DE LERNA

Depois da conferência de Berlim ter decidido, em 1885, que o **Estado independente do Congo** era **propriedade pessoal** do rei Leopoldo II, o soberano belga decretou que todas as minas e todas as terras desocupadas pertencessem de direito ao Estado. Para assegurar a valorização do seu **domínio**, concluiu com os grupos financeiros associações sob a forma de sociedades de economia mista que foram transformadas em **sociedades com alvará**. No princípio do século XX, quando o Congo se tornou uma colónia, tendo o rei decidido ceder à Bélgica aquilo que ele considerava como **a sua própria obra, fruto do seu trabalho**. Tratadas como **auxiliares da obra colonial**, as sociedades com alvará receberam a plena propriedade de uma região, aonde cobravam os impostos, asseguravam os serviços da polícia, organizavam os transportes, etc.

Estas sociedades foram dissolvidas com a entrada em vigor da **mesa redonda económica** de 1960, e os propósitos do general Mobutu Sese Seko não tinham fundamento jurídico quando declarou: **A partir de hoje, ponho fim à existência de todas as sociedades com alvará.** De facto, o chefe do Estado ataca as sociedades que surgiram sob formas diferentes para conservar os activos daquelas que as haviam precedido.

A Forminière, por exemplo, **continua a não ligar importância ao Estado zairense treze anos depois da independência**, explicou o general Mobutu, graças a uma filial de direito belga que tomou sucessivamente o nome de Interfor e Indufor.

Outras decisões vão aplicar-se nos domínios que não dizem respeito exclusivamente a antigas companhias com alvará; mas consideradas como essenciais para a actividade económica do país. Uma nova sociedade, a Companhia Marítima Zairense, com capitais exclusivamente zairenses, terá o monopólio das exportações. A Sociedade Nacional de Seguros (SONAS) terá a exclusividade de todos os contratos. Ficará encarregada, por outro lado, do aluguer e da venda de todos os imóveis, deixando de existir todos os agentes imobiliários estabelecidos por sua conta. Todos os trabalhos de construção encomendados pelo Estado serão confiados a uma Empresa Nacional de Construção (ENC). Os bancos continuarão a ser o único sector importante que escapa ao controlo total do Estado.

Vai ser criada uma sociedade zairense para controlar as operações das sociedades estrangeiras, que beneficiam do código dos investimentos promulgado em 1969. Este código, que continua em vigor, contém disposições muitíssimo liberais, e as grandes sociedades internacionais, que consideram os investimentos na África negra devem ser amortizados em cinco anos devido aos **riscos políticos**, consideram, também, ser o Zaire, até agora, um dos países mais **interessantes**. Metade das remunerações do pessoal expatriado é transferida para o seu país de origem; as importações de materiais e de produtos necessários à boa marcha da empresa não estão, praticamente, contingentados; os lucros da sociedade são integralmente transferíveis, depois de paga a contribuição de 50 por cento. Em caso de cessão ou de liquidação da empresa, todo o capital é repatriável.

Após a crise de 1967, marcada pela **revolta dos mercenários**, acreditou-se que as relações entre o Zaire e as grandes sociedades belgas iam normalizar-se. Dois meses depois da visita do rei Balduíno a Kinshasa, em Junho de 1970, a **União Mineira do Alto Catanga** emanação da Sociedade Geral da Bélgica (Société Général de Belgique) — fez propostas para retomar as actividades que tivera de cessar no Congo em 1966. Estas propostas foram rejeitadas pelo general Mobutu em proveito dos americanos, dos japoneses e dos franceses, que ofereceram condições mais vantajosas.

As firmas belgas de menor importância, ao observar a **desobrigação** da Société Général e da Union Minière, abstiveram-se de aproveitar o código dos investimentos zairense. Algumas sociedades já instaladas no Zaire, fizeram exactamente os investimentos estritamente necessários para se manter no limite da rentabilidade.

O presidente Mobutu com Nixon

«FELICITAÇÕES ESPECIAIS» A CERTAS SOCIEDADES

Em 1975, todas as sociedades que tenham completado mais de cinco anos de existência no Zaire, deverão contar zairenses nos lugares de presidente e de director-geral. Para além desta medida, as sociedades estrangeiras, distin-

Nos restaurantes da pergunta que os europeus co em fazer ao cozinheir vermelha que aí se serve ta encontra-se nas pistas DC-7 matriculados no Ga sianos, descarregam qua de Salisbúria. Se nos der de comer fruta à sobrem se apostarmos em como do Sul.

Os estômagos delicados dos expatriados não são os únicos a exigir alimentos importados neste país que os especialistas designam, contudo, como o futuro «jardim da África» em virtude da variedade dos seus climas e da riqueza do seu solo, e onde mais de 70 por cento da população vive em princípio da terra. As pequenas caixas de concentrado de tomate de que as pessoas se servem invariavelmente para preparar a mandioca e a farinha de milho, vêm da Grécia ou de Itália. Os extras, peixe enlatado e peixe seco, vêm dos países escandinavos

Só os espíritos cartesianos se surpreenderão com o facto de o General Mobutu Sese Seko tolerar as importações provenientes da África Austral enquanto a rádio transmite duran-

NDÊNCIA"

Uma imagem das perturbações ocorridas no Congo ex-belga após a independência

Por JEAN DE LA GUÉRIVIÈRE «Le Monde»/«DL»

tas das emanações das ntigas sociedades com alvará, que se tenham instalado no Zaire para exercer uma actividade industrial, não se encontram ameaçadas. Para além de alguns investidores belgas que tiveram **a lucidez de se adaptar e de amadurecer com o país, há grandes sociedades estrangeiras que merecem felicitações especiais**, declarou o chefe do Estado que, durante a sua visita oficial à Grã-Bretanha, em Dezembro último, citou o grupo Unilever.

Hoje, os membros destas grandes sociedades inquietam-se com os efeitos da **zairização** nos circuitos de distribuição, mas declaram, com a discrição de concorrentes satisfeitos, que **nem tudo é mau no discurso de 20 de Novembro**, e deixam perceber que são as sociedades belgas **retrógradas** que pagarão as custas da operação.

Todos os anos, afirma o general Mobutu, **transferimos para a Bélgica uma soma que varia entre 12 e 15 biliões de francos belgas, com exclusão das operações sobre as mercadorias, isto é, as transferências salariais, as comissões, as despesas de administração, os dividendos e todos os serviços diversos. Já frequentes vezes chamei a atenção dos meios belgas para o facto de não trazerem, em investimentos (no Zaire), senão 100 milhões de francos belgas por ano. Um assiste o outro?**

Os belgas que se encontram — que se podem encontrar — em Kinshasa não parecem estar de acordo com as estatísticas do chefe do Estado zairense, mas **reconhecem certas injustiças** da antiga metrópole, com uma facilidade que, às vezes, é surpreendente.

Utilizando, ao mesmo tempo, a mentira e a bastonada, o general Mobutu tinha gritado alto e bom som em 30 de Novembro, depois de ter acusado a antiga metrópole: **Pela primeira vez — posso dizer-vos solenemente — não somente tenho relações quase sentimentais com a família real da Bélgica, como, ainda, o actual primeiro-ministro da Bélgica é um dos homens políticos belgas de quem gosto e que respeito.** Esta dialéctica permite a muitos dos 40 000 belgas que vivem ainda no Zaire, pensar no futuro sem demasiada inquietação.

Em 1972, dezassete por cento das importações do Zaire foram de origem belga e 58 por cento das exportações foram feitas com destino à antiga metrópole. Em 1965, estas percentagens foram respectivamente de 33 e 24 por cento. Se o Zaire é um cliente menos importante do que anteriormente, tornou-se o principal fornecedor de matérias-primas, depois que o general Mobutu restabeleceu a ordem.

No dia 30 de Junho último, contavam-se no Zaire 3.792 cooperantes estrangeiros em serviço no sector público; 1.427 dentre eles eram remunerados pelo Zaire. Entre os cooperantes pagos pelo seu Governo, os belgas eram os mais numerosos: 956 professores, 437 conselheiros civis e 180 militares. Como confessam alguns dos seus compatriotas, estes cooperantes belgas nem sempre são de um nível satisfatório: antigos funcionários coloniais, procuram menos assegurar a substituição zairense do que permanecer no lugar ocupado até terem atingido a idade da reforma, não prevendo a legislação belga a sua integração na função pública caso voltem à metrópole.

Depois dos cooperantes belgas vêm os franceses (cerca de 200 cooperantes técnicos e 120 ensinantes), os americanos, os italianos e os britânicos, seguidos pelos chineses (50 conselheiros agrícolas).

Em 1972, os cooperantes estrangeiros eram de 4.987. A importante redução de efectivos operada num ano testemunha a vontade do general Mobutu de africanizar o mais rapidamente possível as principais administrações. Esta vontade inspirou, também, novas medidas no comércio e na agricultura, aquelas que terão mais incidências entre a população durante os meses futuros.

O SALTO NO DESCONHECIDO

a capital do Zaire, há uma us sentem um prazer diabóli- iro: qual a origem da carne e abudantemente? A respos- as do aeroporto quando os abão, e pilotados por rode- uartos de carne importados rmos ao luxo (dispendioso) meca, não arriscamos muito no proveniente da África

te o dia os discursos em que convida os seus concidadãos a «cultivar o ódio contra os brancos racistas da África do Sul» e fustiga os países ocidentais que com eles comerceiam.

O Chefe do Estado do Zaire tem de fechar os olhos aquilo **que se passa no seu país caso** não deseje reduzir à fome uma parte da população. A produção agrícola, com efeito, diminui desde a independência. Enquanto os agricultores se queixam da taxação da sua produção a um nível considerado demasiadamente baixo no mercado interno (o que provoca um vasto tráfico de contrabando nas regiões fronteiriças), as importações fazem-se sentir consideravelmente sobre o custo da vida.

Mobutu com o imperador da Etiópia, H. Selassie

Na base de 100 em 1969, o índice dos preços era de 173 em 1973. Kinshasa é uma das cidades mais caras do mundo.

Numerosas importações são facturadas no país de origem a um preço superior ao preço de venda efectivo. A diferença fica numa conta em divisas aberta no estrangeiro, mas o excesso de facturação é «repercutido» no momento da revenda no mercado local. Outros comerciantes consideram normal aumentar os seus preços porque são «obrigados» a recorrer ao mercado paralelo do Zaire, onde a margem é superior a 50 por cento, para poderem «repatriar» os lucros dissimulados junto do fisco.

O FIM DOS PLANTADORES

«Os morangos de Kivu, dizem-nos, apodrecem no local sem que seja possível fazer chegar um único a Kinshasa, por falta de transportes regulares. Esta desculpa da dificuldade dos transportes, frequentemente invocada pelo Governo, não é aliás séria: todos os frutos e legumes podem desenvolver-se aqui mesmo, às portas de Kinshasa. Note que apenas 5 por cento da superfície deste país é cultivada».

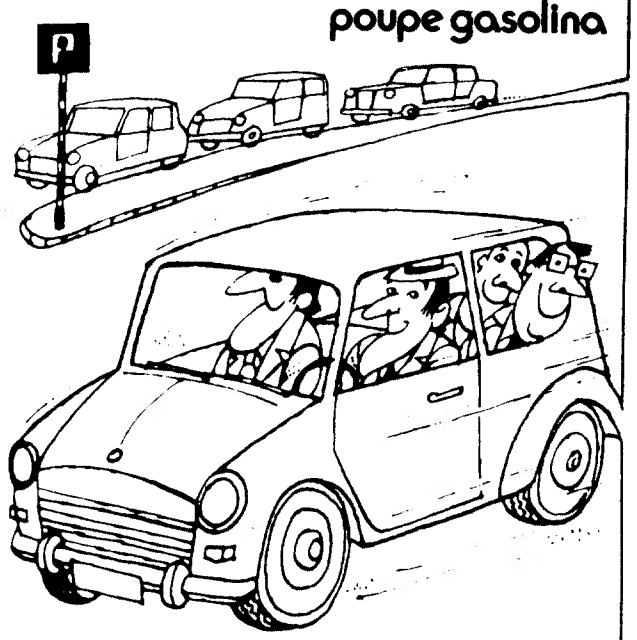
Estas graves insuficiências no sector agrícola foram vigorosamente postas em evidência pelo governador do Banco do Zaire, e há dois anos que se anuncia em Kinshasa que a agricultura tem agora «a prioridade das prioridades». Em 1972, o orçamento da agricultura quase tripulou relativamente ao ano anterior. Estas medidas orçamentais bastarão para transformar as mentalidades no momento em que os naturais do país são convidados a ocupar o lugar dos últimos plantadores estrangeiros?

«As plantações, as explorações pecuárias, as herdades e as carreiras pertencem aos

Continua na pág. seguinte

planeie deslocações em grupo

poupe gasolina



Aproveite ao máximo a lotação dos carros. Não vá para o emprego sòzinho: combine com os seus amigos e vizinhos as deslocações comuns. Evite a deslocação de vários automóveis nos mesmos percursos e contribua significativamente para a redução do consumo de combustível. A gasolina faz falta a todos. A si também.

poupe combustivel

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS / SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

O SALTO NO DESCONHECIDO

Continuação da página anterior

naturais do país, decidiu o General Mobutu. Todas as concessões valorizadas com o financiamento do crédito ao colonato (isto é, com empréstimos feitos aos colonos pelo Governo belga graças, afirmam as autoridades de Kinshasa, a «uma acumulação de capital originada no Zaire») devem ser consideradas como pertencendo obrigatoriamente aos naturais do país. Por todas as outras que foram valorizadas pelo esforço das pessoas físicas ou morais estrangeiras, será paga uma indemnização equitativa aos antigos proprietários, num prazo de dez anos».

Durante as perturbações dos anos 60, grande número de colonos belgas abandonou o país, e os que ficaram — algumas centenas — perguntam em que é que a sua presença podia «lesar» os naturais do país, na medida em que muitas das explorações deixadas pelos seus antigos proprietários continuam abandonadas. Os beneficiários do crédito ao colonato foram advertidos de que é junto da antiga metrópole que terão de fazer valer os seus direitos a uma indemnização. Os outros poderão ser convidados a permanecer nas explorações na qualidade de gerentes a fim de receberem anualmente as indemnizações prometidas a partir dos lucros da exploração.

A PARTIDA DOS COMERCIANTES

Além de algumas centenas de agricultores, havia ainda no Zaire, no fim do passado ano, vários milhares de pequenos comerciantes estrangeiros: quinze mil gregos, instalados sobretudo em Lubumbashi e na região de Shaba; doze mil portugueses, que encontravamos principalmente no centro do país e no Baixo Zaire; três mil paquistaneses, regra geral possuidores de uma loja nas cidades.

Embora entregando-se a frutuosos tráficos, estes estrangeiros tinham uma utilidade económica na medida em que asseguravam no mato serviços para os quais os bantus revelaram até agora pouco gosto e disposição. Existem já no Zaire grandes sociedades comerciais tais como a Sociedade Geral de Alimentação dirigida pelo sr. Litho, personagem contestada, à qual os seus laços de parentesco com o Chefe do Estado dão uma grande liberdade na sua gestão, ou African Lux, dirigida pelo sr. Moleka, outro familiar do Presidente, que tem o exclusivo de certas importações e não paga impostos de entrada no caso de determinados produtos.

Em 30 de Novembro, o General Mobutu anunciou que os paquistaneses e os portugueses ficavam «proibidos de permanecer» em certas regiões, e que «deviam ceder imediatamente os seus negócios aos naturais do país sob controlo e arbitragem do Estado». O Chefe do Estado acrescentou que se «procederia a uma zairização progressiva, mas rápida, do comércio tanto interno como externo».

Dado que uma lei sobre a «zairização» do comércio, promulgada em 5 de Janeiro de 1973, permanecera letra morta, os interessados esperam que este discurso não seja seguido de efeitos. À luz das medidas de aplicação que foram publicadas a seguir, compreendeu-se que, pelo contrário, todos os estrangeiros e todas as categorias de comércio eram visados. Todos foram convidados a preencher, no mais curto espaço de tempo possível, um questionário sobre a natureza das suas actividades e a importância dos seus «stocks», com vista ao estabelecimento do preço de cessão do capital de comércio aos naturais do país.

O General Mobutu tinha inicialmente declarado que apenas os cidadãos «solváveis» poderiam beneficiar das medidas de «zairização» relativas ao comércio, à pecuária e aos conjuntos agro industriais. «Para determinadas plantações e comércios, esclareceu o director do secretariado político do partido único, o General Mobutu entende fazer a experiência com os seus colaboradores mais próximos», isto é, os dirigentes do partido, os comissários do povo (deputados) e os comissários do Estado (ministros).

A PARTILHA DO «ESPÓLIO»

Muito embora houvesse o cuidado de acentuar que não se tratava de fazer nascer uma «burguesia», muitos foram os que criticaram esta iniciativa. Um estudante teve a ousadia de perguntar publicamente a um dignitário do regime convidado a fazer uma conferência na Universidade de Kinshasa «quem lucraria com o espólio». Após um período de reflexão, o General Mobutu declarou no princípio do ano que «à excepção do pequeno comércio, o qual será entregue aos naturais dos países que para isso tenham os meios e a vocação», as plantações e as herdades se tornariam propriedade do Estado.

Alguns dias depois de se ter congratulado com a atribuição dos bens estrangeiros a todos os homens «honestos e dotados» que se encontram na chefia do partido, na Assembleia Nacional e no Governo, o quotidiano oficioso Elima teve de explicar que «se tinha verificado que os dignos representantes dos três órgãos de concepção e de direcção do país tinham ideias egoístas e ambiciosas (sic) de tudo engolir...»

Presentemente, alguns comerciantes por grosso estrangeiros não perderam a esperança de obter uma «derrogação», mas, para os pequenos comerciantes do interior, é o fim de uma época. Deixando temporariamente os maridos, que tentam salvar o que lhes é possível, mulheres idosas do tipo mediterrâneo carregadas de malas de cartão passam, pela última vez, pela alfândega dos aeroportos após uma busca minuciosa.

Os velhos colonos, os «persistentes» como dizem os belgas, prometem dias difíceis aos africanos que não poderão abastecer-se no mercado negro nos próximos meses. Não se encontrando ameaçados nos seus bens, os «coopérants» revelam uma maior serenidade. Verdadeiro «salto no desconhecido», a «zairização» do comércio é susceptível de perturbar o país durante muito tempo, afirmam eles. Muitos, porém, apoiam o General Mobutu por ter «corrido o risco de pôr termo a uma situação e obrigar os africanos a lançarem-se à água para assumirem o controlo dos seus negócios».

Para ajudar o seu país a atravessar este difícil período de adaptação, o General Mobutu dispõe de importantes trunfos: o cobre, a energia hidro eléctrica e, talvez, o petróleo.

compre na BAIXA compre melhor

A MELHOR CASA DE BRINQUEDOS
KERMESSE DE PARIS
R. 1. de Dezembro, 127
Telef. 36031

Glorex
PRONTO A VESTIR
CONFECÇÕES DE LUXO
Rua dos Fanqueiros, 97-101
Tel. 24 24 43

ALCATIFAS
DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 32 36 37

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE CARVALHO, C.ª, SARL

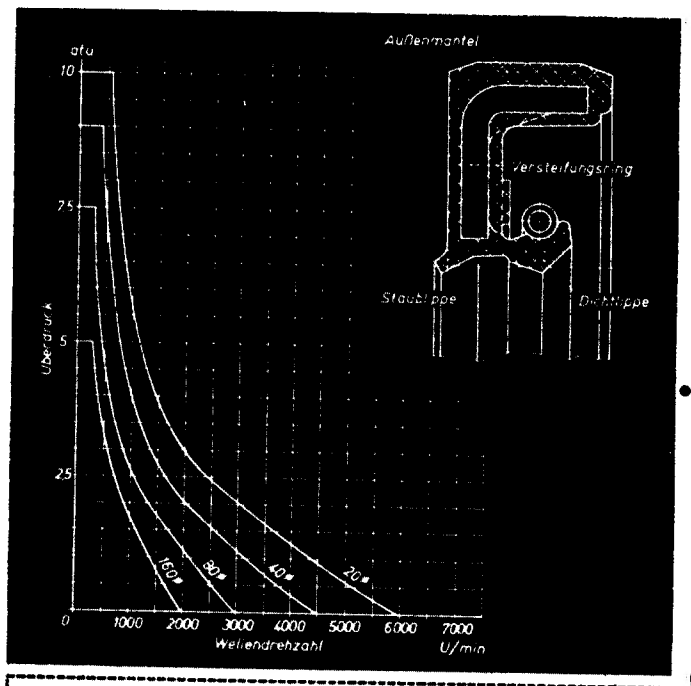
Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/321123

MODAS
Gama
Abertura das 10 às 13 h. e das 15 às 20 h.
RUA DOS FANQUEIROS, 141-143 — LISBOA - 2
Telef.: 32 78 26

ALCATIFAS
PAPÉIS PINTADOS
TECIDOS
TODAS AS MARCAS
E AS MAIS LINDAS COLECÇÕES
AOS MELHORES PREÇOS
MAFRAS & CANEÇAS, LIMITADA
R. da Prata, 167 - R. dos Correeiros, 106—T. 366255
MC, Lda.

Costa & Branco
Artigos de Decoração
Balanças — Ménage
LISTAS DE CASAMENTOS
R. da Assunção, 75 — Tel.: 32 59 35 — Lisboa

PARA VEIOS ROTATIVOS SOB PRESSÃO
SIMMERRING ®



UM NOVO VEDANTE RADIAL TIPO BABSL

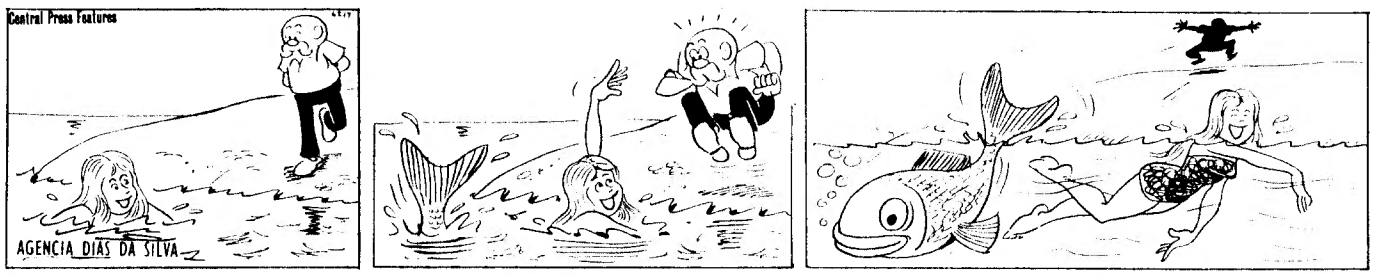
Especialmente indicado para
•bombas hidráulicas
•bombas de óleo (temperaturas elevadas)
•motores,
•acoplamentos,
•caixas de engrenagens
e muitas outras aplicações.

Para informações técnicas sobre o novo vedante radial tipo BABSL
Nome.....
Morada.....
Corte e cole num postal endereçado a

SIMRIT

FAG PORTUGUESA, LDA. PORTO · COIMBRA · LISBOA

Mary Clarket, estudante de uma escola para cegos, em Filadélfia, «contempla» uma flor numa recente exposição nesta cidade norte-americana, através da sua apurada sensibilidade dos dedos. Mary Clarket fez parte da visita de estudo, organizada pelo seu estabelecimento de ensino.



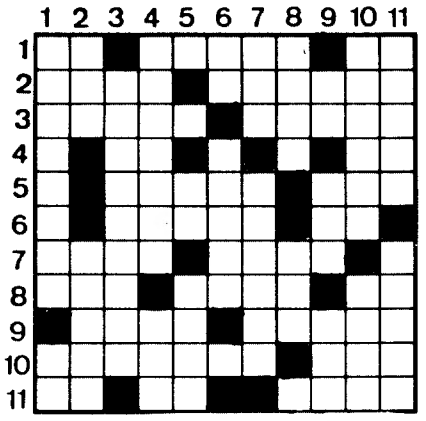
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10727

HORIZONTAIS:

1 Preposição. Avalias (fig). Utensílio doméstico.
2 Levante ferro. Prenderem com elos.
3 Costumara. Oculto.
4 Quantum satis. Caminhar.
5 Gritos lamentosos dos cães. Ilha do estado da Baía.
6 Dera aviso de alguma coisa em voz alta. Letra grega.
7 Burro. Pequena coluna sem capitel que os Antigos colocavam nos túmulos.
8 Terceiro. Uma das três musas, segundo Pausânias. Viração.
9 Aniversário. Cilada.
10 Cepos onde se prendiam os condenados à morte. Atilho.
11 Seguia. O mesmo que uma (ant e pop). Confusão.



VERTICAIS:

1 Axorcas, que os Timorenses trazem nos artelhos. Pronome pessoal.
2 Enguia. Fechara as asas para descer mais depressa.
3 Antiga moeda de Goa.
4 Da Pérsia. Organização das Nações Unidas.
5 Tempo do verbo ir. O mesmo que asco.
6 Pronome reflexo. Desloca. Artigo definido.
7 Fileira. Ditos.
8 Divisão de uma casa. Preposição.
9 Rádio (s.q). Enguia. Olé.
10 Cogombro. Árvore de Damão.
11 Fruto da amoreira. Glóbulos.

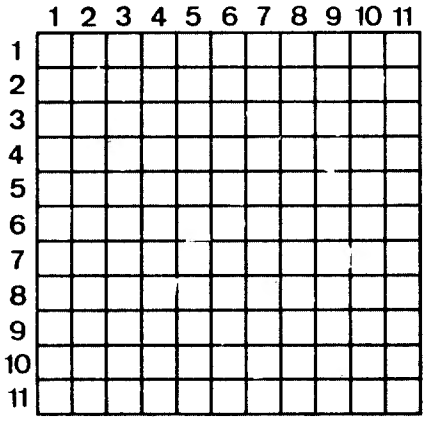
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6885

HORIZONTAIS:

1 Parvo. Rio do estado do Paraná.
2 Prefixo que designa afastamento. Cidade do Japão. Frâncio (s.q).
3 Conjunção. Terceiro. Lugar por onde se vai.
4 Ateio grande desejo em. Gesto.
5 Enguia. Estava.
6 Emprego. Prefixo que designa ar. Fileira.
7 Nome antigo do sítio, depois chamado Belém, onde D. Manuel I de Portugal ergueu o templo denominado os Jerónimos.
8 Distar. Empregada. Aqui.
9 Chega. Boi selvagem. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
10 Enfeitam. Nota musical. Interjeição que exprime admiração.
11 Ecoa. Aviva.



VERTICAIS:

1 Fruto silvestre do Brasil. Exclusivos.
2 Moeda de prata da Índia (ant). Invulgar.
3 Irmã. Ilha do Estado da Baía.
4 Artigo definido. Letra grega. Pronome pessoal.
5 Um dos estados da América do Norte. Arroguei.
6 Cento e um em romano. Denunciar o crime de (ant).
7 Derrota (pop). Campânula.
8 Grito aflitivo. Cério (s.q). Nota musical. Prefixo de negação.
9 Uma das estações do ano.
10 Finalmente. Filtram.
11 Cidade da Argélia. Prepara.

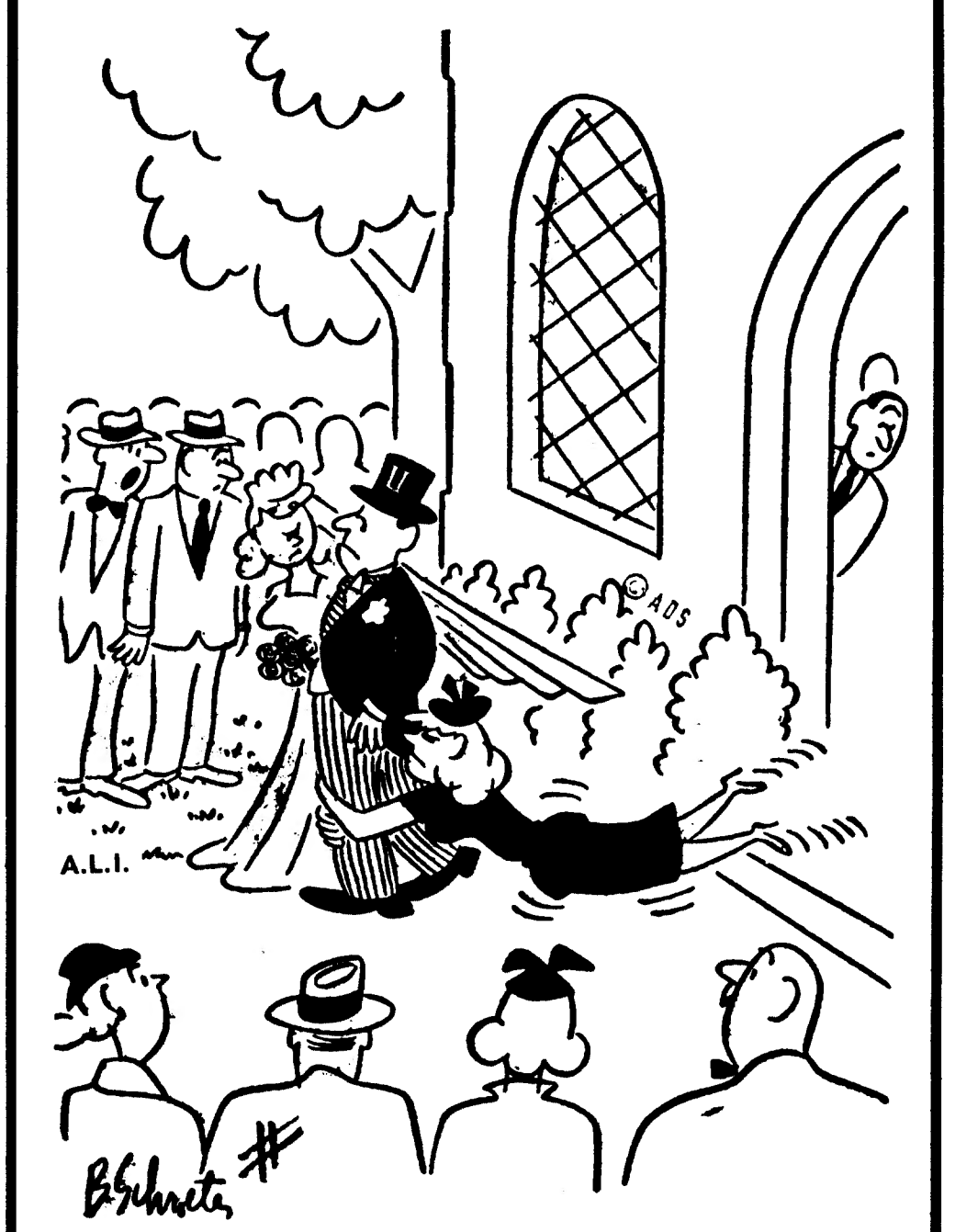
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10726

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Não. Ásia. Há.	1 BOA. TERRA.
2 Premente.	2 Aporta. Ruei.
3 Bola. Mães.	3 Orlariam.
4 Ora. La. Lá.	4 Ea. Assolam.
5 Atra. Barrar.	5 Am. Asena.
6 Ais. Ora.	6 SEM. BOM. Chó.
7 Asam. Sara.	7 Inalar. Sãos.
8 Ermos. Aam.	8 Atearas.
9 Ru. Leça. Ada.	9 És. AAA.
10 Rebanhos. Or.	10 LAVRADOR.
11 Aí. Mãos. Ero.	11 Assar. Amaro.

Provérbio: NÃO HÁ BOA TERRA SEM BOM LAVRADOR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6884

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Leitegada.	1 Lemnos. Agá.
2 Imolara.	2 Ruaram. Rs.
3 Erram. Samos.	3 Eiras. Lares.
4 Muas. Mapa.	4 Imãs. Lidite.
5 Nas. Vil. Sir.	5 Tom. Vir. Na.
6 Or. Licas. Aa.	6 El. Sic. S.C.
7 Salir. Outro.	7 Gas. Lao. Or.
8 Mad. Ria.	8 Aram. Surtir.
9 Rincoto.	9 Damas. Tioco.
10 Greta. Ricas.	10 Opiara. Am.
11 Asse. Romã.	11 Asarão. Asa.



Esta não renunciará nunca?

PELO MUNDO

CIMEIRA

A cimeira de Pitsunda, estância turística do Mar Negro, que reuniu o presidente Georges Pompidou e o secretário-geral do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev, foi o acontecimento político de maior importância na semana que passou. Nas conversações efectuadas, a União Soviética manifestou o desejo da França participar nas conversações de paz do Médio Oriente na Conferência de Genebra.

PALÁCIO

O tema da primeira página dos jornais italianos, duma interpelação no parlamento. e de agitação nos meios políticos é uma transacção relativa ao Palácio de Torlonia, um dos mais belos de Roma.

Construído no séc. XIX, segundo os cânones da arte neoclássica, por Alessandro Torlonia — que o povo comparava ao imperador Adriano, o construtor — o Palácio que possui um dos mais belos parques da capital, foi habitado por Mussolini de 1925 a 1943. Uma lei recente declarou-o edifício público. Devia ser comprado pela municipalidade a um preço entre 100 e 300 milhões de liras. Ora, um hectare e alguns edifícios, aproximadamente a 18. Parte do conjunto, foi leiloado discretamente em 31 de Janeiro último.

Motivo: o marquês de Torlonia que é dono da propriedade com os Torlonia, devia dinheiro ao fisco. Esta encarregou um banco de organizar o leilão do lote que foi vendido por 57.600.000 liras (o preço dum andar nos arredores) a um industrial milanês.

A imprensa espanta-se com a operação e não sabe a razão que leva a municipalidade a não ter exercido ainda o seu direito de expropriação. Na opinião dos jornais trata-se duma manobra dos Gerini — Torlonia.

O preço desta parte do palácio, embora módico, é muito superior àquele que prevê a lei de expropriação. Assim, os proprietários do resto do conjunto, poderiam servir-se deste precedente para exigirem da municipalidade um pagamento proporcional e obterem assim, uma verba de cerca de mil milhares.

Um senador apresentou uma interpelação no Parlamento. O Ministério da Instrução Pública de que depende o futuro da moradia, declara não ter sido informado do leilão. Segundo a lei, a câmara tem dois meses para intervir e voltar a comprar ao mesmo preço a parte da moradia já vendida.

PETRÓLEO

O ministro das Finanças da Alemanha Federal, Helmut Schmidt, afirmou em Chicago que os governos já não podem politicamente ficar a olhar para a política de preços e vendas das grandes companhias petrolíferas.

«Não pude fazer nada, quando durante a crise petrolífera o Governo da Alemanha Federal dependeu inteiramente da boa vontade de alguns directores de companhias petrolíferas para obter as suas informações» — declarou Schmidt, acrescentando:

«As companhias petrolíferas não têm outra alternativa senão agirem de forma transparente. Pelo menos terá que haver respostas claras às questões relacionadas com os impostos e rendimentos e os controlos dos preços».

«O objectivo dos Estados Unidos e da Alemanha Federal, para mecionar apenas estes dois países, deveria ser a aplicação de impostos sobre os actuais lucros das companhias duma forma apropriada e não permitir as distorções internacionais.

«E, uma vez que esses lucros são para reinvestir na produção de energia, gostaria que os países que os proprocionam às companhias multinacionais tivessem uma maior comparticipação nos investimentos» — disse ainda Schmidt.

O ministro alemão concordou que as companhias petrolíferas devem continuar a desempenhar o seu papel devido à sua experiência e técnica de desenvolvimento dos mercados petrolíferos e as suas pesquisas de novos campos de petróleo.

PENA CAPITAL

O Senado votou por 54 contra 33, no sentido de restaurar a pena de morte nos Estados Unidos e de a tornar obrigatória em determinadas circunstâncias.

A proposta de lei segue agora para a Câmara dos Representantes, que votou ontem a favor de se perfilhar muito do mesmo procedimento preconizado na lei do Senado em relação com actos de pirataria aérea.

Não tem havido execuções nos Estados Unidos desde 1967. Em 1972, o Supremo Tribunal anulou leis norte-americanas prevendo a pena capital, deliberando que foram escritas de forma a conceder demasiada autoridade a juízes e juris e que conduziram a discriminação contra os pobres e minorias.

Nos termos da lei do Senado, a pena capital será autorizada em casos de traição, espionagem, homicídio e assassínios cometidos durante actos de sabotagem, de pirataria aérea, de rapto, de fogo posto e de evasão.

Antes de a pena de morte poder ser considerada, o réu teria de se confessar culpado do crime ou ser considerado culpado dele. Depois, iniciar-se-ia um processo separado nos tribunais para determinar se a pena capital deveria ser imposta.

A proposta de lei prevê cinco circunstâncias atenuantes que impediriam a imposição da pena de morte se qualquer delas fosse provada.

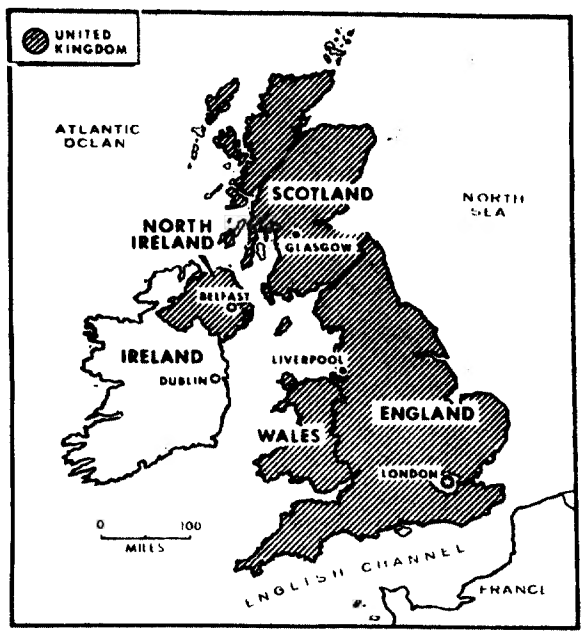
Essas circunstâncias são: se um réu tiver menos de 18 anos, se o réu estiver sob coacção, se o réu não puder compreender as acções que o levaram ao crime, se a cumplicidade no crime foi relativamente pequena ou se o réu não puder ter razoavelmente previsto que as suas acções criariam um risco de morte.

Posteriormente, o Senado acrescentou uma emenda á proposta de lei isentando da pena capital as mulheres grávidas.

Se não existir qualquer dessas circunstâncias e se o réu for considerado culpado de ter cometido o crime de uma forma odiosa, cruel ou depravada ou de o ter feito com a mira do lucro, ou se envolver os presidentes e outros altos funcionários governamentais ou ainda um chefe de Estado estrangeiro, a pena de morte seria obrigatória.

O Senado derrotou uma emenda apresentada por Harold Hughes, democrata por Iowa, que preconizava que todas as execuções fossem publicas e abertas a reportagens da rádio e televisão.

Foram também derrotadas emendas do senador Edward Kennedy, democrata pelo Massachussetts, proibindo o fabrico caseiro de pequenas armas manuais e exigindo um registo e a licença de todas as armas portáteis a cidadãos particulares.



DECLARAÇÃO

O primeiro-ministro da República do Eire, Liam Cosgrave, afirmou num discurso que a Irlanda do Norte devia estar integrada no Reino Unido, o que provocou uma vaga de atentados, como protesto àquelas declarações.

«STREAKING»

O «streaking» — moda recente de correr nu em público — começa a ganhar adeptos também na Europa. Originário dos Estados Unidos, rapidamente os ingleses o aceitaram como se pode apreciar na telefoto em que uma jovem loura deu o seu pezinho na estreia do «streaking».

«RODA MÁGICA»

Para fazer face à crise da energia, os técnicos americanos decidiram montar em breve em vários combóios do metro de Nova Iorque uma «roda mágica» que permitiria reduzir em 30 por cento o consumo de electricidade.

Esta «roda mágica» é tirada da técnica do torno e do ceramista. Este torno move-se por meio dum pesado volante de pedra capaz de desenvolver, num periodo muito curto, a energia do artífice que a empurra com o pé.

Graças a este princípio, poder-se-á recuperar a energia gasta na travagem dos combóios à entrada de cada estação.

Esta energia faria rodar um volante de 4 discos totalizando 300 kg a uma velocidade compreendida entre 9800 e 14 mil loltas por minuto. Quando o combolo parte de novo, a energia acumulada pelo volante produzirá, graças a um gerador, a electricidade utilizada para a tracção. Por seu lado, a municipalidade de S. Francisco encarregou a firma Lockheed de elaborar um projecto de autocarro sem motor funcionando a partir da energia produzida por um volante semelhante. Esta inovação teria também a vantagem de reduzir a poluição urbana. Os técnicos americanos estão a pensar também em volantes rodando no vácuo a uma velocidade supersónica, os quais serviriam para a propulsão de automóveis e mesmo de aviões.

CRIMES

Klaus Altmann, pretendido pela França por alegados crimes cometidos como capitão da Gestapo, negou que tivesse usado falsos documentos para obter a cidadania boliviana, há 20 anos.

«Não pode ser verdade. É falso» — declarou Altmann numa entrevista a um jornal boliviano.

O procurador-geral da Bolívia, Rene Baldivieso, disse que indicaria ao Supremo Tribunal boliviano que Altmann não devia ser extraditado para a França, porque os dois países não têm tratado de extradição.

Mas acrescentou que Altmann usou falsos documentos para obter a cidadania boliviana em 1953, e que ela lhe podia ser retirada.

«E uma declaração que nunca deveria ter feito — disse Altmann na entrevista — o tribunal decidirá isso.»

Baldivieso afirmou que a Bolívia tinha provado que Altmann era o mesmo homem que Klaus Barbie, capitão da Gestapo em Lião, França, que foi condenado à revelia à pena de morte, por dezenas de assassínios.

O Peru também pediu a extradição de Altmann, alegando que o alemão era sócio num caso de mercado negro, ocorrido no Peru.

O pedido do Peru foi recusado no ano passado. E logo a seguir Altmann foi libertado, depois de oito meses na prisão de La Paz.

Exclusivo

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa